

MASSIMO CARLOTTO

**ARRIVEDERCI
AMORE,
CIAO**

Diário
de um
crápula

VESTÍGIO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MASSIMO CARLOTTO

**ARRIVEDERCI
AMORE,
CIAO**

Diário de um crápula

Tradução
Fernando Scheibe

VESTÍGIO

Artigo 178 do código penal italiano:
A reabilitação anula a pena
acessória e qualquer outro efeito penal da
condenação, a menos que a lei
disponha de outra forma.

Artigo 179 do código penal italiano:
A reabilitação é concedida após cinco anos
decorridos do dia em que a pena
terminou de ser cumprida ou foi anulada
de outra forma, desde que o condenado
tenha dado provas efetivas e constantes de boa conduta.

Prólogo

A carcaça do jacaré boiava de barriga para cima. Fora abatido porque começara a se aproximar demais do acampamento e ninguém queria perder um braço ou uma perna. O fedor adocicado da decomposição se misturava com o da floresta. A primeira cabana ficava a uma centena de metros daquela clareira. O italiano conversava tranquilamente com Huberto. Percebeu minha presença. Virou-se e sorriu para mim. Dei uma piscada para ele, que voltou a falar. Me aproximei de suas costas, respirei fundo, e disparei em sua nuca. Ele desabou no chão. Nós o pegamos pelos pés e pelos braços e o colocamos ao lado do jacaré. O réptil de barriga para cima, ele de cara para baixo. A água estava tão densa e imóvel que foi com dificuldade que o sangue e pedaços de cérebro conseguiram afundar num espaço do tamanho de um pires. Huberto pegou a pistola, colocou na cintura e, com um movimento de cabeça, me fez sinal para voltar ao acampamento. Obedeci, embora tivesse preferido ficar mais um pouco olhando o corpo na água. Não pensava que fosse tão fácil. Tinha encostado o cano em seus cabelos loiros, evitando tocar na cabeça para não correr o risco de que se virasse e me olhasse nos olhos, e apertado o gatilho. A detonação fora seca e fizera os pássaros fugirem. O recuo na mão fora leve e, com o rabo do olho, vira a culatra da semiautomática ir para trás e carregar outra bala. Na verdade, meu olhar estava concentrado em sua nuca. Um buraquinho vermelho. Perfeito. O projétil saíra pela testa abrindo um rombo. Huberto o vira morrer sem mover um músculo. Sabia que aquilo aconteceria. O italiano devia ser executado e ele tinha se oferecido para atraí-lo até a armadilha. Havia algum tempo que se tornara um problema. À noite, podre de bêbado, molestava os prisioneiros. Na noite anterior, o comandante me chamara para

conversar em sua tenda. Estava sentado na cama de lona e girava uma grande pistola entre as mãos.

– É uma calibre nove, de fabricação chinesa – explicou. – Uma cópia exata da Browning HP. Os chineses copiam tudo. São precisos e meticulosos. Se não fossem os ideogramas, daria pra confundir com uma autêntica. Mas a mecânica é uma bosta. Trava no meio do carregador. Perfeita na aparência mas fraca por dentro... Exatamente como o socialismo chinês.

Concordei fingindo interesse. O comandante Cayetano era um dos dirigentes históricos da guerrilha. E um dos poucos sobreviventes. Tinha passado dos sessenta e usava um cavanhaque fino e longo no estilo Ho Chi Minh e, como o líder vietnamita, também era alto e magro. Filho de um latifundiário da cana-de-açúcar, desde jovem decidira passar para o lado dos pobres e dos índios. Um cara coerente. Chato e topetudo. Certamente não tinha me chamado para bater um papo. Nunca o fizera. Nunca fora com minha cara.

– Mate-o – disse, estendendo-me a pistola. – Um tiro bastará.

Concordei de novo. Não demonstrei surpresa nem perguntei quem deveria matar. Tinha entendido muito bem.

– Por que eu? – limitei-me a perguntar.

– Porque você também é italiano. Chegaram juntos e são amigos. É melhor que isso fique em família – disse num tom maldoso que não admitia réplica.

Concordei pela enésima vez e, na noite seguinte, apertei o gatilho. No acampamento, ninguém comentou o assunto. Todos esperavam aquilo.

Foi essa toda a minha experiência como guerrilheiro: uma execução à traição. Matar alguém que, como eu, resolvera dedicar a vida à causa de um povo da América Central. Em teoria. Na realidade, éramos dois babacas vaidosos, fugidos da Itália e dos filhinhos de papai da universidade, perseguidos por um mandado de prisão por associação subversiva e alguns atentados sem importância. Sem contar a bomba que tínhamos colocado na frente da Associação Industrial e que tinha matado um vigia noturno. Um

azarado prestes a se aposentar. Tinha reparado na bolsa, descera da bicicleta e tivera a péssima ideia de meter o nariz ali. Pelos jornais, descobrimos que passava ali todas as noites. Simplesmente não tínhamos verificado isso, ocupados demais em nos gabar, nos bares, das ações que outros tinham realizado. Foi uma garota com quem eu tinha ficado algumas semanas que resolveu colaborar meia hora depois de ser presa e entregar nossos nomes. Então atravessamos a fronteira francesa com toda a pressa. Em Paris, um ano depois, quando ficamos sabendo que tínhamos sido condenados à prisão perpétua, olhamo-nos nos olhos e decidimos bancar os heróis. Só que a selva não era o Quartier Latin, nem Bérghamo e muito menos Milão. E o inimigo, se o capturasse, não o colocava na prisão: esfolava você vivo, tirando a pele a partir do tornozelo. Tínhamos chegado cheios de entusiasmo e fervor revolucionário, mas em uma semana descobrimos que a vida na guerrilha era um verdadeiro inferno. Por sorte, sempre permanecíamos na retaguarda. Não tínhamos colhões para enfrentar os *rangers* da ditadura e seus instrutores americanos como faziam aqueles índios silenciosos. Nunca sorriam. Viviam e morriam com a mesma expressão. Meu amigo, com o tempo, perdeu a cabeça. Tinha começado a beber e a fazer estranhos joguinhos com os soldados que a Frente capturava nas emboscadas. Eu o avisei que ali não gostavam de certas fraquezas, mas ele já não dava ouvidos a ninguém. Passava o dia como um autômato, à espera da noite.

Aproveitei a chegada de uma equipe da televisão espanhola para me afastar sempre mais do comandante Cayetano, do perigo dos combates e da causa à qual me tornara completamente indiferente. Uma jornalista baixinha e bunduda pusera os olhos em mim. Dei a entender que a faria experimentar a embriaguez de uma aventura com um dos últimos combatentes das brigadas internacionais. Ela, após algumas noites de paixão, pediu e obteve do comandante que fosse eu a ajudá-la nas entrevistas. Fugi para a Costa Rica atravessando a fronteira a pé, depois de ter prometido que a encontraria em Madri. Mas não tinha documentos, e voltar para a Europa com uma condenação à prisão perpétua nas costas, naquela época, ainda me parecia um risco inútil. Procurei trabalho nas praias.

Investidores europeus, especialmente italianos, tinham começado a construir pousadas nas praias belíssimas e virgens. Nenhuma obrigação social, nenhum plano diretor e a concessão de licença baseada num simplíssimo sistema de subornos. De paraíso terrestre a paraíso de cimento. Além do italiano, eu falava espanhol e me virava bastante bem com o francês. Fui admitido como *barman* do hotel de uma italiana. Uma quarentona cheia de dinheiro, separada e sem filhos. Uma milanesa com faro para negócios. Daquelas que sabem lidar com as pessoas. Quando me apresentei, me examinou da cabeça aos pés. O que viu deve tê-la agradado, mas não tinha nada de burra. Me disse na cara que lhe parecia evidente que eu era um terrorista foragido. Um daqueles cabeças de merda que tinham destruído seu carro para construir uma barricada bem no centro de Milão. Lembrava da data. Eu também. Três dias de fúria, a cidade fedendo a gasolina e gás lacrimogêneo e dois mortos: Varalli e Zibecchi. Inventei uma historinha patética mas verossímil. Recomendou que não me comportasse mal; a polícia da Costa Rica não tinha nenhuma simpatia por refugiados políticos. Aquele lugar me parecia um paraíso em comparação com a selva e, pela primeira vez desde a fuga, levei em consideração a ideia de criar raízes. Meu destino, no entanto, estava nas mãos da patroa, e enfiar-me em sua cama, então livre, me pareceu o melhor método de manter a situação sob controle. Chamava-se Elsa e não era feia. Certamente, na praia circulavam mulheres muito mais bonitas e muito mais jovens, mas eu não estava em condições de me permitir certos luxos. Era uma criatura difícil e se fez cortejar por dois meses antes de dar para mim. Não acreditava na sinceridade de meu amor e em quase nada do que lhe contava. Para mim era fácil mentir para ela, e o fazia com prazer, aquilo me permitia construir uma identidade diferente, como um documento falso. Interior. Permitia-me viver longos períodos sem ter que encarar minha vida real, que eu começara a odiar. Me dava medo. Baseara-se tempo demais em declarações de intenções às quais nunca fui fiel. Por falta de coragem. E, no fundo, sempre soube disso. Mas era fácil mentir para mim mesmo e para os outros nos bares e outras reuniões. Não eram todos como eu. Muito pelo contrário. Eu fazia parte daquela minoria

que encontrara no movimento espaços de sociabilidade e liberdade que a família sempre me negara. Se tivesse imaginado que o preço seria a condenação à prisão perpétua e ter que matar um amigo, teria ficado em casa tranquilo, suportando as idiotices de meu pai, as fraquezas de minha mãe e a carolice de minhas irmãs.

Elsa preferia trepar de manhãzinha, antes de preparar o café da manhã dos hóspedes. Sempre achei que preferia aquele momento porque não a obrigava a fazer sexo por muito tempo. Era apressada e não tinha nenhuma imaginação. Orgasmo. Um beijo na testa. E um cigarro. Eu a traí pela primeira vez dois anos depois, com outra quarentona. Uma florentina, acompanhada do marido e da cunhada, que, com a desculpa de ter a pele muito clara e delicada, passava a maior parte do tempo sentada no balcão do bar. Gim tônica e uma vontade imensa de conversar. Era um pouco gorda, mas tinha um rosto bonito e olhos maliciosos. Lançava-me sinais inequívocos. Não era a única, e as outras eram todas mais jovens e apetitosas. Mas eu tinha atração pelas quarentonas. A ideia de me insinuar em suas existências e jogar com sua vulnerabilidade me dava vertigem. Traí Elsa sem nenhum remorso. Então vieram outras. Na época, eu tinha pouco mais de trinta anos e, como dizia Elsa, uma bela bunda. O bar era um local estratégico e não era preciso ter uma grande capacidade de sedução. Bastava um jogo de olhares de relance, sorrisos gentis e indefesos, e uma grande disponibilidade para escutar. Passei sete anos daquela forma. Quase sem me dar conta. Tudo acabou quando Elsa entrou repentinamente na parte de trás do bar e me encontrou em cima de uma alemã. Não me lembro do seu nome e nem mesmo do seu rosto, mas foi uma mulher muito importante na minha vida. Aquela trepada tirou de mim, de repente, tudo o que eu tinha. Na manhã seguinte estava fora do hotel, com uma bolsa na mão e uma grande pressa de desaparecer. Elsa recitara a noite inteira o papel da benfeitora traída e, de algum jeito, teria se vingado. Era uma mulher bacana, mas quando estava enfezada não raciocinava mais. Consegui roubar bem a tempo o passaporte espanhol de um cliente de Alicante com características bastante semelhantes às minhas; levei-o até um falsário que frequentava o bar, pedi que substituísse a fotografia e embarquei

num voo direto para Paris. Quando cheguei ao aeroporto, pensava em ir para o México. Parecia-me a atitude mais lógica. Então, três aeromoças da Air France passaram na minha frente. Parei para observá-las e, admirando seus traseiros, decidi dar uma guinada na minha vida. Foi só uma intuição, mas suficiente para me fazer mudar o plano de fuga apesar do mandado de prisão internacional que pesava sobre mim havia dez anos. Durante o voo, a intuição ganhou corpo, se transformou numa decisão irrevogável e depois num plano bem preciso: quando passei pelo controle alfandegário, fui direto para o primeiro telefone público. Não foi fácil contatar o sujeito que procurava, mas acabei conseguindo. Ficou surpreso em me escutar depois de tanto tempo e foi logo perguntando se eu estava com problemas. Suspirei e respondi que precisava encontrá-lo imediatamente.

Encontramo-nos na hora do almoço numa cervejaria em frente ao metrô Les Gobelins. Cheguei adiantado e passei algum tempo observando as pessoas que entravam e saíam do estabelecimento.

– Enrico, então você está de volta? O que aconteceu? E Luca? – perguntou antes mesmo de tirar a jaqueta, usando nossos nomes de guerra. Sergio, meu responsável direto na organização nos tempos do exílio parisiense, na verdade se chamava Gianni. Sempre fora um dirigente intermediário, e fizera carreira na França porque os peixes graúdos tinham todos sido presos na Itália. Olhei para ele. Tinha uma cara de peão e as mãos sujas de graxa. Devia trabalhar em alguma fábrica. A vida inteira se levantara às cinco da manhã para levar à fábrica sua consciência de classe.

– Luca morreu há vários anos – anunciei. – Pegaram-no brincando com o pau de um oficial prisioneiro e o mataram.

– Está brincando?

Limitei-me a fixá-lo.

– E você? – perguntou em voz baixa.

– Eu fiquei de saco cheio e voltei.

Sergio mordeu seu sanduíche para ter tempo de pensar. Mastigou devagar e tomou de um gole meio copo de vinho tinto. Tinha

compreendido que eu era um problema e que caberia a ele resolvê-lo.

– O que pretende fazer?

Chegara o momento de mostrar minhas cartas:

– Volto para a Itália, colaboro com a justiça e mudo de vida.

Empalideceu.

– Não pode fazer isso. Já fomos dizimados pelos colaboradores. Já faz tantos anos que paramos, Enrico. A organização não existe mais, nenhuma organização existe mais. A experiência da luta armada acabou.

– Então não tem problema – eu disse.

– Não é assim. Você conhece um monte de companheiros que nunca foram identificados. Pessoas que hoje levam uma vida normal e que não merecem acabar na prisão.

Dei de ombros. Se estivesse no lugar dele, teria feito cara de mau e lançado ameaças de morte. Mas ele se limitou a uma sincera expressão de dor.

– O que houve com você? – perguntou, passando a mão no rosto.

– Cansei desta vida de merda – respondi secamente. – Não tenho a mínima intenção de passar o resto da minha vida no exílio, correndo todo dia o risco de ir para a prisão por causa de quatro panfletos e um imbecil de um guarda noturno.

Sergio tentou um último apelo desesperado aos valores e aos ideais. Interrompi-o com um gesto.

– Encontre uma solução, Gianni – disse, chamando-o por seu verdadeiro nome. – Senão, fodo com todos os sobreviventes, inclusive sua irmã, que não tem nada a ver com a história. Misturo o nome dela com o dos outros, digo que foi ela que me trouxe o explosivo, e os tiras vão acreditar na hora.

Levantei e fui embora sem sequer olhá-lo na cara, deixando pela metade a cerveja e o sanduíche. O que me aborreceu: tinha pouco dinheiro e naquele dia não poderia comprar mais nada. Comecei a bater metodicamente à porta das pessoas que tinha conhecido durante minha primeira estadia em Paris. Escolhi aqueles que não tinham ligação direta com os italianos. Sabia que não tinha nada a

temer da parte dos guerrilheiros agora aposentados, mas prudência nunca é demais. Tinha um passaporte falso e uma condenação na Itália. Bastava um dedo duro para eu ir parar na prisão de La Santé com os bascos e os islamitas. Encontrei hospitalidade na casa de um casal de uruguaios, exilados de uma geração anterior. Ele engenheiro, ela psiquiatra. A mulher escutou compreensiva.

– Uma semana – disse no final, levantando o indicador para ser mais clara.

Se está na merda numa grande cidade europeia e quer encontrar um lugar onde dormir e três refeições por dia, deve vasculhar cientificamente a vasta gama das solteironas. Se, como aquele que escreve estas linhas, for um homem bonito e com grande experiência em matéria de mulheres mais velhas, as possibilidades de sucesso aumentam sensivelmente. Sentei-me na poltrona e comecei a examinar os anúncios de sábado no *Libération*. Devia necessariamente limitar-me a um setor de saudáveis tendências progressistas diante do qual poderia me apresentar como um combatente pela liberdade do Terceiro Mundo. Descartei as anunciantes com menos de quarenta anos e com filhos em casa e respondi a uma quinzena de anúncios deixando mensagens na secretária eletrônica. Não tinha tempo para esperar o correio. Uma semana depois levei meus trapinhos para a casa de Régine, na região da Place de la République. Nosso primeiro encontro tinha sido durante uma mostra fotográfica numa galeria particular. Era uma amiga dela que estava expondo, e ela achava interessante nos encontrarmos em meio a tanta gente que ela conhecia. Cheguei determinado a selar o negócio. Os outros encontros tinham se revelado infrutíferos, e prometi a mim mesmo não bancar o difícil e usar todo o meu charme. Mas Régine era horrorosa, e tive que me controlar para não dar meia-volta e desaparecer na multidão da Champs-Élysées. Quarenta e sete anos, funcionária pública de certo nível e separada havia um bom tempo, levava no rosto e no corpo os sinais de uma mulher que tinha desistido e decidido se entregar aos corações solitários quando se dera conta de que era tarde demais para voltar a se parecer, mesmo de longe, com a mulher de outros tempos. De início, achou estranho que um homem dez anos mais

jovem a cortejasse, mas depois a vontade de sexo a convenceu a aproveitar a oportunidade. Foi mais fácil fazê-la acreditar que estava vivendo uma grande história de amor do que comê-la, mas no final foi ela própria que propôs que experimentássemos viver juntos, com a desculpa de que eu precisava de uma casa e de que em Paris não seria fácil encontrar uma. Revelou-se uma amante cheia de atenções, e minha situação ficou bastante confortável. Na realidade, era uma mulherzinha insignificante, feia como sua vida. Era impossível que no fundo não suspeitasse da montanha de mentiras que eu despejava continuamente sobre ela. Mas a solidão a tornava vulnerável, cega e surda. O resto de bom senso que ainda tinha a convenceu a guardar a sete chaves seu dinheiro e suas joias.

Meu suplício durou dois meses. Afinal, Sergio encontrou uma solução. Convocou-me à mesma cervejaria do encontro anterior. Encontrei-o já sentado, olhando fixamente para uma jarriinha de vinho. Parecia uma caricatura de taverna. Talvez estivesse sonhando com aquela que havia embaixo de sua casa, na Itália, onde, um bom tempo atrás, passava uma horinha depois do trabalho lavando a boca dos sabores da serralheria e discutindo política, falando mal dos patrões e dos dirigentes do partido que tinham traído a causa.

Sentei-me sem cumprimentá-lo.

– E então?

– Conversamos e decidimos lhe fazer uma proposta – começou ele. – Sua condenação é definitiva, e a única esperança de livrá-lo é a revisão do processo. Convencemos um companheiro condenado à prisão perpétua a confessar a participação no atentado em seu lugar. Dirá que é um caso de consciência, que naquele dia Luca estava com ele, e fornecerá uma série de detalhes verossímeis. Segundo os advogados, deve funcionar, mas deve se resignar a ficar algum tempo na prisão.

– Quanto?

– Dois ou três anos, o tempo de trâmite do processo. Para tornar verossímil o caso de consciência, o companheiro deve confessar só depois que você tiver se entregado. Terá que cumprir pena também por associação criminosa, mas o tempo de espera da revisão deve bastar.

Não era o que queria. Acendi um cigarro.

– É demais – sibilei.

Sergio sacudiu a cabeça.

– Mesmo que colabore e entregue tudo terá que ficar algum tempo na prisão. Os advogados dizem que esta oferta é a mais conveniente no mercado da infâmia.

– Não me provoque – respondi calmamente –, estou simplesmente saindo da empresa e negociando minha demissão.

Pedi uma cerveja e continuei a fumar enquanto avaliava a proposta.

– Ok, vou até a fronteira.

Sergio suspirou aliviado. Tirou do bolso uma caderneta e uma caneta.

– Escreva aquilo de que se lembra daquela noite, sobretudo os detalhes. A confissão deve ser precisa.

Enquanto eu escrevia, perguntou se eu queria saber o que tinham dito os outros, os companheiros e amigos daquele tempo, sobre minha traição.

Eu sorri.

– Nem precisa dizer. Conheço-os bem. Disseram que eu era um merda e clamaram vingança: um tiro na nuca ou uma picaretada como fizeram com Trotski. Palavras ao vento. Como todas as outras.

– Não quer saber nem quem é o companheiro que pagará em seu lugar?

– Não. Lerei nos jornais. Além disso, se vai fazer isso é porque não tinha outra escolha. Aposto que entre os nomes que eu poderia revelar está o de alguém de que gosta muito.

Fechei a caderneta e joguei uma nota na mesa

– Você merecia mesmo morrer – disse ele com seriedade.

– Não seja patético.

Fui embora com a certeza de que nunca voltaria a vê-lo.

Duas semanas depois, forcei com uma chave de fenda a gaveta da escrivaninha de Régine, peguei as joias e os francos e saí para sempre de sua vida. No dia seguinte me entregaria à polícia italiana e queria me divertir um pouco antes de ir para a prisão. Vendi

barato as joias para um receptor argelino de Barbès. Na Gare de Lyon peguei um trem para Nice. Escolhi um hotel de luxo, uma puta cara, um bom restaurante e, quando acordei na manhã seguinte, não tinha mais nem um franco no bolso. Cheguei de carona à fronteira.

Antes de me levar para a prisão de San Vittore, os tiras fizeram uma parada comigo na Digos, a Divisão de Investigações Gerais e Operações Especiais, da delegacia de Milão. Trancaram-me numa sala usada para os interrogatórios. Um monte de guimbas no chão, alguns esguichos de sangue e várias manchas de café nas paredes esverdeadas. Os tiras gostavam de jogar os copos de papelão cheios de café velho em cima dos suspeitos para demonstrar que estavam de saco cheio e que não engoliam as mentiras que estavam ouvindo. De minha parte, estava tranquilo. Entregara-me espontaneamente nas mãos da lei. Não podiam foder comigo tanto assim. Entrou um sujeito com meu dossiê debaixo do braço. Era alto, gordo, com cara de crápula e uma roupa de bom corte. Baixei os olhos para os sapatos. Sem dúvida caros. Ou era rico de família ou era corrupto. Optei pela segunda hipótese e relaxei.

Jogou a pasta na mesa e sentou.

– Me chamo Ferruccio Anedda e sou um cara importante.

Limitei-me a um servil aceno de cabeça. Não queria problemas, e os tiras gostam de ter a situação sob controle.

– O que o fez voltar da América Central? – perguntou para me fazer compreender logo de cara que sabiam muito mais coisas do que eu imaginava.

– Cansei. Quero acertar minhas contas com a justiça...

Me deu um pontapé por baixo da mesa.

– Sabemos tudo. Ameaçou aqueles imbecis que estão em Paris e montaram um belo teatrinho para os juízes.

Olhei para ele admirado.

– Têm um espião em Paris?

Inclinou a cabeça para o lado e respondeu irônico:

– Só um?

– O que querem? – perguntei.

– Isso, é assim que eu gosto – disse satisfeito.

Então mudou de tom.

– Queremos os nomes de todos aqueles que nunca foram identificados. Sobretudo daqueles que apoiavam a organização. Senão, no momento certo, terei uma conversa com o presidente da corte e é você que vai pagar pela historinha do guarda noturno.

– Segundo os advogados, não convém que eu colabore – lancei, para sondar o terreno da negociação.

– Não queremos que colabore pra valer. Não temos a menor intenção de raspar o fundo do tacho. A organização está fodida há anos. Só queremos vigiá-los, assim, se der na telha de algum deles reconstruir o barraco, perceberemos logo e teremos menos trabalho.

– O que mais tenho a ganhar além de não pagar pelo guarda noturno?

– Evitar a prisão perpétua não lhe parece suficiente?

Abri os braços.

– Posso lhes ser muito útil.

O tira suspirou.

– Podemos lhe dar uma ajudinha e tornar sua estadia na prisão mais confortável.

Acendi um cigarro e comecei a vasculhar minha memória. Uma hora depois, a organização estava definitivamente liquidada. Poderia continuar fornecendo informações que reunira ao longo dos anos sobre outros grupos, mas achei que naquele momento seria desperdício. Talvez viessem a ser úteis mais adiante. Sempre mantivera os ouvidos atentos, e o ambiente da luta armada italiana sempre brilhara pela absoluta falta de respeito pelas normas de segurança. Em teoria, elas eram ferrenhas e capazes de salvaguardar a organização, mas na realidade os militantes nunca as respeitavam, demonstrando uma grande fraqueza pela tagarelice e pela revelação de confidências.

Entrei na prisão antes da noite. Levaram-me diretamente para o escritório de matrícula e Anedda murmurou alguma coisa no ouvido de um policial. O suboficial se virou e piscou para mim. O tira da Digos tinha dado a dica. Eu bancaria o espião também para os

guardas do presídio. Um cabo me pegou pelo braço e me levou até um balcão onde abriu um registro que parecia do século dezanove.

- Sobrenome?
- Pellegrini.
- Nome?
- Giorgio.
- Nascido em?
- Bérghamo, em 8 de maio de 1957.

O guarda parou de escrever.

- Oito de maio – repetiu. Então virou-se para os outros:
- Ele nasceu no mesmo dia em que Gilles Villeneuve morreu.
- Não sabia. Quando foi isso?

O cabo olhou para mim, estupefato.

– Faz dez anos, em 1982. O maior luto na história do automobilismo. – Indicou uma parede onde fora feito um pequeno altar com a foto do piloto de Fórmula 1 e várias flâmulas da Ferrari. Então pôs o indicador no meu nariz.

– Neste escritório, todos torcem para o Milan e para a Ferrari, entendido?

Logo me adaptei a San Vittore. Viver sem problemas não era difícil, bastava respeitar as regras não escritas e não dar bola pro resto. Me colocaram para trabalhar como varredor. Tinha que varrer o corredor da seção e manter os olhos abertos, sobretudo em relação aos estrangeiros. De tempos em tempos, chamavam-me numa saleta ao lado do escritório e me pediam informações sobre alguns detentos. Compreendi rapidamente que o truque era falar mal daqueles que não contavam com a simpatia da direção, mesmo que não tivessem feito nada. Às vezes inventava, outras relatava aquilo que tinha visto. Volta e meia, Anedda aparecia para pedir mais informações ou esclarecimentos. Se eu estava precisando de alguma coisa, pedia-lhe como retribuição e, no fim das contas, ele se mostrava bastante generoso. Com o tempo, contraiu o hábito de me trazer uma garrafa de uísque. As suas eram as únicas visitas que eu recebia. Minha família nunca veio me ver. Renegara-me no dia em que fugi para Paris. As maldições de meu pai tinham me seguido escada abaixo quando deixei nosso casarão sem olhar para trás. No

início, sofri muito, mas depois o destino me levou para longe, e quase não pensava mais naquilo.

Conhecia bem o obstinado que assumiu a responsabilidade pelo homicídio do guarda noturno. Chamava-se Giuseppe e era um daqueles que não colaboraram porque continuava comunista e revolucionário. Fora operário na siderúrgica Dalmine como o pai e o avô. Sindicato, partido, Lenin, Togliatti Palmiro e Berlinguer Enrico pendurados na cozinha. Então tomara um caminho diferente entrando na clandestinidade. Foi denunciado por um colaborador, mas nunca abriu a boca a não ser para dizer, no mais puro dialeto de Bérghamo, que era um prisioneiro político.

Em Paris deviam ter limpo o cofre. Arranjaram-me um advogado que militara no Soccorso Rosso e que depois fizera uma sólida carreira aderindo a uma nova força política de centro-direita. Disse-me que aceitara o caso porque as revisões estavam na moda, davam muita publicidade e, no meu caso, havia perspectivas concretas de sucesso. Demonstrou-se hábil também na relação com a imprensa e alguns jornais e revistas passaram a falar de mim. Enquanto isso, os dias passavam e comecei a pensar no futuro. Para não sair com os bolsos vazios, dediquei-me a pequenos tráficos com a cobertura de alguns policiais. Por certo tempo, tomei sob minha proteção um travesti brasileiro. Nos dias ímpares, em que tomávamos banho, organizava uma agenda para ele, não mais de cinco para evitar dar na vista. Uma carteira de Marlboro por uma chupada, duas para meter. Ele ficava com dez por cento e a garantia de que ninguém machucaria seu rosto. Os guardas visitavam sua cela na ronda das quatro da manhã, mas isso não me dizia respeito. Mesmo porque não havia nada para ganhar ali. Os funcionários da penitenciária nunca pagavam. Naquele período conheci também várias pessoas interessantes. Muitos profissionais de vários ramos do crime me ofereceram sua amizade. Em outros tempos, um autônomo, ainda por cima suspeito de ser confidente dos tiras, seria esfaqueado assim que pusesse os pés fora da cela, mas nem as prisões eram mais as mesmas.

O trâmite judiciário seguiu seu curso. Lento mas inexorável. O tribunal de Cassação admitiu a revisão e enviou o processo ao

Tribunal de Recursos de Milão. No julgamento, Giuseppe evitou cuidadosamente olhar na minha cara. O advogado, durante sua peroração, explicou à corte que sua atitude para comigo se devia à vergonha de ter me forçado a viver vagando pelo mundo. Qualquer um teria percebido que era apenas desprezo. Mas agora os anos 1970 eram história velha nas salas do tribunal. A deliberação levou umas duas horas, o tempo de redigir o dispositivo da sentença. Fui absolvido. Tinha ainda que cumprir alguns meses por participação em grupo armado e finalmente sairia daquele pesadelo – iniciado muitos anos antes, quando Sergio me chamara para um bar da periferia e me convidara para entrar na organização. Clandestina, comunista e combatente.

Uma manhã, me disseram para levar para o depósito meu colchão, meus lençóis e meu prato. Acabava de completar 38 anos. Na saída, encontrei Anedda.

– Lembre que é propriedade da Digos de Milão – disse em voz alta.

– Estou aposentado – repliquei irritado.

O tira me empurrou com força contra a parede.

– Me deve um monte de favores, e nunca esqueça que outra pessoa está cumprindo a prisão perpétua em seu lugar.

Soltei-me e saí caminhando ao lado da muralha. Observava a liberdade do outro lado da rua, mas ainda não me sentia pronto para me apossar dela. Então, à altura da torre, atravessei.

Flora

A nostalgia da minha cidade e da vida tranquila de outrora se cristalizara numa recordação de infância. Meus avós paternos, que moravam na saída de Bérgamo, quando vinham nos visitar, sempre traziam de presente, para mim e para minhas irmãs, uma caixa de Otello Dufour. Os melhores bombons do mundo. Pegava um punhado daquelas delícias e me refugiava no quarto ou no jardim com um livro de Emilio Salgari e ia comendo um bombom atrás do outro, colocando-os delicadamente na língua, fazendo-os derreter lentamente. Nos anos de exílio e de cárcere, os momentos mais íntimos e comoventes de recordações acabavam sempre se transformando no desejo de um bombom de chocolate e licor. Quando alguém está na prisão, sempre pensa em qual será a primeira coisa que fará em liberdade. O meu desejo se chamava Dufour. Entrei na primeira confeitaria e comprei uma caixa inteira. Mas assim que abri, me dei conta de que havia algo errado. A forma era redonda em vez de oval e a superfície não era mais de chocolate liso e preto como o mistério, e sim clara e pontilhada de pedacinhos de avelã. Coloquei um na boca e, com horror, descobri que não tinha nada a ver com os bombons Otello de outrora. Senti-me traído e tive vontade de chorar. Por anos sonhara com algo que não existia mais. Voltei a entrar na confeitaria e a dona me confirmou que eles tinham se tornado uma espécie de chokolatinho recheado.

– Sabe, os gostos que as pessoas têm hoje... – disse, levantando os ombros.

Joguei a caixinha no lixo. Estava decepcionado e preocupado. Pensava que já que tinha sido tão mal sucedido na realização de meu primeiro desejo ao sair da prisão, minha vida futura não seria um passeio.

Milão também tinha mudado. Fervilhava de estrangeiros mortos de fome lançados ao assalto da opulenta Europa. Encontrava-me exatamente na mesma situação que eles. Estava sozinho e, depois de tantos anos de ausência, tinha a impressão de conhecer a Itália menos do que eles. Refugiei-me numa comunidade religiosa que oferecia assistência a ex-detentos. Conversei bastante com um padre vindo de Abruzos, um cara durão da ordem das Mercês que frequentava a prisão havia tempo demais para se deixar enrolar por historinhas. Com ele fui sincero:

– Tenho medo. Não sei como enfrentar este mundo, não é mais aquele que conhecia.

Fixou-me por muito tempo.

– Fiquei de olho em você estes anos. É um crápula. Dos piores.

Então me deu uns tapinhas no joelho.

– Mas todos têm direito a uma segunda chance. Pode ficar aqui por algum tempo, porém nem sonhe em agir como em San Vittore.

Agradei e, enquanto me afastava, ele acrescentou:

– E não perca tempo fingindo ser crente. Isso não é necessário aqui.

O dinheiro que eu tinha juntado na prisão escorria por entre meus dedos, e aquele que ganhava na comunidade, montando sapateiras para uma empresa especializada em tele vendas, não dava nem para o cigarro. Cada vez que saía, voltava ainda mais pobre. Uma trattoria para esquecer por um instante a gororoba preparada por um casal de ex-viciados. E uma puta de rua para compensar a abstinência forçada da prisão. Mais do que isso não podia me permitir. Andava pelo centro e ficava horas olhando as pessoas e os carros. O dinheiro corria aos montes e muitas pessoas transpiravam segurança. Eu, pelo contrário, me sentia sozinho e perdido. Tentava me aproximar das quarentonas elegantes. Milão estava cheia de mulheres como Régine, só que muito mais bonitas e comíveis. Dieta, ginástica, salão. Excitava-me aquela necessidade delas de serem sempre competitivas no plano da beleza e da sensualidade. Mas não tinha jeito de me fazer notar. Dava para ler na minha cara que era um marginal. Procurei trabalho, mas me dei conta de que entrar naquele esquema ia me foder por toda a eternidade. Seria sempre

um miserável. Meus planos para o futuro não tinham nada a ver com ficar observando a realidade da cozinha de um *fast food* com os cabelos fedendo a gordura. Dinheiro. Precisava de dinheiro para sair da merda em que tinha ido parar. Depois construiria uma posição respeitável e passearia no centro todo bem-vestido, ostentando uma cara serena de vencedor. E não cometeria o erro de todos aqueles que conhecera em San Vittore: tentar ganhar dinheiro permanecendo um bandido de merda. Daquele jeito, a única perspectiva segura era voltar para a prisão. Só fazia sentido terminar no tribunal se o dinheiro fosse um meio para se elevar socialmente. Quando vivia em família, antes de entrar no movimento e sofrer aquela lavagem cerebral, fazia parte da Bérghamo “de bem”. Lembrando do quanto tinha desprezado e escarnecido daquele ambiente, sentia vontade de arrebentar a cabeça na parede.

Logo comecei a me desesperar. Nem mesmo ser delinquente estava fácil. A cidade estava blindada e tudo aquilo que se podia pegar já estava sob o controle de bandos provenientes do Leste, do norte da África e do Extremo Oriente. O padre me forçou então a aceitar trabalho num bar. E foi a minha sorte. Certa manhã, servi o café para um velho conhecido de San Vittore. Um *barese*¹ que encurtara sua estadia na prisão entregando um chefão da organização mafiosa Sacra Corona Unida.

– Como vai? – perguntei, observando suas roupas de bom corte.

– Eu vou bem – respondeu, observando meu relógio de plástico.

– Mas e você, que porra tá fazendo aqui? Que desperdício! Está doente, talvez? Um rapagão como você podia ganhar seu pão de maneira um pouco mais digna, não?

Falou num tom ofensivo, e senti vontade de cortar sua cara com a faca que usava para descascar limões. Em vez disso, sorri:

– Estou procurando a oportunidade certa.

Bebeu o café, então me chamou com um gesto.

– Abri um negócio no Vêneto, perto de Treviso – me explicou. – Uma boate de strip-tease, um lugar onde as garotas dançam com as tetas de fora e os clientes babam e enfiam dinheiro nas suas calcinhas. Preciso de alguém de confiança para gerir as relações entre eles e as dançarinas. Talvez pudesse interessá-lo.

– O salário?

Mostrou uma fileira de dentes amarelados pela nicotina.

– Bom, ótimo, garanto.

– Então me interessa – respondi na hora.

Deu-me um cartão da boate. Chamava-se Blue Sky. Extremamente original.

– Venha amanhã à noite.

Então, enquanto abria a porta para sair, pensou em algo e voltou até perto de mim.

– Sei que você é um informante – sussurrou. – Eu também sou. Resolvi lhe dizer para que não pisemos no pé um do outro.

O Blue Sky era uma ex-discoteca. Ficava afastado da cidade, o que garantia aos clientes certa discricção. Era uma fábrica de dinheiro, onde, como dissera o proprietário, dezenas de garotas estrangeiras dançavam balançando a bunda para os clientes, que estendiam os braços para colocar notas em suas calcinhas. Nem todas eram bonitas. O rosto importava pouco. Os critérios de contratação se baseavam na seguinte ordem: seios, pernas, altura e bunda. Por duzentas mil liras por dia eu devia cuidar do tráfego dos clientes que solicitavam um *privé*. Vinham até mim, indicavam uma dançarina e, quando estava livre, eu a mandava para uma salinha onde ela se exibia com exclusividade. Volta e meia conseguia uma gorjeta, e o salário não era ruim, mas o fato é que aquele trabalho também não me traria nada de bom. O máximo que podia acontecer era eu me tornar proprietário de um lugar semelhante. Como o barese, que exibia seu ouro no pescoço e nos pulsos e deixava suas unhas do mindinho com quatro centímetros. Um bandido de respeito. Mas não era aquele o meu modelo. No entanto, o Vêneto me agradava. Era um lugar de fronteira, e todos tinham a oportunidade de construir um futuro de vencedor. Bastava um pouco de criatividade, vontade de agir e não ter o menor medo de enfiar no cu do próximo. Em primeiro lugar da lista, o Estado com seus impostos do caralho. Conhecia gente que só tinha uma muda de roupa, então encontrara o negócio certo e agora se sentava no banco de uma Mercedes e gastava um milhão de liras por noite com

mulheres. No terceiro mês daquela rotina, decidi começar a enganar o proprietário. Era arriscado, porque o cara era esperto, atento e desconfiado, condições indispensáveis para se obter o respeito dos outros. Para acabar com qualquer dúvida, gostava de exibir em público seus dois gorilas romenos, ex-mineiros robustos e cruéis. Tinham estado a serviço de Miron Cosma, o chefe dos focinhos negros que levava seus mineiros para dar uma lição aos estudantes revoltados. Os dois não tinham querido voltar a extrair carvão e atravessaram a fronteira em busca de fortuna. Convenci a mim mesmo de que era mais esperto do que ele e comecei a tirar algum por fora na operação das salas privadas. A primeira manobra foi a de privilegiar as garotas que me davam um percentual. Dez por cento por cliente. O que significava mais umas trezentas ou quatrocentas mil libras por noite. Aos poucos, como era eu quem cuidava dos pagamentos, quando as noites eram movimentadas e as dançarinas superavam vinte atendimentos, “esquecia” de anotar um cliente e ficava com a grana. Nos fins de semana chegava a ganhar um milhão por noite.

Num sábado, pouco antes do fechamento, uma eslovena de língua comprida me fez sinal para segui-la até o camarim e fez uma cena, gritando que queria seu dinheiro ou ia me entregar para o proprietário. Estava evidentemente preparado para enfrentar uma ocasião dessas e reagi com prontidão. Golpeei-a na boca do estômago porque, como tinham explicado os dois romenos, as putas estão acostumadas aos tapas na cara e os suportam bem. A garota caiu no chão. Peguei-a pelos cabelos, obriguei-a a se ajoelhar, e enfiei meu pau na sua boca. Senti que ela relaxava, pensando que ia sair daquela numa boa. Deixei-a chupar. Depois, levantei-a bruscamente, virei-a, empurrando-a contra a parede, arranquei sua calcinha e a enrabei. Tentou se soltar, mas dei-lhe dois socos nos rins que a fizeram desistir.

– Conte isso para as outras – disse para ela no fim, abotoando as calças. – E não esqueça, quem não fizer meu jogo volta para seu país. Conheço os tiras certos, entendeu?

Ela abaixou a cabeça. Segurei-a pelo queixo.

– Mas pode ficar tranquila. Perdoo você e não vou obrigá-la a atravessar a fronteira.

– Desculpe. Não queria criar problemas – disse entre lágrimas.

– Ótimo, um pouco de educação sempre faz bem – disse, dando-lhe um tapinha no rosto.

A imbecil tinha engolido direitinho. Também, só tinha dezenove anos e tinha acabado de chegar. Sonhava em ir dançar em Las Vegas e encher a calcinha de dólares. Burra como era, nunca conseguiria.

Com o dinheiro que estava ganhando, pude alugar uma casa na cidade. Até então, morava num quarto em cima da discoteca. Obviamente, quem me conseguiu um lugar foi um cliente, proprietário de uma agência imobiliária. A coisa funcionava assim. Quando alguém precisava de favores, dirigia-se ao cliente certo. Na cidadezinha, todos nos conheciam, mesmo aqueles que nunca tinham posto o pé no Blue Sky, e, em público, ostentavam uma atitude moralista, tratando-nos com desprezo. Comportavam-se como nos tempos dos bordéis, verdadeiros caipiras carolas. Até a viúva Biasetto, a faxineira, se permitia fazer comentários. Mas os clientes estavam em nossas mãos. E sabíamos tudo deles porque confienciavam mais com as garotas do que com o pároco. Assim que me mudei, para uma casa grande o suficiente para duas famílias, alugada por baixo preço graças aos numerosos corretores que gostavam de nossas salas privadas, comecei a frequentar o povoado sem me preocupar com os olhares das pessoas. Poderia me permitir também um carro decente, mas estes davam na vista, sobretudo para os policiais, que sempre me paravam. No controle dos documentos, descobriam que eu era um perigoso ex-terrorista e aproveitavam para revistar o carro e me interrogar sobre os negócios de meu patrão. Tinham esperança de me pegar com um pouco da cocaína que corria solta no local, mas eu não era tão estúpido. Por isso preferi me contentar com um Panda usado. Dirigindo aquele utilitário, eu dava a impressão de ser o mais baixo funcionário do Blue Sky. Consolava-me pensando no carrão que compraria um dia.

Numa tarde de inverno, passeando sob as marquises, parei para olhar a vitrine de uma loja de sapatos. Pertencia a um comerciante que tinha o vício das dançarinas e da coca. No caixa, percebi uma mulher bonita, na faixa dos quarenta, loira, narizinho arrebitado, lábios carnudos, olhos azuis. Fui até outra vitrine para observá-la melhor. Usava um tailleur preto muito colante e sapatos com saltos vertiginosos. Entrei para experimentar um par de sapatos de que não tinha a mínima necessidade. Dei um jeito de ser atendido por ela. Tinha leves rugas ao redor dos olhos e uma expressão dura de mulher que vencera na vida depois de muita luta. Descobri que se chamava Flora. Cortejei-a um pouco e comprei os sapatos. Voltei nos dias seguintes e, quando seu marido não estava, aproveitava para entrar e conversar um pouco com ela. Tornava-se cada vez menos gentil. Certa manhã, olhou em volta para se assegurar de que não havia clientes e me disse sem rodeios que não queria que eu a importunasse mais. Falou em dialeto e usou palavras duras como socos. Murmurei algumas palavras de desculpa e fui embora. Resolvi esquecer-la, mas Flora se tornou, dia após dia, uma obsessão para mim. Dormia e acordava pensando nela. Uma noite, encontrei seu marido no Blue Sky. Queria arranjar cocaína fiado, e naquele momento descobri como levaria sua mulher para a cama. Comecei a enchê-lo de droga e garotas garantindo que depois poderia pagar tranquilamente. Ele entrou no esquema como um verdadeiro idiota. Então, um dia, fui à loja encontrá-lo. Chamei-o com um gesto da mão. Flora também estava lá e dei uma piscada para ela.

– Sua conta chegou a vinte milhões. Está na hora de pagar.

O comerciante empalideceu.

– Não tenho tanto. Terá que ter paciência.

– Eu tenho toda a paciência do mundo – menti, bancando o compreensivo. – O problema é o patrão. Sabe como ele é, um sulista de merda: quando alguém não paga, fica zangado. Você receberá uma visita dos romenos, que quebrarão suas pernas e seus braços. É assim que funciona.

– Me ajude, por favor – choramingou desesperado.

– Em uma semana, sua conta dobrará. Sabe como são estas coisas. Não é mais um garotinho.

– Me ajude, somos amigos.

Fingi observar o interior da loja.

– Quem é aquela bela senhora? – perguntei, indicando Flora.

– É a minha mulher – respondeu surpreso.

Segurei seu braço e o apertei com maldade.

– Pois bem, agora sabe como posso ajudá-lo.

Soltei-o e fui embora.

O comerciante não apareceu aquela noite. Alguns dias depois, saindo da boate às quatro da manhã, um carro atraiu minha atenção com um piscar de farol. Era o Hyundai *coupé* de Flora. Ela abriu a janela.

– Vou acompanhá-lo até sua casa – disse friamente.

Na sala, tirou seu casaco de pele.

– Vai me comer aqui ou na cama? – perguntou em tom desagradável.

– Vá embora – repliquei irritado. – Diga a seu marido que amanhã queremos os quarenta milhões ou os romenos o pegarão. Na loja. Assim toda a cidade vai saber como ele acabou com seu dinheiro.

Ela levantou os braços como quem se rende.

– Me desculpe.

A boneca estava domesticada. Decidi dobrar a dose colocando-a para fora de casa.

Deixei-a no frio por cerca de vinte minutos. Não se moveu. Continuou tocando a campainha.

– Vá embora – repeti no interfone.

– Me deixe entrar, alguém pode me ver.

Apertei o botão e fui para o sofá. Quando ela entrou, fiz sinal para que se sentasse ao meu lado. Acaricieei seu rosto com as costas de uma mão, então enfiei a outra embaixo da minissaia de couro e comecei a brincar com o elástico de sua meia-calça.

– Está vestida como uma puta – escarneci para insultá-la.

Ela abaixou o rosto.

– É o que tenho que fazer para salvar o negócio e a reputação. Minha e daquele imbecil do meu marido. A propósito, quanto deve durar essa história?

– Até que seu esposo pague a conta. Sem juro, obviamente. Estes é você que paga.

– Com uma condição: meu marido não deve mais colocar os pés naquele lugar.

– De acordo – consenti.

Na verdade, já tinha pensado naquilo. Não podia correr o risco de que, cheio de coca e álcool, o sujeito começasse a contar por aí a história de suas dívidas. O proprietário logo ficaria sabendo.

Me aproximei para beijá-la.

Ela me repeliu.

– Não, sem beijos.

Sua recusa me excitou ainda mais. Forcei-a a olhar-me nos olhos.

– Agora eu e você vamos namorar como dois adolescentes no primeiro encontro, senão nada de acordo.

O caso com Flora me tirou a concentração. Estava sempre de pau duro pensando nela, e, quando não conseguia esperar até a noite, ia até a loja na hora do almoço, esperava as vendedoras saírem e trepava com ela atrás das pilhas de caixas de sapato.

Na boate chegaram duas romenas, mas não dei bola, impondo também para elas o percentual pela sala privada. Como era de se esperar, elas foram logo contar para os dois gorilas. No fim da noite, o patrão se aproximou de mim sorridente e me pediu para ir até o escritório. Os dois romenos fraturaram meu braço esquerdo. O osso fez um barulho de galho quebrado e a dor foi insuportável. Vomitei no carpete. Fraqueza que paguei levando mais um soco em cima da fratura. Então me fizeram sentar na poltrona de frente para o proprietário.

– Devo admitir que montou um esquema engenhoso – felicitou-me, olhando para as unhas dos mindinhos. – E as pessoas inteligentes merecem respeito. Por isso pedi aos romenos para pegarem leve com você. As garotas, na verdade, já ganham bastante. Continuará pegando os dez por cento, só que os colocará no caixa. Da próxima vez que o pegar com a mão no bolo vai pra debaixo da terra. Os rapazes são bons em cavar buracos fundos.

Olhei para os dois gorilas. Primeiro me surrariam até a morte, depois pegariam as pás no bagageiro do carro.

– De acordo, vou me comportar direitinho – prometi, aliviado por ver que ele não estava sabendo da minha chantagenzinha com o vendedor de sapatos. Senão, me quebrariam o outro braço e teria que dizer adeus a Flora e aos vinte milhões que, mais dia menos dia, acabariam em meu bolso.

Na noite seguinte, as dançarinas começaram a me lançar olhares arrogantes e sorrisinhos de desprezo. Para restabelecer a ordem, tive que fazer uma cena nos camarins e atirar na parede alguns potes de creme.

Voltei a ganhar duzentas mil libras por dia, e a perspectiva de voltar a ficar de bolsos vazios me obrigou a aguçar o engenho. Apesar da obsessão por Flora. Aquela mulher me detestava. Nunca iria para a cama comigo espontaneamente. E era exatamente este o lado excitante da história. Obriguei-me a não pensar nela enquanto trabalhava e logo comecei a resolver meus problemas financeiros. O proprietário de um ateliê onde se fabricavam falsas rendas florentinas me pediu uma mão para fazer entrar clandestinamente na Itália um grupo de bordadeiras búlgaras. Foi fácil e muito bem pago. O rumor circulou e dois outros empresariinhos, que faziam os jeans de uma marca com propaganda na TV, precisavam, por sua vez, de mão de obra chinesa. A operação consistia em dirigir um furgão de Milão até Treviso, e o envelope que me entregaram com um adiantamento estava cheio de notas de quinhentas mil libras. A seguir, o dono de uma peixaria me contratou para envenenar os tanques de um concorrente. Quando derramei os galões, a água começou a ferver e a superfície se encheu de trutas mortas. Fazia tudo com calma e nunca sentia medo. Pensava apenas no dinheiro.

O Blue Sky era obviamente frequentado pela bandidagem. Italiana e estrangeira. Mas com aquele ambiente não queria me envolver e sempre me limitara a relações educadas mas formais. No entanto, ficava de olho neles e percebi que clientes honestos e fora da lei se integravam perfeitamente. Volta e meia assistia à conclusão de algum negócio. Principalmente na área de seguros: incêndios de depósitos, roubo de caminhões, furtos. Crimes e acidentes que

destruíam mercadorias inexistentes. As forças da ordem controlavam o local, mas também para eles havia uma boa fatia do bolo. A filosofia do patrão se baseava em maços de notas e informações. A primeira vez que ganhei grana a valer foi arruinando um pai de família que gostava de dançarinas mas tinha o azar de viver do salário de empregado do escritório responsável pela cobrança de impostos. Da primeira vez, chegou acompanhado de dois industriais da região. Eu tinha sido avisado e preparara uma série de números privados com as garotas mais bonitas. Logo ficou claro que o sujeito estava de olho numa dominicana, alta e esbelta. Organizei na mesma hora uma dança exclusiva para nosso homem. Disse para a garota fazer um boquete nele que os dois acompanhantes pagariam bem. Logo se tornou um frequentador assíduo da boate. No começo, gastava apenas aquilo que podia e não foi fácil convencê-lo de que podia lhe fazer crédito sem juros.

– É como comprar um carro à prestação – dizia-lhe sorrindo.

Finalmente cedeu, e, quando a conta ficou grande demais para suas possibilidades financeiras, os dois industriais expuseram seu plano de ajudá-lo a pagá-la desde que fechasse os dois olhos para a contabilidade dos negócios deles. Também ele, como o marido de Flora, tinha se deixado pegar. No tempo que fiquei trabalhando no Blue Sky vi muitos como eles. No entanto, o jogo ali era feito às abertas. Fora os ingênuos e os idiotas, sempre pensei que aquela gente não via a hora de se corromper. A armadilha das dançarinas e da cocaína representava apenas a oportunidade de dar o salto e gozar a vida.

A boate era um mundo à parte que só existia de noite, e de dia desaparecia. Com o tempo, comecei a ter medo daquilo. Se continuasse a trabalhar ali ficaria preso para sempre. Acabaria confundindo a verdadeira realidade com aquela, falsa, das luzes tênues e dos rostos maquiados demais das dançarinas. Quando contei meu pé de meia e vi que estava na casa dos sessenta milhões, pensei que era chegado o momento de mudar de atividade. Mas não seria fácil deixar o barese. Não bastaria apenas anunciar minha demissão. Na sua mentalidade de bandido sulista de merda, aquela decisão era dele e, até então, eu lhe era útil. Uma noite,

enquanto esperava a oportunidade certa para sair do Blue Sky, fui chamado pelos romenos. Era preciso dar uma lição em quatro albaneses que tinham molestado as dançarinas na cidade. Tentei convencê-los a não me levarem na expedição punitiva, mas me dei conta de que se continuasse insistindo aqueles dois animais teriam me enchido de porrada. Saímos num carro roubado. Um dos dois me deu um cabo de picareta. Os albaneses moravam num casebre perdido no campo entre vinhas e plantações de soja cobertas de geada. O plano dos gorilas era simples. Arrombar a porta, entrar gritando e distribuir cacetadas para tudo quanto é lado. A sorte me reservou o único albanês que estava armado com uma faca. Tentei acertar sua cabeça, mas ele evitou o golpe, que acabou pegando em seu joelho direito. Ele desmaiou de dor. Um dos romenos gritou para que o golpeasse no rosto. Desferrei três golpes com raiva. Em casa tive que jogar fora a calça toda suja de sangue. O caso ocupou meia coluna nos jornais locais. Um dos albaneses tinha morrido com uma têmpora afundada. Talvez fosse aquele que eu atacara. Talvez não. Os albaneses eram uns bandidos e, nos bares da cidade, o acontecimento foi festejado com rodadas de *prosecco*.

Uma noite, depois do trabalho, vi Flora me esperando na frente de casa, dentro do carro. Aproximei-me sorrindo. Não tínhamos encontro marcado naquele dia e por um instante tive a ilusão de que queria estar comigo. Abriu o vidro. Sorriu como nunca tinha feito. Com a mão coberta por uma luva preta, entregou-me um envelope.

– Aqui estão os vinte milhões. Finalmente podemos nos dizer adeus – disse satisfeita.

Fiquei petrificado. Não queria renunciar a ela, ao poder que exercia sobre seu corpo.

– Flora...

– Flora o caralho – me interrompeu com raiva. – Agora desapareça da minha vida.

Ligou o motor e sumiu na noite. Sabia que a perdera para sempre. Se tivesse insistido, ela teria ido reclamar com meu patrão e eu acabaria com sérios problemas. Entrei em casa. Com uma faca, levantei os azulejos embaixo da pia e acrescentei o dinheiro ao pé

de meia. Oitenta milhões. Dava para começar a pensar em alguma coisa.

No dia seguinte, fui passear no centro. Quando passei pela loja de Flora, nem me aproximei da vitrine. Estava novamente em busca de uma amante e varri a região com método e paciência. Mas uma mulher bonita e sensual como ela não encontrei em parte alguma.

Aquela noite, depois de um dia fraco e pouco movimentado, saí da boate um pouco mais cedo. Fui até um clube noturno em Jesolo, onde tinham me dito que trabalhava uma inglesa quarentona. Foi uma decepção. Era uma grandalhona magra como uma tábua de passar roupa. Tinha sua clientela, mas não fazia meu tipo. Ofereci-lhe uma bebida, ouvi um pouco suas besteiras e voltei para casa. Volta e meia sentia vontade de encontrar Flora, mas o medo me fazia desistir. Só o medo, senão faria qualquer loucura para estar de novo com ela.

Tive uma história com a viúva de um chefão da bandidagem milanese. Morto o marido, assassinado numa prisão especial, perdera poder e dinheiro e agora se arranjava oferecendo-se nos hotéis. Fazia o papel da bela dama, fina e classuda, dedicando-se aos representantes comerciais de cinquenta anos, carecas, barrigudos e com a carteira cheia. Fui eu que a interpelei depois de tê-la observado tentando inutilmente fisgar o proprietário de uma queijaria do Vale de Aosta. Propus que bebêssemos algo juntos.

– Não acha que sou um pouco madura demais para você? – perguntou surpresa.

Olhei para ela. Devia ter sido uma mulher linda, agora era uma cinquentona em luta contra o tempo e as rugas para não ter que terminar batendo a rua a trinta mil liras o programa.

– Vem beber comigo ou vai voltar para o queijeiro? – respondi secamente.

Era uma mulher rodada e simpática. Conversava com desenvoltura, escolhendo bem suas falas para não parecer mexeriqueira e intrometida. Com algumas perguntinhas pude compreender que suas finanças não andavam muito bem. Era exatamente o que queria saber. Excitava-me a ideia de ver a que ponto de degradação e humilhação chegaria por um pouco mais de

dinheiro. Em certo momento, enquanto ela me contava algumas anedotas sobre uma viagem a Viena, interrompi-a. Aproximei a boca de seu ouvido e lhe disse uma cifra. Então perguntei se estaria disposta a fazer certa coisa. Fingiu estar escandalizada, mas, pela sua expressão, percebi que a resposta seria afirmativa. Brinquei com sua dignidade por alguns meses. Mais de uma vez, pegou o dinheiro com os olhos cheios de lágrimas. Uma noite me perguntou como eu fazia para ser tão nojento. Então foi embora. Melhor assim. Eu também estava cansado, e, além disso, aquela história estava me custando um monte de grana. Sua pergunta, no entanto, me fez pensar. Tinha razão, eu era nojento, ou melhor, um crápula, como dissera o padre. Não sentia vergonha por isso. Estava consciente, mas, na realidade, exercer poder sobre mulheres fracas me ajudava a viver. A me sentir melhor. A sobreviver. A suportar meu passado, as vexações do patrão e o ambiente de merda da boate. No fim das contas, tratava-se sempre de relações de troca. Convinham a ambos. Antes eu não era assim, mas depois as experiências transformaram minha existência. Eu havia mudado. Além disso, sentia que alguma coisa tinha se quebrado dentro de mim. Talvez algum psicanalista de merda dissesse que a prisão destruía meu equilíbrio. No fundo, a relação entre guardas e detentos não era muito diferente daquela que eu instaurara com Flora ou com a viúva. Talvez tivesse acontecido antes. Em Paris ou na selva centro-americana. Mas não pensava muito nisso. San Vittore passara a ser um amontoado confuso de visões fragmentadas, barulhos e odores. Concentrando-me, teria podido racionalizar e reordenar as recordações. Mas temia explodir em pedaços. Passara-se muito pouco tempo. Só conseguia dar sentido para a vida e imaginar o futuro medindo-me constantemente com situações limite. Gostava de ser um crápula. Finalmente tinha a possibilidade de me tornar um vencedor.

Chegou o verão. A boate estava bombando e eu ainda não encontrara a oportunidade de sair sem ferir a suscetibilidade do patrão. Um dia, o *barman* me disse que um sujeito perguntara por mim. Reconheci-o de costas. Vira-o muitas vezes caminhando pelo longo corredor da ala seis, empurrando o carrinho da lavanderia.

Seu nome era Francesco Casu, dito Ciccio Formaggio, porque em sardo seu sobrenome significava justamente “queijo”. Mas para a Sardenha só ia no verão encontrar os avós. Nascera e vivera em Milão. Ele também tinha caído na conversa dos grupos de extrema-esquerda e feito suas idiotices até o prenderem e lhe darem a possibilidade de colaborar. Eu não tinha nenhuma estima pelo personagem, considerava-o um palerma sem salvação e, enquanto me aproximava, torcia para que não tivesse feito toda aquela viagem para me pedir um trabalho.

Estava enganado. Era ele que vinha me oferecer trabalho. Um roubo. Butim: um bilhão. Pelo menos.

Olhei-o bem nos olhos.

– Por que eu?

Abriu os braços.

– Porque só tenho o canal, não faço ideia de como organizar o golpe. Pensei em você por seu passado na guerrilha centro-americana. Deve ser capaz de planejar uma operação militar.

– Quem lhe passou as informações?

– Um segurança que trabalha na transportadora.

– Esses são os primeiros a abrir a boca.

Baixou o tom da voz:

– Pensei em tirá-lo da parada no momento de dividir. Uma fatia a mais para nós.

– Quem mais está sabendo da história?

– Só você.

– O alvo?

– Um carro blindado na província de Varese. Todo sábado à noite, pontual como um trem suíço, passa para pegar o caixa semanal de um hipermercado. Descem em dois, abrem a porta do cofre de transferência, tiram os sacos e voltam a partir.

– A história do bilhão é digna de fé?

– Sim. Eu disse *pelo menos* um bilhão. Segundo meu informante, nunca é menos do que um bilhão e meio.

Terminei meu Gim Fizz ruminando a proposta. A cifra era daquelas que tornavam aceitável o risco de voltar para a prisão, sobretudo se fôssemos dividi-la entre poucos. O segurança seria o

primeiro a morrer, seguido do próprio Ciccio Formaggio, estúpido demais para continuar a viver com um segredo que me implicava diretamente. Quanto aos outros, veria a seguir.

– Antes de decidir, quero ver o lugar e o movimento.

– Não se preocupe, vou cuidar disso.

No sábado seguinte me encontrei no estacionamento de um gigantesco hipermercado empurrando um carrinho cheio de compras. Fingia ter esquecido o local onde estacionara o carro e, enquanto isso, mantinha o olho na porta de aço embutida na parede externa em que ficava guardado o dinheiro. De acordo com as informações de Ciccio, o transporte devia chegar dali a pouco.

O carro blindado entrou pontualmente no estacionamento. Oito e meia da noite. Os seguranças esperaram um tempinho antes de descer para se certificarem de que não havia movimentos suspeitos por ali. Desceram apenas dois, o motorista e o colega que estava sentado a seu lado. O terceiro ficou fechado na traseira dando-lhes cobertura. Se necessário, dispararia pelas seteiras. Os dois abriram a porta do cofre, tiraram os sacos e entraram no carro blindado em menos de um minuto. Teria sido impossível tentar se aproximar, desarmá-los, render o outro e fugir com o dinheiro. A única solução era eliminá-los. Olhei em volta e vi um prediozinho de quatro andares com terraço a cerca de cem metros dali. Fui até o portão e esperei que alguém entrasse. Chegou uma senhora com duas crianças. Naquele momento, saí do escuro, com duas sacolas de compras. Meu aspecto, minhas roupas, o sorriso aberto e as compras a tranquilizaram e ela me deixou entrar. Subi as escadas e cheguei ao terraço. Como previra, do terraço tinha-se uma visão perfeita da porta do cofre. Dois homens armados com fuzis de precisão poderiam eliminar os dois seguranças no momento em que estivessem voltando para o carro blindado. O terceiro ficaria preso na traseira do veículo e algumas rajadas nas seteiras bastariam para mantê-lo fora de ação. Um carro estacionado sairia de repente, iria até os dois cadáveres e pegaria os sacos de dinheiro. Tempo estimado da operação: um minuto. Fumei outro cigarro calculando o número de homens necessário para o golpe. Além de mim, Ciccio e o informante, precisaríamos de dois atiradores no teto e três homens

no carro. Ao todo, oito pessoas. Considerando que o informante e Ciccio não veriam um tostão, restavam seis fatias do bolo. De um mínimo de 170 a um máximo de 250 milhões por cabeça. Muito pouco para arriscar terminar na prisão perpétua. Seria necessário reduzir o número de pretendentes.

Voltei para o carro e me dirigi para Varese, onde Ciccio Formaggio me esperava numa sanduicheria.

– E então? – perguntou em tom apreensivo.

Bebi um grande gole de cerveja gelada.

– Vai levar tempo para organizar um golpe destas proporções. Precisamos planejar a ação, encontrar as armas, os carros, os esconderijos e, sobretudo, as pessoas certas.

– Quando acha que poderemos entrar em ação?

– Não antes de outubro.

Apontei o indicador para ele.

– Participarei desse trabalho sob uma condição: o comando é meu e, de agora em diante, você só faz o que eu disser.

– De acordo, sem problemas.

– Deverá manter o contato com o informante e só. Não se arrisque a tomar iniciativas de outro tipo.

– Ei, amigo – replicou em tom ressentido –, a ideia do golpe é minha. Lembre-se de que se ficar rico deverá isso unicamente a este que lhe fala.

Fixei-o. Ciccio era realmente um idiota.

– Desculpe, tem razão, mas é necessário ser claro desde o começo. Nenhum de nós dois quer voltar para a prisão, certo?

– Certo.

Pensei que teria prazer em disparar nele e, sorrindo, dei-lhe um tapinha amigável no ombro.

Enquanto dirigia, comecei a pensar em como romper os laços com o patrão do Blue Sky. Se continuasse com ele seria sempre um de seus vassalos. Ele não tinha interesse em me ferrar, para ele eu era apenas alguém para usar e jogar fora quando não fosse mais útil. Era um delator e um informante e, como a maior parte de nós, continuara a levar uma vida de delinquente. Era responsável por

vários tráficos, mas seu ponto fraco era o de cocaína. Seus amigos da Direção Antimáfia do distrito podiam passar por cima de muitas coisas, das putas à agiotagem, mas a droga era uma daquelas coisas que os irritavam e os faziam usar as algemas. De fato, com a coca ele era obrigado a ter cuidado. Eu tinha levado um bom tempo para descobrir quem era seu fornecedor. Mas como todos os bandidos, ele também não conseguia evitar se gabar com as putas que fodia. A uma dançarina venezuelana que cheirava como um aspirador prometera uma bela quantidade de pó, pedindo no entanto que tivesse paciência porque só chegaria dali a dois dias. A garota me perguntara se eu podia arranjar um pouco para ela durante a espera, colocando-me assim a par da chegada da mercadoria.

No dia da entrega, segui-o. No meio da tarde se encontrou com um estrangeiro de pele cor de azeitona na seção de roupas de uma loja de departamentos em Treviso. Com a velha desculpa de experimentar calças, entraram um depois do outro na mesma cabine. O traficante deixou uma elegante maleta que foi pega a seguir pelo meu empregador. O estrangeiro voltou à cabine para provar outra calça e pegou o dinheiro que o outro deixara ali. Segui o traficante até um estacionamento. Tomei nota da placa do carro. Antes de ir para o trabalho me ofereci um jantar num restaurante de luxo para comemorar. Agora o patrão me dava menos medo.

Se queria parar de trabalhar na boate, tinha duas possibilidades. Vender o proprietário à Sacra Corona Unita, que havia um bom tempo queria acertar as contas com ele por ter mandado para a prisão um chefe tarantino, ou vendê-lo para os tiras. Os prós e os contras deviam ser pesados com atenção. Não podia cometer um erro. A máfia da região o teria sangrado como um cabrito ou o enchido de chumbo, eliminando o problema pela raiz, mas não estava certo de que não eliminaria também a mim, que um dia poderia me transformar numa testemunha incômoda. A hipótese dos tiras era menos perigosa, porém mais complexa. O problema era em que tira confiar, porque, como os bandidos, estes também o usavam e depois se livravam de você. Com a diferença de que policiais e *carabinieri* o faziam por desprezo, não por interesse. Com seu salário de fome, os riscos e o stress, o mundo para eles estava dividido

entre cidadãos a defender e canalhas a jogar na prisão. Canalhas a odiar, cuspir na cara e chutar no saco. Mas em Anedda, o tira da Digos, sentia que podia confiar. Havia alguma coisa nele que sempre me sugerira a ideia de que fosse podre. Não apenas corrupto. Podre. O cara certo com quem fazer uma sociedade. Oferecendo-lhe o patrão numa bandeja de prata, abriria seu apetite. O resto lhe proporia depois. Liguei a seta do carro para entrar numa área de serviço à beira da estrada. Uma privada, um café e um telefone. Exatamente nessa ordem.

Ferruccio Anedda era realmente elegante. Não apenas tinha bom gosto, sabia usar suas roupas com naturalidade. Como um verdadeiro senhor. Dirigira trezentos quilômetros e o terno de linho de cor creme não tinha sequer um amassado. Fui direto ao assunto e ele me ouviu com atenção. Quando terminei, acendeu o cigarro que até aquele momento ficara girando entre o polegar e o indicador. Colocou no bolso do paletó o papelzinho com o número da placa do traficante e só então tomou a palavra:

– Muito bem, Giorgetto Pellegrini. Quer ferrar seu patrão e ainda ficar com o dinheiro da coca.

– Este dividimos ao meio – esclareci.

As palavras saíram de minha boca num tom agudo demais. Era o medo de ter me enganado sobre o personagem.

– Fama e dinheiro. Dois ótimos motivos para aceitar minha proposta – acrescentei, tentando mascarar a tensão.

Anedda era experiente demais para não perceber minha tensão. Resolveu brincar com meu medo olhando-me longamente nos olhos.

– Setenta e trinta. Quem pensa que é para ficar com a metade?

– Peço desculpas – disse eu, abrindo os braços.

Estávamos numa estradinha de terra na periferia da cidade. Apesar do escuro e dos vidros abertos, estava quente no carro do tira. Como se as chapas metálicas emanassem o calor absorvido durante o dia. Sentia a camisa colada nas costas. Eu detestava suar. Já ele parecia recém-saído do banho.

– Então esperamos o proprietário fora da loja e o pegamos com a cocaína – começou a recapitular. – Enquanto isso, você intercepta o

traficante na cabine, dá uma porrada na cabeça dele e pega o dinheiro. É esse o seu plano?

– Sim.

– Não é ruim. Poupa-nos um bocado de trabalho. Mas tem certeza de que a troca acontece sempre no mesmo lugar?

Permaneci em silêncio olhando para a ponta dos sapatos. Não tinha pensado nessa eventualidade. Parecia ter voltado no tempo, quando não verificara os horários do guarda noturno e aquele imbecil fizera a bomba explodir em suas mãos.

– Pergunto – continuou Anedda, com um tom frio como o cano de uma pistola – porque não quero mobilizar toda uma equipe de Milão, inventando uma montanha de mentiras para justificar a urgência e a falta de comunicação com os colegas de Treviso, para depois dar com os burros n’água, passar por um idiota e ainda levar um esporro. Daqueles que entravam uma carreira. Porque, se isso acontecer, você está fodido, Pellegrini. Pode ter certeza.

Não tinha dúvidas quanto a isso. Tinha que decidir na hora. Anular a operação ou garantir que não haveria surpresas? Decidi arriscar. Senão o golpe no hipermercado seria apenas uma oportunidade perdida, e eu já não tinha mais idade para ficar patinando. Tinha que arriscar. Além do mais, de um ponto de vista estatístico, era difícil que tivesse o mesmo azar: um raio não cai duas vezes no mesmo lugar.

– Não se preocupe, Anedda – disse –, vou lhe trazer fama e dinheiro. Para você será apenas mais um caso.

Na boate, a provisão de coca parecia nunca acabar. Eu acompanhava o tráfico através de alguns clientes viciados. Deviam-me favores. A tensão me consumia. Uma mulher teria me feito bem. Uma como Flora. Mas tinha que esperar. Há momentos em que é melhor estar sozinho.

O proprietário não tinha sócios. Não podia ter. E quando caísse nas mãos de Anedda teria que dizer adeus ao Blue Sky e à liberdade. Seus amigos na Antimáfia não poderiam fazer nada. O policial milanês tiraria o seu da reta com uma bela entrevista coletiva. Jornais, rádios e TVs e ele e seus homens enfileirados atrás

de uma mesa onde a coca estaria regamente exposta. Dissera para Anedda que, na boate, não havia nada de interessante. Dançarinas e alguns gorilas. Enquanto lhe dizia isso, tive uma ideia. Ou melhor, duas. A primeira me permitia acertar as contas com os dois romenos. Quando chovia, o braço que fora quebrado doía, fazendo-me lembrar da humilhação sofrida. Resolvi dizer para Anedda que eles tinham me contado que mataram um albanês num casebre. O funcionário da Digos achou aquilo interessante.

– Estava mesmo me perguntando o que poderia deixar aos colegas da região para ajudá-los a engolir a pílula. Resolver um homicídio é sempre uma boa publicidade, mesmo que seja um caso sem importância. Sabe de algum elemento que possa incriminá-los?

Sorri.

– Eles se livraram dos bastões e dos martelos jogando-os num fosso.

– E você, como que por acaso, sabe onde é.

Sorri de novo.

A segunda ideia dizia respeito ao patrimônio da boate, ou seja, as dançarinas. O Blue Sky seria interditado e elas ficariam na rua. Um verdadeiro pecado. Em vez disso, eu poderia conseguir uma boa grana vendendo algumas para os bandos de kosovares que havia algum tempo rondavam os puteiros do Nordeste atrás de dançarinas profissionais para as boates de Pristina. A gloriosa guerra de liberação tinha acabado, mas as tropas da KFOR, a força de paz, ainda não tinham ido embora. E como todos os soldados, também eles precisavam se divertir e trocar o óleo. Assim, de um dia para o outro, a máfia kosovar, descendente direta da albanesa, tinha aberto estabelecimentos de todos os tipos. As boates de strip-tease eram os que mais rendiam, mas não era fácil encontrar dançarinas profissionais. O maior obstáculo eram as próprias garotas, que por nada no mundo queriam acabar nas mãos dos albaneses. Eu poderia concluir aquele pequeno negócio aproveitando o momento de confusão que se seguiria à prisão do proprietário. Não podia sumir com todas as garotas, mas cinco ou seis era um número bastante aceitável. Teria que esconder isso de Anedda e correr um grande risco, mas as bonecas renderiam ao menos cinquenta milhões. Fui,

portanto, a um *night-club* que o chefe dos kosovares costumava frequentar. Estava se gabando diante da escória italiana de ser um herói da UCK e um exterminador de sérvios. Fingi escutá-lo com respeitosa atenção, depois lhe propus o negócio. Aceitou o preço sem discutir muito, disse que mandaria alguém para escolher as garotas e foi tão gentil que quando saí decidi estar armado no momento da conclusão do negócio.

Os dias passavam, a reserva de cocaína ia diminuindo e se aproximava o momento de me livrar do patrão. Percebi que era o momento de arranjar um refúgio seguro e secreto. Os tiras não deviam me encontrar na boate e, por certo logo, acabariam me procurando. Até que Anedda esclarecesse com os colegas minha situação, era melhor permanecer ilocalizável. Sabia apenas de uma maneira de conseguir um esconderijo seguro. Comecei a examinar os anúncios dos jornais da Lombardia, evitando os da província de Bérgamo e privilegiando os da região de Varese. Queria descolar um alojamento não muito distante do alvo de nosso assalto. Mas assim que soube que o proprietário encontraria seu fornecedor dali a uns dez dias, renunciei a esta parte do plano e me voltei para uma velha conhecida: a viúva do chefe. Antes de saber quem eu realmente era, ela me contara que tinha uma casa em Milão. Fui portanto bater à porta de seu quarto num hotel de Udine. Estava entretendo um sexagenário que, ao me ver, percebeu que era melhor se vestir e ir embora. Ela, no entanto, sequer se cobriu. Pegou um cigarro no criado mudo e se sentou na beira da cama.

– O que quer? – perguntou, passando a mão nos cabelos.

Não respondi. Observei o quarto. Miserável e sujo.

– Com todo o dinheiro que lhe dei, podia arranjar coisa melhor.

Ela balançou a cabeça. Através do movimento dos cabelos notei uma careta de amargor devastar seu rosto. Foi questão de um segundo, mas o suficiente para perceber que poderia tê-la nas mãos mais uma vez.

Havia ficado com tanto nojo do meu dinheiro que perdeu tudo no jogo. Até a última lira.

– Gastou tudo no cassino, hein?

– Nem isso. Bastou uma casa de jogos.

Não tinha muito tempo. Dobrei a dose:

– E agora está de novo sem um tostão, obrigada a fazer servicinhos para aposentados.

– O que quer? – repetiu.

– Que pegue um trem, volte para sua casa em Milão e me hospede por um mês ou dois. Pagarei bem.

Ela me fixou. Tinha compreendido que procurava um esconderijo. Era viúva de um bandido.

– Mas nada de nojeiras. Estou farta dos seus joguinhos – sibilou com um tom de megera.

Talvez a madame se sentisse autorizada a pensar que pudéssemos inverter os papéis, já que era eu que precisava da sua casa. Aquela sua tímida rebelião me excitou como não me acontecia havia tempo. Olhei para a pele enrugada de seu pescoço, o seio caído, os sulcos da celulite em suas coxas. Peguei-a pelos cabelos e obriguei-a deitar de bruços na cama. Apanhei no criado mudo a garrafa de Fernet que ela usava para enxaguar a boca depois dos boquetes e apoiei delicadamente entre suas nádegas. Minha mão permaneceu imóvel por um interminável minuto. Queria que estivesse absolutamente consciente do que iria sofrer. Comportou-se bem. Sabia ser apenas uma perdedora, uma que na hierarquia daquele ambiente estava em último lugar. Fez tudo o que pôde para me fazer compreender que tinha se colocado em seu lugar.

Quando comuniquei a Anedda que a troca aconteceria nas quarenta e oito horas seguintes, ele me contou que tinha identificado o traficante pelo número da placa. O carro pertencia a uma cidadã italiana residente em Milão, uma prostituta aposentada. Ela morava com certo Jesus Zamorano, um boliviano com antecedentes por tráfico de drogas.

Na mesma noite o tira chegou com sua equipe, formada por quarentões de aspecto experiente. Pertenciam à geração do antiterrorismo, e eram aqueles que tinham nos perseguido e fodido com a gente. Encontramo-nos no estacionamento de uma pousada, na terra firme veneziana. Anedda fez sinal para que o seguisse.

Entregou-me um aparelho que parecia uma mistura de celular com uma navalha.

– É uma pistola elétrica – explicou. – Encoste-a no corpo do boliviano, aperte o botão, e ele ficará inconsciente por uns dez minutos.

– Preferia uma pistola de verdade.

Ele bufou, impaciente.

– Melhor evitar disparos e mortes numa loja de departamentos. Esse troço é mais discreto.

Foi então que compreendi:

– Não tem intenção de prender o traficante.

– Claro que não. Vou dá-lo de presente a certos colegas de Milão a quem devo alguns favores. Nesses casos, é preciso ser generoso. Para fazer boa figura, o seu patrão já basta e sobra.

A noite estava movimentada na boate e o proprietário sorria satisfeito com seus negócios. Gostaria de saber onde escondia sua bufunfa. Talvez no exterior, mas não me parecia do tipo que se afastasse de seu dinheiro. O Blue Sky era uma verdadeira mina de ouro e pelos meus cálculos ele devia ter guardado pelo menos uns dois bilhões. Teria que gastar uma boa grana com os advogados, mesmo assim lhe sobraria mais do que o suficiente para viver sem problemas. Quando saísse da prisão.

Um sujeito bateu em meu ombro. Era o kosovar que devia escolher as garotas. Observou-as por um bom tempo, depois me indicou sete delas.

– Então são setenta milhões – eu disse em tom duro.

Ele sorriu conciliador:

– Sem problemas, amigo.

Evitei olhá-lo para que não percebesse que eu não tinha dúvidas de que queriam me ferrar. Pretendiam levar as dançarinas sem desembolsar um centavo, e eu certamente não podia ir encontrá-los armado com a pistola elétrica que Anedda me dera. Eles me fariam engoli-la. Decidi que se não encontrasse uma arma mais eficaz deixaria de lado aquele negócio.

Os últimos clientes saíram da boate às quatro da manhã. Corri até minha casa. Preparei as malas e coloquei-as no Panda. Depois

de umas poucas horas de sono, tomei um banho e me dirigi para Treviso. Verifiquei pela enésima vez a bateria do celular. Anedda devia ligar para mim assim que o *barese* se aproximasse da loja.

O telefone tocou pouco depois das onze da manhã. Eu já estava circulando havia algum tempo no setor de artigos para casa, no último andar.

– Está entrando – avisou-me o tira.

Lentamente, aproximei-me da escada rolante. Lá de cima, percebi o boliviano andando entre as estantes de brinquedos. Também ele, após um telefonema, se dirigiu ao setor de roupas.

Usaram a mesma cabine para fazer a troca do dinheiro pela droga. Quando o *barese* se afastou com a cocaína, aproximei-me da porta fechada atrás da qual o boliviano devia estar contando o dinheiro. Quando abri, encostei a pistola elétrica em seu peito e o sujeito caiu no chão sem um lamento. Entrei e fechei a porta. Espiei a maleta. Estava cheia de notas. Revistei Zamorano e descobri que, por baixo da jaqueta, na altura do rim, levava uma espingarda dupla de cano serrado. Um brinquedinho de quarenta centímetros carregado com cartuchos para caçar javalis. A arma ideal para o encontro com a máfia kosovar. Saí da cabine e me afastei rapidamente descendo a escada. Na rua, percebi certa agitação. Um ajuntamento de curiosos cercava dois carros civis da polícia. Fui até o estacionamento, escondi a maleta e a espingarda embaixo do banco e voltei para a cidade tomando o máximo cuidado para não cometer a mínima infração de trânsito. Cheguei ao Blue Sky, que estava deserto àquela hora e me apossei do furgão que era usado para os mais variados transportes. Na noite anterior, afanara as chaves que sempre ficavam do lado da caixa registradora. Comecei a fazer o giro pelas casas das dançarinas que tinham sido escolhidas para trabalhar nas boates de Pristina. Moravam todas ali perto. Ia batendo de porta em porta e lhes contava que a polícia estava fazendo uma batida e que o *barese* tinha me pedido para escondê-las. Nenhuma delas desconfiou. No fundo, a historinha era plausível. O furgão não tinha janelas no compartimento de cargas e elas não podiam ver para onde eu as estava levando. O encontro com os kosovares era no estacionamento de um centro comercial em

Mestre. O grupinho de cinco pessoas era guiado pelo sujeito que aparecera na boate. Aproximaram-se sorrindo. Compreendi imediatamente suas intenções. Teriam me cercado saudando-me com grande afeto e um deles me apunhalaria. Discretamente. Uma facada no coração, a lâmina enfiada com destreza por entre as costelas. Então teriam me carregado como um amigo bêbado demais para ficar em pé e teriam me enfiado num carro. Antecipei-me, apoiando as costas no furgão e tirando de debaixo da jaqueta a espingarda. Os mafiosos pararam deixando as mãos à mostra. Verdadeiros profissionais. A mensagem era clara e significava um pedido de trégua para poder negociar. O suor escorria de meu rosto e de meu pescoço. Entrava nos olhos e ardia horrivelmente, mas por motivo algum tiraria uma das mãos da arma.

Um casal passou com um carrinho de compras, notou a cena e apressou o passo.

– Dinheiro amanhã, hoje não possível – disse o chefe.

– Seus filhos da puta. Queriam me ferrar. Deem o fora ou atiro.

Dividiram-se em dois carrões e partiram cantando pneu. Abri a porta de correr do furgão.

– Fora – gritei para as garotas. – A boate está fechada para sempre, procurem outro emprego.

A espingarda que ainda tinha nas mãos foi para as dançarinas um argumento decisivo. Saíram às pressas sem fazer perguntas. Eu parti com o furgão, transtornado pela raiva e pelo medo. Com a palma da mão, bati em minha testa. Forte. Para doer. Que idiota eu tinha sido. Quase morrera pela ninharia de setenta milhões de liras. Dali em diante, devia ser menos imprudente. Caso contrário, não teria nenhuma possibilidade de me safar.

1 De Bari, cidade do sul da Itália. [N.T.]

Francisca

Eu tinha que sair da casa da viúva para encontrar Anedda. Mas não podia deixá-la sozinha com minha grana. Naquela porra de apartamento não tinha encontrado nem um buraco para escondê-la decentemente. Assim que ficasse sozinha, aquela puta velha vasculharia minha mala e sairia correndo para torrar todas as minhas economias no cassino mais próximo. Procurei uma solução. Desci para comprar uma mamadeira na farmácia e uma garrafa de Fernet num armazém. A viúva estava tomando banho. Tapei seu nariz e enfiei na sua boca dois comprimidos de sonífero e a mamadeira.

– Mame – ordenei.

Provavelmente pensou que se tratava de um dos meus joguinhos. Obedeceu assustada. Não via a hora de que eu fosse embora e a deixasse em paz. Sentei-me na borda da banheira e acendi dois cigarros. Enfiei um entre seus lábios.

– Nem pense em vomitar.

Vi em seus olhos a vontade de pronunciar uma de suas costumeiras réplicas desagradáveis, mas se conteve. Acho que mais por resignação do que por medo. Esperei cerca de dez minutos. Para evitar que se afogasse, tirei a tampa da banheira e a água começou a escorrer.

– Quando voltar, quero encontrá-la aqui.

– Deixe-me ir para a cama. Darei uma bela dormida. Assim molhada vou acabar ficando doente.

Suspirei, não era hora de fazer concessões.

– Não, eu disse aqui.

Ferruccio, o tira, tinha dito para eu ficar na porta do McDonald's, na frente da estação central. Na mão, segurava bem firme a maleta com o dinheiro. Todo. Ele é que me daria meus trinta por cento. Comportamento de chefe de bando mais do que de policial. Mas é

assim mesmo, começa-se como um cruzado e, com o tempo, sujama-se as mãos, o coração e o cérebro. Chegou com um Fiat Brava. Pôs a mão para fora da janela fazendo sinal para que eu entrasse.

– Viu os jornais? – perguntou com ar satisfeito.

Fiz que não com a cabeça.

– E a TV? – insistiu.

– Não assisto TV e não leio jornais. Estou pouco me fodendo para as notícias.

– Que pena. A operação fez um grande sucesso e os colegas do Vêneto tiveram que ficar quietinhos. O chefe da polícia veio pessoalmente nos cumprimentar.

Anuí com ar solene. Anedda estacionou numa rua lateral pouco movimentada. Indicou a maleta.

– Quanto?

– Duzentos milhões, redondo.

Deu-me uma cotovelada na cara. Um golpe seco, preciso e forte, dado com a naturalidade da prática e do treino. Fiquei meio tonto e apoiei a cabeça no painel do carro.

– Soube de um movimento estranho num estacionamento em Mestre – sibilou com raiva. – Um elemento apontando uma espingarda de cano serrado para um grupo de sujeitos com cara de bandidos e garotas com cara de putas saindo da traseira de um furgão em todas as direções como galinhas.

Era inútil negar, Anedda teria me massacrado.

– Fiz uma cagada.

Usou mais uma vez o cotovelo para bater em minha orelha. Técnicas de interrogatório. Na sua longa e honrada carreira, devia ter surrado um bom número de estudantes e operários de extrema-esquerda. Compreendi que ele estava precisando extravasar e que era melhor eu ficar quietinho.

– Quis me passar para trás, mas como é um cabeça de bagre arriscou estragar tudo. Se os *carabinieri* ou a brigada financeira o pegassem, acabaríamos todos na prisão.

Tirou a chave da ignição e cortou meu rosto com ela. Em silêncio, peguei o lenço e cobri a ferida. Baixei o espelhinho do quebra-sol, tirei a poeira com os dedos e examinei o corte. Nada

demais. Uma laceração de dois centímetros. Só para deixar bem claro quem é que mandava.

– Precisa de uma lição – continuou o tira em tom mais calmo. – Em vez de trinta, vai ficar com dez.

Sacudi a cabeça.

– Me dê os trinta e o farei entrar num negócio que o deixará rico.

– Que negócio? Outra venda em atacado de putas? – retorquiu com ar de troça.

– Um carro blindado.

Acendeu um cigarro.

– Quanto?

– Um bilhão no mínimo, provavelmente um e meio.

– Estou escutando.

– Quero os trinta.

– Só os terá se a proposta me interessar.

Contei tudo, sem omitir nenhum detalhe.

– O que quer de mim? – perguntou quando terminei. – Não pretende que eu coloque um capuz na cara.

– Claro que não – rebati imediatamente. – Deve apenas me indicar o pessoal que devo contratar para o golpe. Estou fora dos círculos. Ou melhor, não quero ter que recorrer aos bandidos que conheci em San Vittore. Sabem quem sou e, por isso, não posso confiar. Se alguma coisa desse errado, logo abririam a boca.

– Só isso?

– Haveria mais uma coisinha, mas não é necessária para realizar o golpe. Digamos que seria útil para ficarmos com uma fatia maior do bolo.

Ele riu.

– Quantos quer eliminar?

– Dois já estão mortos, mas ainda não sabem. Os outros, temos que decidir. Pensei em reunir todos para a partilha e... com sua ajuda, distribuir um pouco de chumbo.

Sacou sua pistola e a encostou em minhas costelas.

– Talvez esteja pensando em me matar também?

– Talvez a ideia seja recíproca.

Ferruccio guardou a Beretta no coldre e mudou de tom.

- Então quer que eu lhe arranje alguns desesperados.
- É complicado?

Ele gargalhou.

– De modo algum. Antes eram uma raridade, mas agora encontram-se às pencas. Este país se transformou no cemitério dos elefantes: todos vêm aqui para morrer.

Voltou a ficar sério e começou a contar o dinheiro. Colocou minha parte num envelope de papel e mandou que eu desse o fora. Daria notícias pelo celular. Não perguntou onde eu estava alojado. Ou já sabia ou não estava nem aí.

Peguei um táxi e descii a duzentos metros da casa da viúva. Encontrei-a ainda no mundo dos sonhos. Peguei-a no colo e coloquei-a na cama. Voltei ao banheiro para me olhar no espelho. O rosto estava inchado, mas a ferida não sangrava mais. Vasculhei o armário e encontrei um antisséptico e curativos. Ficaria uma cicatriz. Num pronto-socorro, um cirurgião poderia dar alguns pontos e fechar o ferimento, mas o corte parecia exatamente o que era: uma desonra. Melhor evitar complicações. A casa estava silenciosa, sentei numa poltrona e fumei um cigarro. Tinha que resolver o problema do esconderijo de minhas economias. Não podia sedar a viúva cada vez que fosse sair. De tanto sonífero e Fernet acabaria matando-a. Ainda era cedo para isso. Que tinha que morrer, eu sempre soube. Depois do golpe, não poderia deixar para trás uma boca pronta para me delatar. Por enquanto não sabia de nada, mas convivera demais com a bandidagem para não associar minha presença em Milão com o assalto ao carro blindado. Um golpe bilionário com dois mortos no chão é uma notícia que não passa despercebida. Se Ciccio Formaggio devia ser eliminado pela remota possibilidade de que falasse demais, não tinha dúvidas de que a viúva botaria a boca no trombone. Por vingança. Pelo gosto de levantar a cabeça uma última vez na vida. Devia encontrar um meio de eliminá-la sem despertar suspeitas, os vizinhos certamente tinham me notado. Levantei e comecei a andar pelo apartamento atrás de um esconderijo. Num quarto, encontrei um armário pesado demais para que ela conseguisse afastá-lo sozinha. Voltei ao seu quarto e me certifiquei de que continuava dormindo. Dividi o

dinheiro em pequenos maços, coloquei-os em saquinhos de plástico para conservar alimentos e os fixei com percevejos atrás do armário. Empurrei-o de volta contra a parede e verifiquei se não dava para ver os saquinhos. Não era um cofre muito ortodoxo, mas não tinha nada melhor à disposição.

Troquei-me. A viúva tinha acordado, mas fingia dormir para não ter que falar comigo.

– Estou saindo. Você fica em casa assistindo televisão. É paga também para isso.

Quando cheguei à rua, me dei conta de que não sabia para onde ir. Não tinha vontade de rever os lugares que frequentava quando era um ex-detento desesperado e sem um tostão. Comecei a caminhar sem rumo. Era um belo anoitecer de fim de setembro. Andei um bocadinho, olhando as vitrines e as pessoas. Entrei num restaurante cheio de gente que comia, bebia e conversava. Era o único que não tinha nada para fazer além de olhar ao redor. Fiquei ali sem jeito até que o garçom me servisse o risoto. Lá pelas tantas, o *chef* saiu da cozinha. Pela maneira como se comportava, percebi que era também o proprietário. Começou a circular pelas mesas perguntando aos clientes se os pratos estavam bons. Às vezes se sentava um pouco para conversar. Era um gesto de cortesia que as pessoas apreciavam. Chegou minha vez. O sujeito me examinou, concluiu que eu era apenas um freguês ocasional e se limitou a perguntar a meia-voz se estava satisfeito com a comida e com o serviço.

Não respondi e lhe indiquei uma cadeira à minha direita.

– Ofereço-lhe uma taça de vinho.

Ficou atônito por um momento, então concordou. Com um gesto, pediu uma taça ao garçom.

– Eu trabalhava num estabelecimento – contei. – Como o senhor, também era tratado com respeito pelos clientes. Entende o que estou dizendo?

O *chef* anuiu e arrumou o lenço em volta do pescoço. Devia ter seus cinquenta anos, magro mas musculoso. Em seu traje não havia a mínima nódoa, e suas mãos eram limpas e bem cuidadas. Um vencedor.

– Estava me perguntando – continuei –, visto que pretendo mudar de ramo, se abrir um restaurante pode ser um bom investimento. Sabe, gosto de trabalhar com pessoas...

O *chef* esvaziou o copo de um gole. Não tinha intenção de ficar ali conversando comigo.

– Não sei em que tipo de estabelecimento trabalhou, mas restaurante é um negócio sério – começou a explicar em tom pedante. – Tem que ser do *métier* e ter um amplo conhecimento também no campo enológico. Talvez uma pizzaria seja uma atividade mais adequada. Boas ou ruins, todos comem pizzas – concluiu levantando-se. Apertou educadamente minha mão e se aproximou de outra mesa.

Pizzaria o caralho, pensei, continuando a observá-lo. Não investiria meu dinheiro numa atividade de baixo nível. Hoje em dia até chineses gerem pizzarias. Com o risco que estava correndo para garantir um futuro decente, merecia algo melhor. Sobretudo em termos de clientela. Precisava de uma nova honradez, e só as pessoas de bem poderiam fornecê-la. Aquelas com a carteira cheia e os amigos certos. Abriria um lugar de luxo. Obviamente, sem sequer tentar bancar o cozinheiro. Eu me limitaria a contratar profissionais e seria o patrão, dividindo-me entre o caixa e as mesas dos clientes. Era só uma questão de dinheiro. Quando se é um marginal saído da prisão, a vida é uma luta do cão. E tudo custa o dobro.

Paguei a conta e voltei a caminhar. Quando me senti cansado, entrei num cinema. Filme americano. Um saco.

Voltei para a casa da viúva. Quando ouviu a chave girando na fechadura, correu para se fechar no quarto. Por um momento, senti-me tentado a deixá-la em paz, mas estava entediado, precisava me distrair. Bati na porta e obriguei-a a voltar para a sala andando de quatro.

Ferruccio, o tira, não deu notícias por uma semana. No sábado, voltei ao hipermercado para verificar novamente os horários e os movimentos do carro blindado. Mas foi o único momento em que consegui vencer o tédio. A cidade me repelia como um corpo estranho e minha única distração eram os restaurantes. Dois por dia. Entrava apenas naqueles que me pareciam de certo nível.

O mesmo McDonald's e o mesmo carro da outra vez. Anedda dirigia rápido no meio do trânsito, controlando constantemente o espelho retrovisor. Era um cara que estava sempre atento.

– Encontrei as pessoas certas – anunciou. – Três anarquistas espanhóis, dois homens e uma mulher, foragidos por causa de outro assalto e sem nenhuma chance de se safarem.

– E o que mais?

Redarguiu:

– Dois croatas. Criminosos de guerra, mas excelentes atiradores.

Sacudi a cabeça.

– Não vai dar certo. Nunca conseguirão trabalhar juntos.

– Aí é que se engana – rebateu Ferruccio. – São verdadeiros desesperados e precisam de dinheiro. Além disso, não precisarão agir juntos. Os croatas no teto e os espanhóis no carro para pegar os sacos de dinheiro.

Ele tinha razão. A ideia não era ruim.

– E se morrerem ninguém está nem aí, certo?

– Certo. Debaixo do seu banco há dois dossiês com todas as informações sobre eles, fotos e endereços atuais. Serviriam para prendê-los, mas consegui mudar o programa. Tem dez minutos para lê-los, não posso deixá-los rodando por aí.

Comecei pelos croatas. Romo Dujc, dito Cerni, o negro, 44 anos, e Tonci Zaninovic, 42. Milicianos do 72º batalhão da polícia militar, acusados de participação em várias operações de limpeza étnica. O relatório os designava como *snipers*, atiradores de precisão. E esta era a única informação que me interessava. Observei as fotografias. Caras rudes. Gente perigosa. Não seria fácil liquidá-los. Escondiam-se num pequeno apartamento na periferia de Milão, em Giambellino, alugado por uma prostituta croata. Solidariedade patriótica.

Passei aos espanhóis. Sebastián Monrubia, Esteban Collar e María Garcés. 39, 36 e 31 anos. Nomes de guerra, Pepe, Javier e Francisca. Ela era um mulherão, já os dois tinham expressões torpes de militantes devotados, destinados ao sacrifício. Tirá-los da parada não seria um problema. A justiça espanhola os caçava por um assalto que terminara mal, um guarda civil morto e outro

gravemente ferido. Tinham se refugiado na casa de um companheiro italiano que frequentava um centro social e estava com o telefone grampeado.

Coloquei o dossiê embaixo do banco e acendi um cigarro.

– Amanhã contatarei ambos os grupos.

– Como pensa se aproximar deles?

Esperava por aquela pergunta. Aliás, era o momento mais difícil da operação. O pretexto tinha que ser convincente. Muito convincente.

– Direi para eles que sou um informante e que os identifiquei, mas como são bons rapazes, em vez de vendê-los aos tiras, tenho uma proposta a lhes fazer de um assalto fácil e rentável.

Anedda se virou para me olhar.

– Não conseguiu pensar em nada menos perigoso? Não me parece gente que goste de infames. Corre o risco de levar uma facada.

Dei de ombros.

– Seria difícil fazê-los acreditar que um bandido os descobriu. Melhor uma meia verdade.

O tira me deixou perto da estação Cadorna. Fiquei passeando até sentir fome. Então, entrei num restaurante.

Toquei a campainha do refúgio dos croatas às oito da manhã. Preferia encará-los sonolentos. A garota abriu a porta. Seu sobrenome era Bazov, o nome era impronunciável. Na rua dizia se chamar Luana, porque não há nada pior para uma puta do que ter um nome complicado. Era de Vukovar. Expatriada em seu país, expatriada na Itália, só lhe restara a rua. Abriu a porta com os olhos cheios de sono.

– O que quer? – resmungou.

– De você, nada. Quero falar com Cerni e seu sócio, Zaninovic.

Empalideceu e acordou na hora. Sacudiu a cabeça em pânico.

– Não conheço essas pessoas – mentiu.

Belisquei seu mamilo com maldade. Outro truque que os romenos da boate tinham me ensinado.

– Vá chamá-los – ordenei.

Luana, apavorada, fechou a porta na minha cara. Poderia ter dado um pontapé e entrar à força no apartamento, mas era possível que os dois estivessem ali de butuca, armados e prontos para qualquer eventualidade. Percebi a presença de alguém me observando pelo olho mágico. Não movi um músculo. Foi Cerni em pessoa quem abriu a porta. Uma mão na maçaneta, a outra armada de uma grande pistola automática.

– Oi, Romo – cumprimentei-o. – Quero falar com você.

Avançou a cabeça para verificar se estava sozinho. Então voltou a me fixar. Era alto e robusto e tinha um rosto assustador. A boquinha de menina contrastava com o crânio raspado, as suíças de *skinhead* e o pescoço empapado. Quando cruzei seus olhos azul-pálido de animal acossado, tive certeza de que não se deixaria matar facilmente para nos dar sua fatia do bolo.

Com a cabeça, fez sinal para que eu entrasse. Assim que atravessei a soleira, me jogou contra a parede e me revistou com profissionalismo. Afinal, fora um agente da polícia militar durante boa parte de sua vida. Com a pistola, indicou-me o corredor. Entramos numa ampla cozinha onde nos esperava seu sócio armado com um fuzil. Apontou para o meu rosto. Se tivesse apertado o gatilho, minha cabeça teria se separado do corpo. Romo latiu uma ordem e Tonci abaixou a arma. Sorri para ele. Era alto e magro, com o corpo bem modelado por anos de musculação. Também ele tinha a cabeça raspada e um rosto de crápula com um pequeno cavanhaque loiro. O clássico executor. Indicaram-me uma cadeira. A mesa do jantar não fora tirada. Pratos e talheres para dois. A garota devia sair para bater as ruas antes da janta. Acendi um cigarro.

– Fale – ordenou Cerni em italiano com jeito de policial. O ofício ficara impresso em seu DNA.

– Trabalho para a polícia – expliquei. – Ajudo os tiras a caçar os foragidos. Por dinheiro. Não sou um patriota como vocês. Localizei-os, mas em vez de vendê-los, resolvi lhes oferecer um trabalho.

Cerni traduziu para o amigo. Então voltou a me fixar.

– Que tipo de trabalho?

– Um assalto. De um carro blindado.

– Nunca participamos de assaltos.

– Devem apenas ficar em cima de um terraço e abater dois guardas.

Fiz o gesto de segurar um fuzil e disparar.

– *Sniper* – acrescentei.

Conversaram entre eles.

– Quanto para cada um?

– Não menos de duzentos milhões. Dinheiro suficiente para organizar uma fuga decente.

– Por que devemos confiar em você?

– Porque estão atolados na merda até o pescoço. Se foram obrigados a se esconder no exterior é porque seus amigos na Croácia os abandonaram. Foram considerados sacrificáveis e o único modo de se salvarem é arranjar dinheiro suficiente para atravessar o oceano e sair da Europa.

– E se não aceitarmos a proposta, talvez por não confiarmos em você? Os informantes traem todo mundo, sem distinção.

– Então é melhor procurarem outro refúgio, porque a polícia logo chegará aqui.

Romo riu com maldade.

– Podemos matá-lo agora, assim não poderá avisar seus amigos policiais.

Balancei a cabeça, desolado.

– Estou decepcionado. Pensei que fosse mais esperto. Acha mesmo que vim aqui sem tomar as devidas precauções?

Ele se levantou. Pegou uma garrafa de cerveja na geladeira.

– Não me agrada ter que confiar num informante.

– Mas não tem alternativa – interrompi-o em tom duro. – Não os vendi porque são bons atiradores e o assalto vai me render mais. Simples assim.

Voltaram a conversar entre eles. Dos dois, Tonci me parecia o mais flexível.

Romo coçou a barba eriçada.

– De acordo, estamos dentro. Mas fique ligado, italiano. Somos vingativos.

Liquidei a ameaça com um gesto da mão e passei aos detalhes do golpe. Descobri que possuíam um discreto arsenal, inclusive dois

fuzis russos de precisão modelo Dragunov, com carregador de dez tiros e mira infravermelha. Afeiçoamo-nos a nossos instrumentos de trabalho e nunca mais os abandonamos.

Romo traduziu a pergunta de Tonci sobre como seria feita a repartição da grana. Os dois não eram completamente estúpidos. Já tinham identificado o momento mais perigoso para sua incolumidade. Respondi que ainda não tinha pensado naquilo e Romo me avisou que não participaria da operação sem conhecer todos os detalhes. Disse para eles não se preocuparem e me dirigi para a porta.

Fui tomar um café para relaxar. Aqueles dois davam medo. Fanáticos perigosos, profissionais da violência e da crueldade. Relembrando a conversa palavra por palavra, cheguei à conclusão de que tentariam ficar com o botim inteiro para eles. Não tinham nada a perder e podiam decidir não deixar testemunhas para trás. O momento da repartição corria o risco de se tornar um tiroteio. Meu plano, no entanto, previa apenas uma execução.

Decidi ir encontrar os espanhóis. Peguei o bonde. Preferia sempre andar em transportes públicos, porque assim podia controlar mais facilmente se alguém estava me seguindo. Além disso, gostava de olhar a cidade pela janelinha e observar as ruas e o movimento.

Não tinha ninguém em casa. O anfitrião deles devia estar no trabalho. Como eram onze da manhã, imaginei que estivessem rodando pelo bairro fazendo compras. Isso se não estivessem mantendo a forma assaltando um banco. Em vez disso, encontrei-os num bar. Passando em frente da vitrine, vi-os ocupados em morder croissants e beber cappuccinos e sucos de fruta. Entrei, peguei uma cadeira e sentei à mesa deles. Os dois homens reagiram colocando a mão no bolso de seus casacos à procura da coronha tranquilizadora de suas pistolas. Desafiei-os com o olhar. A mulher se limitou a fixar os olhos em mim. Era ela o chefe. Não havia dúvidas. Apoiei as mãos sobre a mesa para dar a entender que não tinha más intenções.

– Pepe, Javier e Francisca, prazer em conhecê-los – disse em tom amigável, falando em espanhol e usando seus nomes de guerra.

- Quem é você? – perguntou ela.
- Alguém que sabe tudo de vocês.
- É um companheiro? – perguntou Pepe.

Ri com escárnio.

- Já fui. Agora parei de sonhar e me dedico a ganhar dinheiro.
- Quem é você? – repetiu Francisca. – Fala espanhol como um mexicano.

Observei-a. Era realmente bonita. Cabelos e olhos pretos. Rosto oval e perfeito. Seios grandes e pernas compridas que despontavam da minissaia. Os sapatos de salto baixo destoavam do conjunto, mas a escolha devia ter sido imposta pela necessidade de estar pronta para correr o mais rápido possível a qualquer momento. Pena que não fosse meu tipo. Não apenas era jovem demais, mas devia também ser a típica pentelha que nunca baixava a cabeça, sobretudo diante de um homem.

Ignorei sua pergunta e pedi ao barman o terceiro café da manhã. Acendi um cigarro. Só então falei:

- Sou um informante da polícia. Ia vendê-los para os tiras, mas, para a sua sorte, preciso de vocês para certo trabalho.

– Que trabalho? – perguntou a mulher.

– Um assalto. Um carro blindado. Duzentos milhões por cabeça.

Os três se olharam. Os dois homens estavam apontando suas armas para mim através do bolso de seus casacos. Teriam disparado com prazer, mas se encontravam num lugar muito movimentado.

– Não trabalhamos com canalhas – disse Francisca.

Sorri e fixei-a nos olhos.

– Então comecem a correr – rebati, indicando a porta do bar. – É verdade que o amiguinho italiano de vocês, sua mulher e os outros do centro social vão passar por maus bocados, mas...

– Filho da puta – insultou-me Pepe. – Eles não sabem nada de nós. Pensam que somos três companheiros espanhóis de férias.

– Sei disso. Mas acham mesmo que a polícia e a justiça não vão aproveitar para “criminalizar aquela área de movimento” e acertar contas com um centro social que vive enchendo o saco? Não seria a primeira vez que isso acontece na Itália. Na verdade, é a regra.

Olhei para eles. Sabia perfeitamente no que estavam pensando. Outros teriam saído dali sem nenhum remorso se alguém fosse parar na prisão. Os companheiros, não. Coerência, senso de responsabilidade e solidariedade militante. Observei sua perturbação. Idêntica àquela que li no rosto de Gianni na cervejaria de Paris. Iam acabar aceitando. Não podiam levar para o túmulo a vergonha de uma traição. Melhor para eles, morreriam felizes.

– Dê o fora, babaca – ordenou a mulher. – Precisamos conversar. Nos veremos aqui amanhã, na mesma hora.

Passei até a hora do almoço. Escolhi cuidadosamente um restaurante e liguei para Ferruccio, o tira. Perguntou-me onde estava. Vinte minutos depois, vi-o entrar, impecável e elegante como sempre. O vinho que pedira não era de seu agrado e mandou trocá-lo sem me consultar. Prepotência de tira.

– Aceitaram? – perguntou.

Contei tudo nos mínimos detalhes, como sempre fazia com ele. Confiei-lhe inclusive minhas suspeitas sobre as intenções dos croatas de nos eliminar e ficar com a bufunfa.

– Uma tentação que os espanhóis também podem sentir – argumentou Anedda. – Assim poderiam dar cabo de dois fascistas croatas e de um informante da polícia.

Naquilo eu não tinha pensado. Seu raciocínio era impecável, mas eu conhecia muito a fundo o ambiente dos idealistas de esquerda para acreditá-lo possível. De qualquer forma, era melhor estar preparado para tudo.

– Quando formos dividir a grana, terá que estar ali, bem escondido e pronto para surgir no momento certo e me ajudar a acabar com todos.

– Sete são demais – comentou.

– Cinco – corrigi. – Ciccio Formaggio e seu informante morrerão na noite anterior.

– Vai cuidar disso?

– Vou.

Ajeitou o nó da gravata.

– Cinco ainda é muito, mas dá pra encarar. Teremos que encontrar uma casinha desabitada no campo.

– Isso é da sua conta. Você é o milanês aqui.

Pela enésima vez, olhou em volta com discrição, para ver se havia alguma cara conhecida. Tranquilizado, levantou e foi embora sem pagar sua parte da conta.

A viúva tinha se embebedado. Encontrei-a deitada de bruços sobre o sofá. O quarto fedia a cigarro e álcool. Escancarei uma janela. Preparei um café forte e enchi a banheira de água fria. Aquela idiota se embriagara de propósito para me evitar.

Na manhã seguinte, apenas María Garcés, aliás Francisca, apareceu no bar. Estava de cabelo preso e usava uma calça jeans que colocava em evidência sua bunda e suas pernas.

– Sozinha?

– Melhor um na cadeia do que três.

– É verdade. Prudência nunca é demais. Então, o que decidiram?

– Não podemos permitir que inocentes paguem por nós. O problema é que você não oferece nenhuma garantia de segurança. Pode se tratar de uma armadilha, quem garante que depois do assalto não vai nos matar pelas costas ou nos entregar para a polícia? E depois de nos eliminar ainda poderia denunciar nossos companheiros italianos. Com canalhas como você, nunca se sabe.

Gostava de me insultar. Estava indignada e irritada, sobretudo porque sabia que eu os tinha encurralado.

– Se acabou com os xingamentos, podemos começar a examinar o plano.

Expliquei a operação sem indicar o lugar e o dia, como tinha feito com os croatas. Quando me perguntou quem eram os outros cúmplices, falei apenas de Romo e Tonci. Assim que soube que eram milicianos croatas, voltou a soltar insultos por mais alguns minutos. Deixei-a desabafar. Acalmou-se quando lhe disse que, depois da repartição do botim, poderiam se entrematar. Pela sua expressão, compreendi que também eles tinham pensado e conversado sobre essa possibilidade. Ferruccio tinha razão. Fora aquele idiota do Ciccio Formaggio e seu informante, todos os outros participantes do golpe pensavam em eliminar a concorrência. Mas com os espanhóis não me preocupava nem um pouco. Eram os croatas que me

inquietaavam. E Anedda. O tira era uma incógnita. Acreditava-o capaz de tudo. Até de guardar o último tiro do carregador para mim, uma vez eliminados os outros. Eu não tinha intenção de eliminá-lo. No futuro ainda podia me ser útil. Mas ficaria de olho nele e, se tentasse me ferrar, pagaria com a mesma moeda.

– Quero ver o lugar e o carro blindado quando pega o dinheiro. Quero verificar as possibilidades de fuga – começou a elencar a espanhola, distraíndo-me de meus pensamentos.

Interrompi-a com um gesto da mão.

– Mostrarei um vídeo para vocês. Não quero ninguém rondando em volta do meu golpe. Podem acabar estragando tudo. A operação ocorrerá nos próximos dez dias.

No sábado filmaria a cena e na semana seguinte entraríamos em ação.

Ela me fixou com ódio.

– Esse assalto fede cada vez mais a uma armadilha.

– Ele fede é a dinheiro, mas você está presa demais a seu papel de militante dura e pura para se dar conta disso.

Ergueu a mão para me dar um tapa.

– Estamos num bar – recordei-a em tom calmo.

Abaixou a mão.

– Se tentar nos foder, será a última cagada de sua vida.

Suspirei. Era insuportável. Matá-la seria um prazer. Esbocei um sorriso.

– Nos encontraremos aqui exatamente daqui a uma semana, na mesma hora. E traga os seus amiguinhos. Conhecerão o resto do grupo.

Encontrei Ciccio Formaggio no almoço. Começou a se queixar assim que viu os preços no cardápio.

– Que porra de lugar é este? Aqui depenam os clientes em vez das galinhas!

Suspirei.

– Deixe de ser pão duro! Vai encher o bolso de milhões e reclama do preço do restaurante?

Voltou a ficar de bom humor.

- Então vai rolar?
- Sim, faltam apenas alguns detalhes logísticos.
- O que devo fazer?
- Roubar dois carros. Que tenham quatro portas e não sejam carroças. Depois deve deixá-los em dois estacionamentos pagos bem distantes um do outro e me entregar os tickets.
- Só isso?
- Não – respondi, dando uma piscada. – Deve vir com o informante pegar sua parte do dinheiro e gozá-la.
- Onde nos encontraremos?
- Direi quando me trouxer os tickets dos estacionamentos.

Tratei de aprender a usar a câmera de vídeo pela qual pagara bem caro. Precisava de imagens nítidas para mostrar ao resto do bando. Quando o carro blindado chegou para pegar o caixa da semana, eu estava no teto do imóvel onde posicionaria os croatas, pronto para rodar um filminho de um bilhão e meio de liras. Entrara com uma chave-mestra que Ciccio Formaggio me dera na noite anterior. Já estava escuro, mas o estacionamento do hipermercado era muito bem iluminado. Como das outras vezes, o blindado parou por cerca de dois minutos com o motor ligado. As portas se abriram e os dois seguranças desceram com as mãos nas coronhas das pistolas. Grandes semiautomáticas, com um volume de fogo total de trinta tiros. Armas adaptadas a um confronto de perto com um inimigo visível, mas impotentes contra as balas dos *snipers*. Vestiam coletes à prova de bala, mas estes também não seriam de grande utilidade contra os poderosos calibres de guerra de Romo e Tonci. As balas blindadas atravessariam os coletes como uma faca entra na manteiga. De qualquer jeito, os *snipers* certamente mirariam na cabeça. Os dois seguranças cairiam no chão abatidos como bois no matadouro. Assaltar carros blindados na Itália era rentável e nada complicado. Bastava identificar o ponto fraco do trajeto e matar a maior parte dos seguranças. Era só uma questão de ter colhões de arriscar pegar prisão perpétua. Os dois abriram a porta de aço do cofre e tiraram os sacos com o dinheiro. Com o zoom da câmera,

segui o furgão até que desaparecesse atrás de uma curva. Por segurança, examinei o que tinha filmado. Perfeito.

Organizei o encontro numa espelunca no bairro dos Navigli. Ficava deserta no domingo de manhã, e o proprietário, um mafioso de meia tigela que eu conhecera em San Vittore, a alugara para mim por algumas notas de cem mil. Quando abri a porta, fui assaltado pelo fedor de cigarro, suor e miséria. Escancarei todas as janelas na tentativa vã de arejar o lugar. Móvel mínima, mesas redondas de plástico cobertas com panos verdes, velhas cadeiras bambas de madeira. Os únicos objetos novos eram a televisão e o videocassete. Ao lado deles, no chão, uma pilha de fitas pornô. Serviam para distrair os clientes enquanto esperavam a hora de jogar. Acendi um cigarro e sentei perto da janela para vigiar a rua. Primeiro chegaram os croatas. Desconfiados e com as mãos enfiadas no bolso, prontos para sacar as pistolas e disparar. Esperei-os na porta e, com as mãos bem à vista, convidei-os a examinar o ambiente. Nem um pouco tranquilizados, instalaram-se num sofazinho de onde podiam vigiar a entrada. Os espanhóis chegaram com meia hora de atraso. Pepe e Javier entraram segurando seus revólveres atrás das costas e se posicionaram um de cada lado da porta. Só então Francisca entrou. Estava ainda mais bonita. Vestia um *tailleur* elegante, sapatos e bolsa combinando, e meia-calça preta fosca. Não se dignou sequer a me olhar. Parou no meio do cômodo, olhando para os dois croatas. Romo e Tonci olharam para ela por sua vez. Cheguei a ficar preocupado com o olhar turvo de Cerni. Tinha gostado da espanhola. Adoraria estuprá-la e depois assassiná-la. Na América Central, eu adquirira certa experiência a respeito de soldados e sabia que não estava enganado. Estava cagando e andando para o fim que a espanhola levaria, mas não queria que o golpe fosse por água abaixo por causa de uma trepada. Quando os croatas se deram conta de que os acompanhantes da bonita empunhavam pistolas, sacaram as suas, apoiando-as no joelho. A tensão era palpável.

– Larguem essas armas – disse em tom firme – e concentrem-se no plano. No próximo sábado entraremos em ação. – Apaguei a luz e liguei o videocassete. As imagens começaram a desfilarem na tela, prendendo a atenção de todos e diminuindo a tensão. Mostrei o

vídeo sem interrupções, então o rebobinei e voltei a passar usando o *pause* para discutir os detalhes. A coisa andou devagar por causa de Tonci, que precisava sempre da tradução de seu sócio, mas no final estavam todos convencidos de que o plano funcionaria.

Num cartão, anotei a rua que levava ao hipermercado e a rota de fuga. Croatas e espanhóis deviam usar os dois carros roubados por Ciccio Formaggio e, depois do assalto, me encontrar num posto de gasolina na estrada de Varese. Eu os guiaria até uma casinha de campo para a repartição do dinheiro. Então, cada um seguiria seu caminho.

Os anarquistas se levantaram e saíram. Francisca se virou e olhou bem nos olhos de Romo. Lera o pensamento do croata e sua resposta estava naquele olhar de desafio. O homem, nem um pouco impressionado, lambeu os beiços de maneira provocante.

Os dois croatas esperaram dez minutos antes de saírem sem me cumprimentar. Fumei um cigarro. Tirei a fita do videocassete e a pisoteei. Era melhor destruir qualquer prova. Pus o que sobrou num saco plástico, onde esvaziei também os cinzeiros cheios de bitucas. Certifiquei-me de que não tinham ficado rastros de nossa presença e fui embora. Passei pelas ruas desertas até o bar onde me esperava o proprietário da casa de jogos. Deixei discretamente em sua mão a chave e a outra metade do dinheiro que lhe devia.

Dirigi-me para o centro. Precisava refletir com calma. Escolhi um restaurante que servia peixe. Estava com apetite e pedi um antepasto misto, quente e frio, *linguine* com lagosta e fritada de choco e lula. O *sommelier* chegou. Com altivez, aconselhou-me um vinho branco de Collio. Enquanto ele o exaltava, espiei a carta e vi que custava a “bagatela” de cinquenta mil liras. Por aquele preço, só podia ser bom. Com um sinal de cabeça declarei-me de acordo com sua escolha.

Quando finalmente fiquei sozinho, observei longamente a imagem do meu rosto deformado no pires de prata. Então compilei mentalmente a lista das pessoas que deviam morrer. A viúva, Ciccio Formaggio, o segurança-informante, Romo, Tonci, Pepe, Javier e Francisca. Oito. Pessoas demais se ligadas entre si. Mas isso não aconteceria, e os corpos dos estrangeiros nunca seriam

identificados. Clandestinos até na morte. Dos três primeiros teria que cuidar pessoalmente. No meio do antepasto já tinha resolvido o problema da viúva. Eu a fazia dormir com o sistema de sempre, Fernet e soníferos. Então, puxando-a pelas pernas, fazia seu corpo deslizar na água até cobrir sua cabeça. Os vizinhos, acostumados com suas longas ausências, não suspeitariam de nada e, quando o fedor os convencesse a chamar a polícia, todos, inclusive o médico legista, acreditariam num acidente. A imprensa lembraria de quem ela fora esposa e lhe dedicaria uma meia coluna temperada de recordações e piedade. Eu a mataria terça de manhã, três dias depois do golpe, quando as águas já tivessem se acalmado. Então me transferiria para o Vêneto e mudaria de vida. Pensar na viúva me fez ficar de pau duro e tive algumas ideiazinhas de como me divertir. Mas era melhor deixar para lá. Encontrando algum sinal dos meus joguinhos, um dissecador de cadáveres atento poderia ter estranhas ideias.

Os dois outros morreriam na noite anterior ao golpe, sexta-feira. Pediria a Ciccio para vir me entregar as chaves junto com o informante. Se perguntasse o porquê daquele encontro, diria que queria ver ao vivo o seu sócio antes da repartição do dinheiro, para evitar más surpresas. Era uma desculpa de merda. Só um estúpido como Ciccio Formaggio poderia acreditar nisso. O segurança também engoliria por ser um cara correto, sem nenhuma experiência na bandidagem. Além disso, Ciccio garantiria. Chupando as pinças da lagosta, pensei em como matá-los. É preciso escolher sempre o sistema mais fácil, mais rápido e mais limpo. E, neste caso, um tiro na nuca era a melhor solução. A bala devasta o cérebro e a vítima não tem tempo nem para dizer adeus ao mundo. E a sujeirada toda, sangue, fragmentos ósseos e matéria cerebral jorra exatamente do lado oposto ao do furo de entrada. Sentaria no banco de trás do carro deles e os eliminaria. Primeiro o motorista. Depois o carona. Com uma pistola com silenciador. Quando aniquilara Luca na América Central, a detonação me ensurdecera, estragando em parte a sensação de maravilha e poder que se experimenta ao se tirar a vida de um homem apertando o gatilho. Para terminar, encharcaria os cadáveres de gasolina, e os tiras levariam um bom tempo para

identificar os restos carbonizados. E, uma vez descoberto que se tratava de um ex-terrorista delator e de um segurança, imediatamente associariam o duplo homicídio ao assalto. Era exatamente o que queria. A pista não levaria a parte alguma e, de qualquer jeito, Anedda, como funcionário da Digos, participaria das investigações, despistando-os se fosse necessário.

Já quanto aos outros cinco, os croatas e os espanhóis, a história era outra. Matá-los era um risco. Calculado, mas sempre um risco. Seria necessário disparar em gente que esperava por isso e estava em condições de responder ao fogo. Mas havia de sair daquela. Vivo. Eles não. Não teriam mais a possibilidade de degustar uma fritada de chocos e lulas como aquela que o garçom acabava de me servir. Quente, quente e tão tenros que desmanchavam na boca. Eu os conduziria até a casinha. Anedda pularia de seu esconderijo fazendo chover chumbo. No meio-tempo, eu pegaria a espingarda de cano serrado e faria minha parte. Na realidade, o melhor momento seria mais tarde, durante a divisão do dinheiro. Mas havia o risco de que algum deles se antecipasse à nossa iniciativa. E a possibilidade de que o dinheiro se estragasse, manchando-se de sangue ou furado por uma descarga de balas. Enterraríamos os corpos, e seus nomes e rostos permaneceriam por mais vinte anos apenas nas listas de clandestinos.

Arrematei com uma fatia de *pastiera* napolitana, uma deliciosa torta de frutas secas e ricota. O *sommelier* voltou à carga oferecendo-me um *passito* siciliano, vinho feito com uvas passas, para acompanhar a sobremesa. Para evitar uma palestra sobre vinhos doces, disse-lhe imediatamente que era um dos meus vinhos preferidos. Chegara o momento de pensar nos horários. Toda operação militar deve funcionar como um relógio suíço. E um assalto a carro blindado com saldo de dez mortos podia muito bem ser assim chamado. Recapitulei cada etapa do golpe e, quando paguei a conta, me sentia diferente. Rico e vencedor. Era assim que me sentia.

Luana

Segunda-feira, 14 horas.

Anedda estava nervoso. E com pressa. Esperavam-no na delegacia para organizar uma batida num covil de terroristas argelinos. Um grupo de fanáticos, acostumados a degolar mulheres e crianças. Como sempre, dirigia controlando o retrovisor.

– E então?

Coloquei-o a par da situação.

– Parece que está tudo andando bem – comentou satisfeito.

– Preciso de uma pistola com silenciador.

– Para quem?

– Ciccio Formaggio e o informante.

– Os corpos?

– *Flambés.*

– E a viúva?

Aquele tira de merda sabia onde eu estava morando. Uma maneira de me advertir para não tentar ferrá-lo. Recebi o golpe sem mover um músculo.

– Morte natural. Drama da solidão.

Replicou divertido:

– Achei uma casinha abandonada em pleno campo que nos servirá bem – disse, voltando a ficar sério. – Ninguém escutará os disparos e não precisaremos cavar covas. Tem uma cisterna velha onde poderemos colocar os corpos. Vamos vê-la depois de amanhã. Levarei as armas. – Encostou no meio fio. Não tínhamos mais nada a nos dizer.

Quarta-feira, 11 horas.

Um belo sol quente. Havia muito tempo que não se via um outubro assim. O teto dos estábulos e do celeiro da velha fazenda abandonada tinha desmoronado, mas a casa estava firme. Portas e

janelas arrancadas e paredes cheias de inscrições. Sinais de ocupação e um colchão esmigalhado. Anedda descarregou do carro uma bolsa de viagem e me guiou até a cozinha. Uma peça ampla, com uma grande lareira pretejada pela fumaça e pelo tempo e uma pia de pedra gasta. No meio, uma velha mesa de madeira.

– Fui eu que pus a mesa aí. Encontrei-a no andar de cima. – Então começou a explicar seu plano.

– Quando vocês chegarem estará escuro como breu. Você desce do carro e ilumina a porta e o corredor com a lanterna. Traz todos para cá, acende o lampião e diz aos espanhóis para colocarem os sacos sobre a mesa. Eu estarei escondido atrás da janela. Assim que o dinheiro estiver na mesa, começarei a atirar.

Observei o lugar.

– Estarei bem no meio do fogo.

– Não – respondeu o tira. – Mas terá que ser rápido e se esconder do lado esquerdo da lareira. Ficaré protegido e poderá atirar com tranquilidade.

A velha estrutura de pedra tinha mais de um metro de profundidade e pouco menos de um metro e meio de altura. Melhor que nada. Notei que havia uma prateleira no ângulo com a parede. Um ótimo lugar para deixar a espingarda que me salvara dos albaneses em Mestre. Tirei os panos que a envolviam, verifiquei se estava carregada e a coloquei ali. Era a arma certa para usar num lugar fechado. Impossível errar o alvo a pouca distância.

– Precisa de munição?

Sacudi a cabeça.

– Não terei tempo de recarregar.

Anedda abriu a bolsa de pano. Tirou um fuzil semiautomático de coronha dobrável, dois revólveres de tambor de grosso calibre e uma pistola semiautomática calibre 22, com silenciador. Típica arma de execução. Por muito tempo foi esnobada pelos *killers* pelo escasso poder de parada do calibre, até que a máfia americana começou a utilizá-la com sucesso e ela virou moda. Segurei-a na mão para senti-la. O carregador estava cheio de projéteis blindados.

– Qual a proveniência das armas?

– *Souvenirs* de investigações – respondeu divertido. – O saudável costume de nossos tiras de guardar uma recordaçõzinha. Os terroristas sempre tinham armas em superabundância.

Passou-me um dos revólveres. Um .357 Magnum de fabricação espanhola.

– Deixe-o ao lado da espingarda. Pode lhe ser útil.

Cobri a arma com um pano e examinei de novo o ambiente, memorizando os detalhes. Então segui o tira até a parte de trás da casa. Ele levantou uma velha tampa de ferro comida pela ferrugem. Olhei para baixo. No fundo da cisterna de cimento havia apenas dois dedos de água da chuva. Aquele enorme túmulo esconderia os corpos de nossos cinco cúmplices.

– Vamos colocá-los aqui.

– Não podemos – objetei. – Em quatro ou cinco dias o fedor da decomposição empestará a região. Os campos ao redor são todos cultivados.

– Colocaremos algumas tábuas sobre a tampa e cobriremos tudo com terra. Repousarão em paz por um bom tempo.

Quarta-feira, 19 horas.

– A melhor coisa dessa cidade é a hora do aperitivo – comentou Ciccio Formaggio entrando no bar. – Os balcões ficam cheios de petiscos apetitosos e você pode tranquilamente pular o jantar.

– Conseguiu os carros? – perguntei, dirigindo-me para uma mesinha afastada.

– Sim, um Escort *station wagon* e um Renault 21. Modelos que não dão na vista.

– Não são carroças, espero.

– Não! – respondeu seguro. – Testei-os, e andam que é uma beleza. De qualquer jeito, por precaução, troquei o óleo, os filtros e as velas, calibrei os pneus e enchi o tanque.

– Parabéns! – elogiei-o sorrindo.

– Sou um profissional – respondeu o idiota regozijando-se.

– Quando os levará para o estacionamento?

– Sexta no final da manhã. Os tiras volta e meia fazem batidas nos estacionamentos em busca de carros roubados. Já descobriram

o truque.

O garçom nos trouxe dois Negroni e um prato cheio de aperitivos.

– Não quer? – perguntou Ciccio surpreso, enchendo a boca de amendoim.

Não respondi. Era realmente um comilão estúpido. Voltei a falar do golpe. Disse-lhe o nome de um bar na Porta Romana onde ele me entregaria os tickets dos estacionamentos.

– Traga também o informante. Quero vê-lo pessoalmente antes da repartição do dinheiro.

O ex-terrorista se mexeu com desconforto na cadeira.

– Pois é, queria mesmo lhe falar disso. O segurança que me passou a dica do golpe não quer ser visto por ninguém. Nem mesmo na hora de pegar sua parte. Quer que eu a leve para ele.

Repliquei:

– Seu amigo está querendo bancar o espertinho. Se a polícia suspeitar dele e o apertar, ele poderá dizer que simplesmente lhe falou sobre o assunto e você, recorrente, se aproveitou de sua boa fé e organizou o assalto. A palavra dele contra a sua. Você vai acabar na cadeia e ele gastará o dinheiro que, enquanto isso, estará bem escondido.

Ciccio Formaggio me olhou fixamente. Estava visivelmente atormentado pela dúvida.

– Acha que ele está querendo me ferrar? Porque, você sabe, em um segundo, enfio uma faca na barriga dele – sibilou em tom belicoso.

Apoiei a mão em seu braço, como um verdadeiro amigo.

– Ele não vai poder ferrar ninguém se todos nos encontrarmos. Se o conhecermos, sempre poderemos nos vingar, inclusive relatando qual foi o papel dele no golpe.

O ex-terrorista ainda não estava convencido. A contragosto, fui obrigado a revelar parte do plano para ele:

– Teremos que matar dois colegas dele. A empresa de vigilância será investigada minuciosamente. Se não o mantivermos sob um rígido controle, seus nervos poderão ceder.

Ciccio anuiu.

– Caralho, dois mortos – comentou em voz baixa. – Vou dar um jeito de trazê-lo ao encontro. Fique tranquilo.

Sexta-feira, 19:30 horas.

O informante era um grandalhão que não chegava aos trinta anos e, como imaginava, não tinha mais cérebro do que Ciccio Formaggio. Acreditava ter direito a um pouco da riqueza que defendia todos os dias em troca de um salário de fome. Atrevera-se a se aproximar da fronteira do território da bandidagem porque sabia que a honestidade não lhe garantiria mais do que uma mísera aposentadoria. Mas agora até queria voltar atrás. Acabara o tempo das conversas e confidências de bar, em que parece fácil segurar a vida pelos chifres. Agora a coisa era séria e o dinheiro tinha uma cor um pouco diferente. Podia comprar os carros e as mulheres que nunca pudera se permitir, mas também podia levá-lo direto para a prisão. E os seguranças, mesmo que tivessem saltado o fosso, nunca eram bem vistos ali.

Li tudo isso em seus olhos. Eliminá-lo se tornou uma necessidade. Diante do primeiro tira que lhe fizesse a mais simples pergunta, ele contaria tudo. Outro perdedor.

Banquei o simpático. Distribuí piscadelas e tapinhas nas costas. O informante se chamava Ausonio. Provavelmente, aquela noite eu mataria o último homem com esse nome. Ofereci-lhes bebida. Só uma rodada. Estava com pressa de sair dali porque queria matá-los logo. Sentia o peso da pistola num bolso do paletó. No outro estava o silenciador. Passara a tarde treinando colocá-lo rapidamente. No tempo de contar até cinco estaria pronto para abrir fogo. O segurança desabotoou seu casaco de couro barato. Um volume sob sua camiseta me fez compreender que levava uma pistola enfiada na cintura. Não teria tempo sequer de pensar em usá-la.

– Aqui estão as chaves e os tickets dos estacionamentos – disse Ciccio, passando-me um envelope.

– Vocês vieram de carro? – perguntei em tom discursivo.

– Com o dele – respondeu Ciccio apontando o sócio com o indicador.

– Perfeito – eu disse. – Vou levá-los ao lugar onde nos encontraremos para dividir o dinheiro.

– É realmente necessário que eu vá? – balbuciou timidamente Ausonio.

Abri os braços.

– Ninguém o obriga. Mas, nesse caso, deixaremos o golpe para lá e os meus sócios ficarão bravos com você. Pensarão que nos fez perder tempo e dinheiro e vão querer lhe dar uma lição.

O grandalhão empalideceu e encostou o queixo no peito. Tinha um começo de calvície e caspa nunca combatida eficazmente.

– Não sou do meio e ainda não sei de algumas coisas.

– É verdade. É preciso ter um pouco de paciência com ele. Não é dos nossos – interveio Ciccio em sua defesa.

– Agora já conhece as regras – interrompi.

– Está bem. Irei até o final – exclamou o segurança.

Levantei.

– Sigam-me.

Entrei em meu Panda e eles no Tipo de Ausonio. Levei-os para o campo, para os lados de Cusago. Tomei uma estrada de terra e parei a cinquenta metros de uma casinha abandonada. Vesti luvas de couro, desci e entrei no carro deles. Sentei-me no meio do banco de trás.

– Aquele é o lugar – disse, enquanto tirava dos bolsos a pistola e o silenciador. – Amanhã, vocês devem chegar aqui não antes das onze da noite. Sinalizarão sua presença acendendo e apagando três vezes o farol.

Os dois, concentrados em minhas palavras, olhavam para a casinha. Soltei a trava, estendi o braço e atirei na nuca de Ausonio, o segurança. Uma mancha de sangue surgiu no para-brisa. Desloquei a arma para a nuca de Ciccio Formaggio, o tonto. Apertei o gatilho. Outra mancha no para-brisa. O silenciador abafara eficazmente as detonações. As cápsulas, expulsas do extrator, tinham esbarrado tilintando contra a janela à minha direita. O carro se enchera do fedor de cordite e do silêncio súbito da morte.

Tinha que recolher as cápsulas para não deixar rastros e conservar a pistola. Tinha também que pegar a semiautomática do

segurança, o galão de gasolina no meu carro, tacar fogo e sair dali o quanto antes. Não tinha tempo a perder. Qualquer segundo passado sem motivo no lugar do crime é pura loucura. Estava consciente disso, no entanto, com calma, peguei um cigarro no bolso da calça e o acendi. E fumei. Um cigarro inteiro. Estiquei o braço e acendi a luz interna. Peguei suas carteiras e vasculhei-as rapidamente. Documentos, cartões, fotografias. Ausonio sorria entre dois velhinhos. Papai e mamãe. Rasguei a foto com um gesto seco. Dez minutos depois, acendi o segundo cigarro. Duas tragadas, e depois o joguei no interior do carro, saturado de gasolina.

Sábado, 11:30 horas.

Os espanhóis sempre chegavam atrasados. Entraram no bar com as mãos enfiadas nos bolsos. Pepe foi até o balcão e pediu um suco de laranja. Javier se dirigiu à minha mesa. Entreguei-lhe a chave do carro e o ticket para retirá-lo. Foi embora calado. Seu companheiro pagou o suco e, ao sair, limitou-se a me brindar com uma olhada distraída.

Sábado, 14 horas.

Outro bar, outro bairro. Romo Dujc, dito Cerni, estava bebendo uma cerveja sem álcool. Nunca beba álcool antes de encostar o olho numa luneta de precisão e apertar o gatilho. Tonci Zaninovic, seu sócio, estava sentado em outra mesa, olhando para a rua.

Coloquei o envelope sobre a mesa.

– Chave e ticket.

O croata anuiu silencioso. Naquele dia, ninguém tinha vontade de falar.

Sábado 20:32 horas

Depois do assalto, consegui reconstituir os fatos através dos jornais e das entrevistas com as testemunhas transmitidas pelas emissoras lombardas e nacionais.

O carro blindado chegou pontualmente às oito e meia da noite. Durante dois minutos, a escolta examinou os arredores. Então o motorista e outro segurança desceram, abriram a porta de aço e

pegaram os sacos de dinheiro; naquele momento, foram abatidos por diversos projéteis. Gianni Casiraghi, o motorista, 41 anos, separado, duas filhas, foi atingido em pleno rosto e no pescoço. Walter Salemme, 29 anos, casado, um filho de 4 meses, na têmpora. Já estava morto antes de cair no chão. De uma fila do estacionamento, saiu um Renault 21 cantando pneus em direção aos sacos abandonados no asfalto. As testemunhas tinham certeza de que quem dirigia era uma mulher. Enquanto isso, os atiradores tinham continuado a disparar nas seteiras do carro blindado para impedir o outro segurança de abrir fogo. Mas foi completamente inútil: Antonio Donati, 33 anos, casado sem filhos, ao ver seus colegas fulminados com precisão milimétrica, deitara-se no chão do carro, rezando e soluçando. O terror fora tanto que o impedira de ligar o rádio e dar o alarme para a central da empresa de vigilância. Do Renault desceram dois homens. Um recolheu os quatro sacos, enquanto o outro o cobria empunhando duas pistolas. Os jornais deram asas à imaginação oferecendo aos leitores plantas do local elaboradas no computador e hipóteses pouco plausíveis. A única suposição correta era a da presença de um informante no bando. Os cadáveres de Ciccio e Ausonio já tinham sido encontrados, mas o carro e os corpos estavam tão carbonizados que levaria algum tempo até descobrirem suas identidades. A notícia do assalto conquistou a primeira página por vários dias, não apenas pelos dois mortos, pelos funerais com altos dignitários da igreja e pelo luto de toda a cidade, mas também pela soma roubada: um bilhão e setecentos e quarenta milhões de liras. Contrariamente ao que é de costume, os investigadores só soltaram declarações vagas e de pouco interesse. A dinâmica do assalto e a descoberta no telhado de uma vintena de cartuchos de fabricação russa os colocaram imediatamente na pista de uma perigosa quadrilha estrangeira. Uma investigação difícil, em que cada elemento só podia ser útil se não viesse a público.

Sábado, 21:15 horas

O posto de gasolina tinha fechado às 19:30. Estacionei o Panda atrás do túnel de lavagem automática para evitar ser visto da

estrada. Minha presença poderia despertar a curiosidade de alguma patrulha em trânsito. O Escort dos croatas chegou, seguido de perto pelo Renault dos espanhóis. Dei a partida e os guiei até a casinha de campo. Estava contente. Contente e excitado com a ideia de ficar rico. A última canseira seria a de colocar os cadáveres dos meus cúmplices na velha cisterna.

Sábado, 22:40 horas

Para evitar as barreiras policiais, fomos forçados a utilizar estradas secundárias, muitas vezes de terra. Estacionei o carro, liguei uma forte lanterna e fiz sinal aos outros para me seguirem. A casinha estava mergulhada na escuridão. Por um instante, ninguém se mexeu. O lugar parecia ter sido feito para uma emboscada. Então todos enfiaram as mãos nos bolsos e o contato com as coronhas das pistolas os convenceu a entrar na casa. Na cozinha, acendi o lampião e, enquanto dizia aos espanhóis para colocarem o dinheiro sobre a mesa, comecei a me encaminhar para meu esconderijo, no canto da lareira.

Anedda começou a atirar muito cedo e estragou tudo. Fulminou Pepe acertando-o no peito e com outra carga esburacou o flanco de Javier. Mas Francisca e os croatas ainda não tinham entrado na peça. Recuaram pelo corredor colocando-se a salvo dos tiros. Empunhei a espingarda de cano serrado e me dirigi lentamente à porta, pronto para fazer fogo. Mas fui recebido com um tiro cruzado e tive que me proteger. Javier começou a gemer. Peguei a pistola e acabei com ele.

– Você estragou tudo – sibilei furioso para Anedda, que tinha entrado pela janela.

– Temos o dinheiro – rebateu, indicando os sacos sobre a mesa.

– Vamos lá fora completar o trabalho – acrescentou, apagando a lâmpada.

Mas continuamos enclausurados no cômodo. Os croatas tinham buscado no carro os fuzis com mira infravermelho e, protegidos pela escuridão, faziam pontaria em nós, que não podíamos vê-los.

– Eles foderam com a gente.

– Vamos negociar – aconselhou o tira. E gritou: – É inútil atirar em nós. Vamos lhes dar metade do dinheiro e cada um segue seu caminho.

– Todo o dinheiro – gritou por sua vez o croata. – Não estão em condições de negociar.

– Podemos resistir até o amanhecer e aí vocês podem enfiar as miras infravermelho de vocês no cu.

Não responderam. Evidentemente, estavam avaliando a situação.

– E a espanhola? – perguntou-me Anedda.

É mesmo, e Francisca?

– Não faço ideia – respondi. – Ou os croatas a pegaram ou está escondida por aí.

– O que vamos fazer?

– O único jeito é nos mantermos cobertos. Você vigia a porta, eu a janela.

Fomos interrompidos pela voz de Romo:

– De acordo. Coloquem dois sacos para fora e iremos embora.

– Espertinho ele – comentou Anedda com sarcasmo.

– Se continuarem a dizer merda, vamos tirar uma sonequinha até amanhã de manhã – gritei. – O dinheiro em troca dos fuzis com infravermelho. E sem discussões inúteis.

– Está bem.

Mais dez minutos transcorreram até que chegássemos a um acordo sobre a dinâmica da troca. No final, os dois sacos e os dois Dragunov jaziam na frente da casa. Só então voltei a ligar a lanterna. Com o fecho de luz varri a escuridão até ver Romo e Tonci protegidos atrás de um carro. Mas não estavam sozinhos. Cerni segurava Francisca pelos cabelos, com uma faca encostada em sua garganta. Seu sócio empunhava uma pistola e apontava para nós, enquanto Anedda dava o troco, sem perdê-lo de vista através da mira do fuzil de caça.

O croata gritou rindo:

– Deem o fora. Nós vamos ficar aqui nos divertindo com a puta anarquista.

Francisca, com um movimento da cabeça, tentou se autodegolar. Mas não conseguiu. Falta de sorte. Romo bateu sua cabeça contra o

carro e ela caiu no chão, desmaiada. Os dois croatas dariam um jeito de despertá-la.

– O que vamos fazer? – perguntei em voz baixa a Ferruccio.

Ele deu de ombros.

– A espanhola tem que morrer de qualquer jeito. Enquanto eles se divertem, encontraremos uma maneira de ferrá-los. Aqueles dois sacos são nossos.

– Já tem um plano?

– Não, mas tenho uma ideia: vamos ter uma conversinha com Luana.

– Perfeito. Ela certamente sabe quais serão os próximos passos desses imbecis.

– E então? – intimou-nos o croata.

– Está bem, vamos embora – disse em voz alta. – Mas não podemos deixar cadáveres por aí. Antes de irem embora, devem esconder os corpos na cisterna que fica atrás da casa.

– Sem problemas – disse Cerni.

– Agora, afastem-se dos carros – ordenei.

Enquanto o tira me dava cobertura, subi no Panda e, com uma ré fulminante, fui até perto dele para que entrasse no carro. Então engatei a primeira e pisei fundo no acelerador.

Domingo, 01:25 horas

Luana costumava trabalhar na Rua Novara, perto de San Siro. Mas naquela noite ninguém a vira.

– Está em casa – sugeri pela enésima vez.

Embora estivéssemos no carro de Anedda, que podia exibir seu distintivo de funcionário da Digos, não me sentia à vontade circulando armado até os dentes e com dois sacos de dinheiro roubado. Ele parecia não estar nem aí. Sentia-se intocável. Dirigia devagar, perscrutando a calçada cheia de putas vindas do Leste europeu. Aquela era a zona delas.

– Certamente está em casa esperando os dois – repeti mais uma vez.

– Está bem, vamos ver. Mas preferia pegá-la na rua.

Vinte minutos depois, eu estava apertando a campainha de seu apartamento. O tira me interrompeu com um sinal da mão. Deu um passo para trás e enfiou um pontapé na fechadura. A porta, de péssima qualidade, cedeu com um barulho de madeira quebrada. Entrou segurando a pistola com as duas mãos em posição de tiro. Segui-o, também sacando o revólver. Luana Bazov, expatriada de Vukovar, estava no quarto de dormir fazendo as malas. Quando nos viu, seu rosto se transformou numa máscara de terror.

– Machuque-a – ordenou meu sócio.

Não me fiz de rogado. Fazendo menção de golpeá-la no rosto, obriguei-a a se proteger, estendendo o braço para mim. Segurei um de seus dedos e, com uma torção rápida do pulso, quebrei-o. Ela ficou sem respiração. Com um soco, derrubei-a na cama. Ferruccio colocou a pistola sobre seu seio esquerdo, na altura do coração.

– Puta viva ou puta morta. Que jogo quer jogar?

– Puta viva – choramingou a garota.

– Queremos Romo e Tonci.

– Não sei onde estão – respondeu desesperada.

– Puta morta – rosnou o tira erguendo o cano da pistola.

Ela tinha mais medo de seus compatriotas do que de nossa ameaça de morte. Os croatas e seus amigos poderiam fazer mal a seus familiares.

Inclinei-me sobre ela.

– Se nos ajudar a encontrá-los, nós os mataremos. Não os verá mais e ninguém a associará à morte deles.

– É verdade que matarão aquele porco do Romo?

Eu estava certo. Dei um sorrisinho cúmplice.

– Sim.

Luana recobrou ânimo, sentou e nos contou que devia esperá-los em outro apartamento, alugado alguns dias antes. Serviria para escondê-los até que as águas se acalmassem. Então um trem até Gênova e um barco direto para o Paraguai. Cerni decidira que ela era sua mulher e que devia segui-lo para onde fosse, mas ela o odiava. Deu-nos o endereço, as chaves e nos explicou os sinais que tinham combinado. Um toque curto de campainha e dois longos.

– Desapareça de Milão – intimou-a Anedda. – Se encontrá-la de novo, está morta.

Apontei para a mulher:

– Vamos deixar uma testemunha para trás?

Ele olhou para Luana.

– A última coisa que lhe convém fazer é falar dessa história.

– Ela pode avisar os dois croatas.

Ele sacudiu a cabeça.

– Não vai fazer isso.

Ergui os ombros.

– Para mim parece um risco inútil. Mas você é o chefe.

Saindo do quarto, virei-me para a puta:

– Já que ainda está viva, coloque gelo no dedo e vá a um pronto-socorro.

Derramou-se em lágrimas pelo alívio de ter sido poupada pelo destino. Ferruccio, o tira, sorriu satisfeito com seu grande gesto. Uma enorme cagada, na verdade. Nunca se deve confiar numa puta. Mas não ousei contradizê-lo. Seria tempo perdido. Não mudaria de ideia.

– Vamos rápido – disse Ferruccio assim que entramos no carro. – Temos que chegar antes deles.

– Como pretende matá-los no apartamento? Não podemos nos permitir o luxo de um tiroteio num condomínio.

– Está com a pistola com silenciador?

– Está na casa da viúva. Pensei que não precisaria dela hoje.

– Então teremos que nos virar.

Estacionamos longe e nos aproximamos com cautela, controlando os carros parados ao longo da rua. Não vimos nem o Renault nem o Escort. Toquei a campainha respeitando o sinal. Um minuto depois entramos no apartamento com as pistolas em riste. Vazio. Afora as malas dos croatas que vasculhamos às pressas. Roupas, três pistolas e alguns cartuchos de munição.

Anedda apontou uma que continha o mesmo tipo de projéteis usados para matar os seguranças do carro blindado.

– Quando os encontrar, esquadrinhando o apartamento com meus homens, poderei afirmar com absoluta certeza que os dois

cadáveres pertencem aos atiradores. Minha carreira se beneficiará sensivelmente de tamanha argúcia – disse sorrindo e esfregando as mãos.

Olhei-o admirado.

– Você pensa em tudo. Mas como fará para “descobrir” o esconderijo deles?

– A clássica dica de um informante.

– Claro. É assim que vocês tiras justificam tudo.

– Não fique falando mal da categoria. Alegre-se pensando que assim a investigação seguirá definitivamente a pista croata e nós não correremos perigo algum.

Olhou para o relógio.

– Nossos amigos já devem ter terminado de brincar com a espanhola e estarão aqui a qualquer momento. Vamos nos preparar para recebê-los.

Na cozinha, virou a mesa de cabeça para baixo e arrancou uma perna.

– Usaremos o sistema Ruanda: rápido, silencioso e letal.

Vinte minutos depois, a campainha tocou três vezes. Abri a porta. Romo entrou primeiro, seguido por Tonci. Suas mãos estavam ocupadas com os fuzis e os sacos de dinheiro. Os canos de nossas pistolas se materializaram sobre suas nuças.

– De joelhos. Mãos atrás da cabeça – ordenou Anedda.

Romo obedeceu, e seu amigo não precisou da tradução. Não lhes dei tempo para pensar. Joguei a pistola longe, empunhei a perna da mesa e a abati com todas as minhas forças sobre o crânio de Cerni. Levantei o pau de novo até acima da cabeça e golpeei Tonci Zaninovic. Dei um passo para trás e contemplei a cena: dois corpos no chão com os crânios espatifados, manchas de sangue na parede, em meus sapatos e nas pernas de Anedda.

O tira se inclinou e pôs a mão em suas carótidas.

– Ainda estão vivos.

Blasfemei entre os dentes. Fui fuçar nas malas. Voltei com o cinto de um roupão e as calças de um pijama.

– Ocupe-se do outro – disse, passando a perna do pijama em volta do pescoço de Romo.

Nunca se deve abandonar com demasiada pressa o local do crime. Corre-se o risco de deixar aquele vestígio que pode encaminhar a investigação na direção certa. Eu e Anedda trocamos sapatos e calças pescando nas malas dos defuntos. Nossas roupas, junto com o cinto, o pijama e a perna da mesa acabaram num saco de lixo que jogaríamos depois em outra zona da cidade. O tira começou a procurar rastros. Certamente, não para utilizar na investigação. Tínhamos usado luvas o tempo todo e não precisávamos nos preocupar com impressões digitais. Mas as solas de nossos sapatos estavam bem marcadas no chão. Busquei um balde e um pano de chão e resolvi o problema. No final, saímos dali satisfeitos. Anedda voltaria ali na noite seguinte, vestindo um colete azul escrito "Polizia" nas costas.

Não sabia ainda se podia confiar nele. Agora só restávamos nós dois para dividir o bolo. Sempre podia vir a ter vontade de ficar com tudo. Quando entramos no carro, enfiei a mão no bolso procurando a coronha da pistola. Notou o gesto, mas fingiu não se dar conta.

– Quando pretende matar a viúva? – perguntou.

– Terça-feira, antes de deixar Milão.

– Talvez seja cedo demais. Amanhã estarei de serviço e sentirei o clima. Espere um telefonema meu antes de agir.

– Ok.

– Fique com o dinheiro. Dividiremos antes de sua partida. Assim que tiver dado um jeito em sua anfitriã.

Engoli em seco com a surpresa.

– Está brincando?

– Não. Sei que posso confiar em você porque jamais sonharia em me ferrar. Não pode se permitir isso.

Ele tinha razão. Me encontraria aonde quer que eu fosse.

– Conte e divida pela metade – acrescentou. – Jogue fora os sacos e coloque as notas em bolsas de viagem.

O apartamento da viúva estava mergulhado no silêncio. Como sempre. Quando a televisão não estava ligada, parecia não ter ninguém ali. O telefone nunca tocava, e o celular, raramente.

Chamadas de velhos clientes preocupados por não a terem encontrado em determinado hotel. A solidão daquela mulher era apavorante, e a solidão era o único lado da existência que me dava medo. Quando se está sozinho e sem meios, você se torna presa de outros. Como ela se tornara de mim. Mas isso não me aconteceria porque eu organizaria minha vida de outro jeito e não me encontraria na mesma situação que ela em certa idade. Aquela mulher estúpida não soube olhar longe e jogou mal suas cartas, mantendo-se tempo demais na posição da viúva do chefão. Mas as pessoas esquecem rápido e ela foi caindo cada vez mais baixo, até me encontrar e se afundar para sempre nos abismos da derrota. Só lhe faltava agora uma morte violenta e injusta, e era o que eu ia providenciar em breve. Fui até meu quarto e pus debaixo da cama os sacos de dinheiro, a pistola e a espingarda. Senti uma presença às minhas costas. Virei-me lentamente e me encontrei diante da dona da casa. Vestia um *tailleur* preto, meias foscas e sapatos envernizados de salto alto. Os cabelos estavam presos num sóbrio coque e estava perfeitamente maquiada. Pela primeira vez parecia uma verdadeira senhora e não uma puta velha.

– Vai sair? – perguntei.

Balançou a cabeça e apontou os sacos.

– Vi na televisão. Sabia desde o início que estava preparando um golpe e que eu não era mais do que uma testemunha incômoda. Ajustou os punhos da camisa de seda.

– Já fui uma mulher elegante e quero morrer elegante.

Continuei fixando-a sem dizer nada. Meu silêncio confirmava suas suspeitas, mas não fazia sentido tentar tranquilizá-la. Se ainda não tinha fugido era porque desejava mesmo ir para o outro mundo, e que fosse eu a matá-la.

– Não se preocupe, não será esta noite.

A viúva anuiu. Sentou-se na beira da cama, cruzando as pernas, e acendeu um cigarro. Passou a mão lentamente sobre os sacos.

– Quando meu homem estava vivo, era eu que contava o dinheiro dos assaltos. Pedia para eu pintar as unhas com um esmalte vermelho escuro da Chanel, sentava-se numa poltrona e ficava me olhando enquanto eu manejava os maços de notas. No

final, fazíamos amor. E enquanto estava dentro de mim, cheirava minhas mãos e dizia que estavam perfumadas de dinheiro. Depois ficou importante e mandava outros para assaltarem bancos. Ampliou seus negócios: droga, casas de jogo, lavagem de dinheiro e, a partir de então, começou a ter outras mulheres. Eu passeava por Milão com casacos de pele e cheia de joias como uma princesa, mas à noite dormia sozinha. Mesmo assim, nunca deixei de amá-lo. Sou daquelas mulheres que só amam um homem em toda a vida e, quando o mataram, tornei-me a viúva. Para sempre.

Eu me lembrava de quando aquilo aconteceu. O chefão estava no pátio da prisão de segurança máxima de Cuneo quando um grupo de matadores pagos pelo clã de Raffaele Cutolo o cercou e o assassinou a facadas. Como sinal de ignomínia, arrancaram seu coração e o jogaram no pó.

– Depois do funeral – continuou contando melancolicamente a mulher, – alguns dos novos chefes me cortejaram insistentemente. Só pelo prazer de comer a mulher do antigo chefe. Uma afronta sem riscos, coisa de velhacos, e eu preferi defender sua memória e foder com minha vida. Então você chegou. E me fez compreender que continuar a viver assim só pode me trazer cada vez mais humilhação. Não tenho mais medo de morrer e meu túmulo já está pronto há muito tempo. Do lado do meu homem. As únicas coisas que lhe peço são: que não me faça sofrer demais e que eu seja encontrada elegante como estou agora. Não quero que os jornais digam que parti como uma molambenta.

Sorri.

– Fique tranquila, fará uma bela figura – menti.

Meu plano previa algo bem diferente para ela. Mudei de assunto:

– Estou cansado. Conte o dinheiro e divida-o em duas partes.

– Sobraram poucos para dividir o butim. Um verdadeiro bando de cavalheiros.

Tomei um banho para tirar o fedor de morte e de medo que impregnava minhas roupas e meu cérebro. Comecei a relaxar e a me sentir contente. Fiz as contas e compreendi que estava bilionário. Nada mal para alguém que havia saído da América Central condenado à prisão perpétua. Finalmente estava rico e podia pensar

em construir a vida a que tinha direito depois de tantos percalços. Até a atitude resignada da viúva contribuía para minha satisfação. Não queria mais confusão. Quando voltei para o quarto, ela ainda estava contando. Fui até a sala, me servi de uma bebida e liguei a televisão. Todos os canais transmitiam reportagens especiais sobre o assalto ao hipermercado. As imagens eram quase sempre as mesmas: os corpos dos dois seguranças cobertos com uma lona e os homens da polícia científica fazendo os levantamentos. Ergui o copo para brindar ao meu plano. Simples, fácil e, portanto, genial.

A viúva se aproximou.

– Um bilhão e setecentos e quarenta milhões. Parabéns.

Então olhou as imagens na televisão.

– Antigamente, os bandidos davam uma parte do dinheiro às viúvas. Até para as dos tiras.

– Não fale besteira. Essas eram as historinhas que o seu chefe contava para fazê-la pensar que ele era um grande homem, rebati com maldade. E agora desapareça, vá para o seu quarto.

Naquela noite dormi com a pistola debaixo do travesseiro. Racionalmente, sabia que estava seguro, mas era difícil controlar a tensão e acordava com qualquer barulhinho. De manhã abri os olhos e encontrei a viúva sentada na cama, de roupão. Tinha os cabelos soltos nas costas e cheirava à limpeza. Acendeu um cigarro e começou a contar anedotas de quando ainda era alguém. Um verdadeiro saco. Gostaria de mandá-la catar coquinhos, mas era melhor deixá-la tranquila. Assim criaria menos problemas na hora de abandonar a vida terrena. De vez em quando eu anuía, fingindo interesse, mas, enquanto falava, minha mente estava longe, voltara para a cidade onde tinha morado e, sobretudo, para Flora. Por alguns minutos me abandonei ao sonho irrealizável de recuperá-la com a força do dinheiro. Lembrando das trepadas no fundo da loja de sapatos, meu pau ficou duro como pedra. Peguei a mão da viúva e a enfiei debaixo das cobertas.

– Seja útil – lhe disse.

O tempo não passava nunca e a espera pelo telefonema de Anedda se tornava exasperante. A viúva começou a perder o

controle dos nervos e alternava momentos de aparente tranquilidade com longas crises de choro. A televisão estava sempre sintonizada no noticiário. Quando uma noite vi meu sócio se pavoneando numa conferência de imprensa pela descoberta do “esconderijo dos assaltantes e dos cadáveres de dois deles, provavelmente extremistas croatas”, desliguei-a. Não precisava mais acompanhar as notícias para saber em que ponto se encontravam as investigações. Tudo sob controle.

Arrumei as malas. Aquelas com o dinheiro e aquelas com as roupas. Segunda-feira o celular tocou.

– Amanhã de manhã vão desmontar as barreiras policiais – anunciou concisamente Ferruccio. – Esteja às dez em ponto na frente do restaurante onde almoçamos juntos... com minha bolsa, evidentemente – acrescentou rindo.

Já a viúva estava chorando. Silenciosa mas irrefreavelmente. Seus olhos estavam inchados e vermelhos.

Pus o braço em seus ombros.

– Tome um banho quente, vai acalmá-la.

Ajudei-a a se despir e a encher a banheira de água, sais e espuma. Então fui encher a mamadeira de Fernet e pegar os comprimidos de sonífero. Quando me viu de volta, se assustou.

– Parto daqui a três dias – menti para tranquilizá-la.

Coloquei o bico em sua boca e pronunciei uma quantidade inverossímil de palavras vazias mas adocicadas. Ela sugou tudo até a última gota, como uma boa menina. Perdeu os sentidos dali a vinte e cinco minutos. Peguei seus pés, coloquei-os debaixo das minhas axilas e, segurando-a firmemente pelos joelhos, comecei a afundar sua cabeça na água. O instinto de sobrevivência levou-a a fazer alguns movimentos convulsivos para sair da água, mas foram fracos e insignificantes. Quando me assegurei de que estava morta, ajeitei o corpo na banheira.

Então comecei a limpar o apartamento dos rastros de minha presença e das impressões digitais. Aproveitei para revistar atentamente os quartos, em busca de qualquer coisa que valesse a pena levar junto. Foi minha salvação, porque descobri que aquela puta velha tinha tentado me ferrar. Numa gaveta, encontrei um

envelope escondido com a indicação "Para ler após minha morte". E, dentro dele, algumas folhas escritas com uma caligrafia incerta, mas perfeitamente compreensível. Se fossem parar nas mãos erradas, teriam me custado a prisão perpétua. Comecei a tremer como vara verde, e uma crise de pânico me fez voltar a revistar a casa de cima a baixo duas vezes. No dia seguinte, no momento de ir embora, atormentado com a ideia de que a viúva tivesse escondido outras cartas, fui assaltado pela tentação de queimar tudo. Consegui raciocinar e convencer-me de que se eu não tinha encontrado nada, os tiras também nada encontrariam. No final, encontrei forças para abrir a porta e ir embora. Resolvi não contar nada para Anedda. Se pensasse que eu podia ficar comprometido, talvez passasse a me considerar como um perigo potencial. E decidisse dar um tiro em minha cabeça.

Ferruccio, o tira, chegou com um carro civil da delegacia. Abri a porta e coloquei no banco sua parte do dinheiro. Engatou a marcha e partiu, saudando-me com um movimento apressado da mão. Segui o carro com o olhar até que se perdesse no trânsito, pensando que tinha feito bem em confiar naquele tira elegante por fora e podre por dentro. Mais tarde me arrependi amargamente. E o fato de que naquele momento não tinha como saber nem imaginar isso, nunca chegou a ser uma justificativa válida. Numa história como aquela, um morto a mais não teria feito diferença. Simplesmente porque em tiras nunca se pode confiar. Como as putas, sempre têm um último favor a lhe pedir. Aquele que fode com você. Em vez da bolsa, devia ter enfiado no carro a pistola com o silenciador. Três, quatro tiros, e a história estaria resolvida para sempre. E não teria que dividir com ninguém. O erro foi o de pensar que um tira com quem tinha feito negócios pudesse sempre voltar a ser útil. Mas assim que parei de brincar de polícia e ladrão e entrei no mundo real percebi que não se pode confiar nos tiras. Existia toda uma fauna de "profissionais", cada um com sua especialidade, seus conhecimentos, suas relações e seus honorários salgados. Eram eles que resolviam os problemas. E cagavam regiamente para as leis e seus defensores.

Entrei no meu Panda, carregado com mais de um bilhão em notas cunhadas pela casa da moeda. Peguei a estrada em direção ao nordeste. Ainda não tinha as ideias claras sobre o meu futuro, mas sabia que estava no rumo certo, onde quem tem colhões e cérebro pode ir longe: o nordeste da Itália, a terra dos vencedores.

La Nena

Alguns dias depois de completar quarenta e um anos, estabeleci-me numa cidade do Vêneto. Não importa especificar qual. Pádua, Treviso ou Vicenza; a fama de dinheiro era igual em todas. A escolha, no entanto, não foi casual. Transferi-me para a cidade onde vivia o advogado Sante Brianese, o profissional que me introduziria no mundo dos cidadãos honestos. Seu nome me fora aconselhado em San Vittore pelo diretor de um instituto bancário do Vêneto, condenado por fraude e apropriação indébita, caso um dia eu precisasse de um defensor.

– Não entende porra nenhuma de procedimentos penais – esclarecera o homem –, mas é hábil em resolver aquela miríade de problemas que servem de corolário a uma causa penal, principalmente o investimento de capitais de proveniência ilícita. Inicialmente não tinha intenção de recorrer a ele. Pensei que me viraria sozinho. Mas logo tive que me dar conta de que não conseguia nem alugar um apartamento, e, toda vez que era parado numa blitz, meus antecedentes criminais me causavam um monte de problemas.

Brianese me recebeu num escritório discreto, decorado com móveis sóbrios e caros. De estatura mediana, mas com um físico cultivado regularmente nas quadras de tênis, era um homem elegante, que inspirava confiança. Seu rosto anguloso, de cortesão do século XIX, dava a impressão de que era capaz de resolver qualquer problema. Quando lhe contei onde tinha conhecido a pessoa que me indicara seu nome, pediu que eu colocasse sobre a escrivaninha uma antecipação de seus honorários.

– Muito bem – disse ele, enfiando as notas no bolso do paletó. – Agora é meu cliente. Pode falar livremente.

Na verdade, fui bastante conciso. Limitei-me a delinear minha situação de ex-presidiário com certo capital para investir no setor de restaurantes.

– Volte amanhã à mesma hora – disse o advogado ao se despedir. – Você me expôs sua situação com extrema clareza, mas compreende que eu precise obter as devidas informações.

– O seu problema se chama reabilitação – começou a me explicar no dia seguinte. – Nosso código prevê a possibilidade de que um condenado, depois de ter dado provas por cinco anos de absoluta boa conduta, possa solicitar ao juiz penal a reaquisição de seus direitos civis. Na essência, a concessão desse benefício anula a mácula de condenado da vida de uma pessoa.

– E tudo fica mais fácil – comentei.

O advogado sorriu.

– Sim, exatamente. Pelo que entendi, você terminou de cumprir sua pena há cerca de três anos...

– Três anos e dois meses.

– Ou seja, daqui a dois anos poderemos fazer uma solicitação de reabilitação, desde que seu comportamento após o encarceramento tenha se mantido dentro da mais absoluta legalidade.

Me ajeitei na cadeira, incomodado.

– Bom, por algum tempo trabalhei numa boate de strip-tease. Policiais militares, federais e da brigada financeira visitavam-nos regularmente, e o meu nome certamente figura em seus relatórios, ainda mais que o proprietário acabou preso por tráfico de droga.

– Você estava diretamente implicado na investigação?

– Não.

– Então não há por que se preocupar. O importante é que de agora em diante evite frequentar ambientes pouco recomendáveis. Mas você já me parece convencido disso, já que pretende investir no ramo dos restaurantes, atividade lucrativa e respeitável entre todas.

– Exato. Tenho à minha disposição certa cifra e meu objetivo é gerir um lugar de bom nível.

– Quanto?

– Um bilhão.

– A poupança de uma vida – brincou o advogado. – Aqui entre nós, não importa saber de onde provém o dinheiro – acrescentou, voltando a ficar sério. – Mas ele não deve feder a trambique. Pelo contrário, deve exalar o perfume do trabalho duro e da inteligência produtiva. Entende o que quero dizer?

– Perfeitamente. Foi por isso que recorri a você.

– E fez muito bem. Se seguir minhas instruções, garanto que obterá aquilo que quer.

A primeira instrução foi a respeito de seus honorários. Pelo estudo de exequibilidade, pediu vinte milhões, em dinheiro vivo. Antes de se despedir, perguntou onde eu estava morando. Disse-lhe o nome de um hotel na periferia e ele ficou espantado.

– Com todas as batidas policiais nos hotéis dessa região, se descobrirem que não trabalha, corre o risco de ser expulso – reprovou-me sacudindo a cabeça.

Pegou um par de chaves numa gaveta.

– Um amigo tem um apartamento no centro. Pequeno mas confortável.

Estendi a mão.

– Quanto? – perguntei.

– Dois milhões por mês.

Sante Brianese dissera a verdade. O apartamento era decorado com bom gosto. E a vista sobre os telhados das igrejas e dos palácios antigos era encantadora. Bastou-me uma olhada no banheiro e na geladeira para perceber que ninguém nunca morara ali, e que se tratava de uma *garçonnière*. Provavelmente pertencia ao próprio advogado, que o utilizava para levar suas amigas e organizar algumas orgiazinhas. Mudei-me, levando comigo apenas as malas cheias de dinheiro e a pistola com silenciador. Jogara as bolsas com roupas no lixo no dia anterior. Tinha decidido mudar de *look* e passar a me vestir num alfaiate. Como alguém que se respeita. Fui também a um salão de beleza. Enquanto esperava minha vez com a manicure, folheei distraidamente algumas revistas. Peguei-me olhando longamente uma foto da viúva, quando ainda

era jovem e sorridente. A publicação lhe dedicava três páginas. Não perdi tempo lendo-as. Bastou-me o título: "Acidente ou suicídio?".

Dez dias depois, entrei no escritório de Brianese vestido como um verdadeiro senhor. O advogado me examinou sem fazer comentários. Acomodei-me e acendi um cigarro.

– Boas notícias – começou, examinando uma série de folhas espalhadas na escrivaninha. – Mas antes de lhe expor meu projeto, gostaria de discutir os honorários.

– Quanto? – eu disse de uma vez.

– Trezentos milhões em parcelas mensais até a obtenção da reabilitação e dez por cento dos lucros de sua atividade nos cinco anos seguintes.

Fixei-o incrédulo. A cifra me parecia exorbitante.

– E com que garantias?

Brianese deu de ombros.

– Nenhuma. Mas as possibilidades de sucesso são bastante razoáveis.

Poderia tê-lo ameaçado. Prometer-lhe uma bala na cabeça caso falhasse, ou, pior, se ele tentasse me ferrar. Mas o sujeito não era estúpido. Não podia desconhecer os riscos daquela atividade, e certamente conhecia bem seu negócio.

– Ok, advogado – estou escutando.

La Nena era uma velha taverna do centro histórico, gerida por um casal de idosos. Toni e Nena. Ela fora uma mulher belíssima, que enlouquecera muitos clientes. Agora, com mais de setenta anos, não via a hora de se retirar com o marido numa casinha de campo. Os dois filhos tinham estudado na universidade e não queriam seguir os passos dos pais. O plano de Brianese previa que eu começasse a trabalhar na taverna como garçom e que, pouco a pouco, assumisse a direção. Uma vez reabilitado, me tornaria o proprietário e transformaria o lugar como quisesse. Enquanto isso, para me familiarizar com a profissão, frequentaria cursos técnicos.

Toni e Nena evidentemente estavam de acordo, e já tinham fixado o preço da taverna. Metade no momento de minha entrada, o resto quando concluíssemos a venda.

– Não esconderemos seu passado – explicou o advogado. – As pessoas o descobririam de qualquer jeito, e seria pior. Nós o apresentaremos como um bom rapaz, vítima de más companhias, mas pronto para demonstrar ter mudado e ser alguém de valor. Deverá ter uma atitude discreta, mas ao mesmo tempo simpática, fazendo-se querer bem. E, sobretudo, nenhuma ostentação de riqueza. As roupas que está vestindo agora voltarão para o armário, até que se torne o proprietário. Vai se vestir nas lojas de departamento, como fazem os garçons. E não frequentará lugares caros nem clubes noturnos e de strip-tease. Sua vida será casa e trabalho. Eu lhe fornecerei a clientela. Seleta, de primeira ordem. Com o tempo, faremos La Nena se tornar um lugar exclusivo. Tenho intenção de entrar na política. A taverna poderia se tornar meu *club*.

– Política? Que tipo de política?

– Moderada e destinada a governar – respondeu piscando o olho.

– Represento um grupo de comerciantes e profissionais liberais que por muito tempo foi obrigado a se manter à margem da vida política desta cidade. Mas agora o vento mudou e pretendemos ter cada vez mais peso. Aqui e em Roma. Terá a possibilidade de conhecer gente que lhe será útil para se inserir completamente na trama da cidade. O que acha?

– Em teoria, parece um plano perfeito – respondi cauteloso.

– E é mesmo – reforçou irritado. – Desde que não estrague tudo fazendo alguma bobagem.

– Não tenho a mínima intenção de fazer isso.

Brianese mudou de assunto.

– Dado que nesse período será obrigado a gastar uma parte do seu capital com meu pagamento e com a compra da taverna, posso encaminhá-lo a uma pessoa de confiança que o fará recuperar algum dinheiro.

– Como?

– Empréstimos. Seguros, rápidos e rentáveis. Se tiver na mão outros capitais líquidos para investir, aproveite, é um negócio e tanto.

O advogado falou ainda por mais uma hora. Diretivas, conselhos, advertências. O sujeito de San Vittore tinha razão. Sante Brianese

era uma raposa. Tinha pensado em tudo. Em dois anos eu construiria uma posição respeitável, deixando o passado pra trás para sempre.

Quando saí do escritório, fiquei tentado a comemorar num restaurante de luxo, mas lembrando dos conselhos do advogado entrei num self-service da Break. Depois, fui direto pra casa.

Nos dias seguintes, encontrei algumas pessoas de confiança de Brianese, encarregadas de acompanhar os aspectos fiscais da operação. Conheci também o consultor financeiro que geria os empréstimos com ágio. Um diretor de banco que encaminhava os clientes necessitados de empréstimos. O dinheiro era fornecido por uma sociedade financeira e de corretagem que provia diretamente a cobrança das dívidas. O negócio era bem montado e ele tentou me convencer a lhe confiar duzentos e cinquenta milhões, mas só deixei setenta. Preferia guardar comigo certa soma, caso algo desse errado e eu fosse obrigado a abandonar a cidade às pressas.

Finalmente, Brianese me acompanhou até minha taverna. Ficava embaixo dos pórticos de uma antiga rua, perto da praça do mercado. Toni e Nena receberam o advogado com uma temerosa deferência. Deviam ter uma grande dívida de gratidão para com ele. Comigo, limitaram-se a um simples aperto de mão. Ele parecia um beberrão em fim de carreira. Ela, em contrapartida, era cheia de energia e ainda tentava botar banca de patroa. Usavam aventais azuis. Coisa que não via desde a minha infância. Os fregueses também não eram jovens, salvo alguns grupos de estudantes e de pobretões com *dreadlocks* e *piercings*, que eu expulsaria na primeira oportunidade. A taverna – uma peça única com mesas e cadeiras de madeira espalhadas – cheirava a comida requentada, tabaco e vinho. O balcão de mármore ocupava uma parede inteira. À frente dele ficavam os banheiros e uma porta que dava para um pátio interno ligado ao depósito, cheio de garrações de vinho. Por toda parte, quadros a óleo, pintados pelas mãos mais diversas. Parece que Toni aceitava que artistas desafortunados pagassem algumas refeições com suas obras. Nena me disse que tinham assumido o estabelecimento logo depois da guerra. Os judeus que o geriam tinham sido expulsos pelos republicanos em 1944. Desde então não

mudara nada. O mesmo vinho de sempre e o mesmo cardápio. Tripa *in brodo*, bacalhau com polenta, carne de panela, galinha ao molho. No balcão, pratos de carne fatiada, almôndegas, omeletes de legumes, ovos cozidos, salsichão ao alho e antepasto de polvo. Brianese tinha me dito que se tratava de uma das últimas verdadeiras tavernas da Itália. Uma associação até a havia inserido numa lista de locais históricos a preservar. O advogado tinha uma ideia muito diferente. Um amigo seu, arquiteto, a transformaria num lugar da moda. Paredes salmão e mobília francesa. Não estava totalmente enganado. Por certo, a taverna precisava de uma boa mão de pintura.

Comecei lavando pratos e copos e servindo as mesas. A taverna abria às sete da manhã e fechava às oito da noite. Voltava para casa acabado. Um banho, um prato de macarrão e então ia para a aula do *cavaliere* Minozzi. Por quarenta anos, ele dirigira o melhor restaurante da cidade, até que as dívidas de jogo o impedissem de pagar os fornecedores. O caso estava a ponto de ir para o tribunal, mas a intervenção providencial do advogado Brianese tranquilizara os credores. Os filhos exigiram então que o pai vendesse o estabelecimento e se aposentasse. Agora era um velhinho vivaz que, em troca de seus conselhos, me obrigava a longas partidas de baralho. Eu era um jogador de prisão, hábil e de mãos rápidas, e lhe dava bastante trabalho. Ele se divertia e, os melhores conselhos para minha futura profissão, ele os dava entre uma mão e outra. Sua esposa, uma mulherzinha pequena e maternal, nos servia fatias de torta e licores. O *cavaliere* Minozzi se revelou um mestre precioso. Depois de alguns meses, introduzi as primeiras duas modificações importantes na história da Nena. Eliminei o vinho de garrafão e coloquei em seu lugar uma seleção de garrafas das melhores vinícolas do Vêneto, Trentino e Friuli, além de alguns bons tintos piemonteses e toscanos. E substituí os velhos copos duralex por cálices e taças. Obviamente, os preços subiram, e os aposentados foram os primeiros a procurar outro lugar para beber seu copo de vinho tinto a duas mil liras. Toni e Nena lançavam-me mudos olhares de reprovação. Aos velhos fregueses que pediam explicações, só

podiam oferecer respostas vagas e desconsoladas. O homem, como um autômato, continuava a repetir: “Os tempos mudam. Não é mais como antigamente”.

O passo seguinte foi renovar os pratos no balcão. Frios, torradas e sanduíches. Foram suficientes essas inovações e uma boa faxina no estabelecimento para assistir a uma gradual mudança de clientela. Depois dos velhinhos, partiram os estudantes e os alternativos. Por algum tempo, o estabelecimento ficou vazio, mas, por sorte, o dinheiro investido no ágio era mais do que suficiente para tapar os buracos no orçamento. Graças à publicidade de Brianese, a taverna começou a ser frequentada pela gente da alta. Apareciam na hora do aperitivo. *Prosecco* e aperitivos. E um mar de conselhos. Todos tinham alguma sugestão. Dos vinhos às saladas. Na maioria das vezes, nomes que nunca ouvira. Parecia que para as pessoas de certo nível, a única coisa que importava era o dinheiro e a comida. Logo me dei conta de que alguma coisa acontecera naquela região. A relação com o gosto mudara. Preparei uma mesa só com guias e revistas especializadas. Os fregueses pediam para vê-los o tempo todo, a fim de mostrar para os amigos a crítica de um restaurante ou de certo vinho fino. Todos se davam ares de *gourmets*. Toni e Nena não aguentaram tanta mudança e pediram ao advogado para se retirarem antes do prazo previsto. Brianese lhes disse para espalhar o boato de que pretendiam vender e de que enquanto isso eu os substituiria. A primeira coisa que fiz foi contratar dois rapazes para servir as mesas. Seguindo o conselho de uma antiquária, vesti-os como os garçons de uma cervejaria parisiense. Mas apesar dos meus esforços e da qualidade dos aperitivos e dos vinhos, o lugar continuava sendo uma taverna. O ponto fraco era a cozinha. A nova clientela não tinha a menor nostalgia pelas refeições gordas da Nena. O *cavaliere* Minozzi organizou para mim um cardápio leve, com algumas massas e muitas saladas. Encontrei um jovem cozinheiro recém-saído da escola de gastronomia e em pouco tempo consegui criar uma circulação de clientes que vinham regularmente almoçar. Inscrevi-me num curso para *sommelier* e em todos aqueles organizados por círculos e associações de *gourmets*. Passava quase todas as noites em degustações e aulas de enologia

e, sinceramente, achava aquilo agradável. Depois de militantes revolucionários, guerrilheiros, presidiários e assaltantes, finalmente me encontrava entre pessoas normais. Pessoas que tinham tido uma existência absolutamente normal. Da escola à universidade, do início da carreira ao casamento. Invejava-as, e aquela nova vida dedicada ao trabalho era tão diferente da que vivera até o dia em que afogara a viúva, que as lembranças se tornavam cada vez mais confusas. Sentia-me mais tranquilo, descobria sensações novas e comecei a apreciar coisas a que sempre fora indiferente, como a música e o cinema. Havia várias mulheres que me interessavam. Mas não sabia como me aproximar delas. Com elas, chantagens e violência não funcionariam. Pertenciam a outro mundo. Os boatos sobre meu passado, voluntariamente espalhados por Brianese, tinham circulado a cidade, mas eu não registrara comentários negativos. Curiosidade sim. E muita. Volta e meia alguém me fazia perguntas sobre o terrorismo e a prisão. Todos se calavam de repente, esperando minha resposta. O advogado tinha me preparado bem para essas situações e, com um sorriso melancólico estampado no rosto, eu respondia. Naquele círculo havia também ex-companheiros. Às vezes se aproximavam de mim e, com ar de conspiradores, confiavam-me ter militado em algum grupo da esquerda revolucionária. Erros de juventude. Uma noite, a notícia da sentença definitiva sobre o caso Calabresi foi anunciada na taverna por um advogado recém-chegado do tribunal de Veneza. Era a hora do aperitivo da noite e La Nena estava cheia de gente. A condenação foi recebida com exclamações de satisfação e gritinhos de alegria de algumas senhoras. Sante Brianese organizou um brinde e, de repente, percebi que todos os olhos estavam em cima de mim.

Percebi o que estava em jogo.

– É por minha conta! – gritei alegremente, levantando uma garrafa de *prosecco*. Procurei com o olhar os ex-revolucionários entre os clientes e notei que todos faziam o máximo para demonstrar que tinham cortado as pontes com o passado. Sorri satisfeito. Estava em boa companhia.

Quando consegui manter a taverna aberta até uma da manhã, foi um verdadeiro salto de qualidade. Tive que contratar mais gente, mas a circulação de clientes aumentou consideravelmente. Encarreguei um rapaz que se mostrara sério e confiável da abertura pela manhã. Eu chegava por volta das onze e cuidava do fechamento. A clientela noturna era totalmente diferente. Fora um ou outro que aparecia também de dia, quase todos frequentavam o lugar exclusivamente depois do jantar. Foi fácil perceber que eram pessoas ligadas a Brianese. Do ponto de vista profissional ou político. Ou os dois. Aconselhado por um decorador, eliminei os velhos neons, substituindo-os por *appliques*, que deixavam o ambiente mais acolhedor. De noite, o estabelecimento perdia todo o jeito de taverna. O velho e sábio Minozzi preparara para mim uma lista de drinks refinados, que os fregueses consumiam de bom grado, conversando amavelmente nas mesas. Sante Brianese bancava o patrão da casa. Passava de uma mesa para outra, concluindo negócios ou ampliando o clube de seus apoiadores. Seus objetivos eram claros. Conselheiro regional por um mandato e depois direto para o Palazzo Montecitorio. Eu não tinha dúvidas quanto a seu sucesso, e eram muitos os que pensavam como eu, a julgar pela deferência com que tratavam o personagem. Na verdade, ele não dava a mínima para a política. Era apenas um meio de atingir suas metas. Em grande parte ilícitas. Seu campo era a criminalidade econômica. Aliás, na taverna, nunca colocaram os pés personagens ligados ao tráfico de drogas e à prostituição. E ainda menos pessoas de fora, mesmo honestas. Brianese sacara que o modelo econômico do nordeste italiano, a famosa "locomotiva", como era chamado pela mídia, em que economia legal e ilegal se fundiam num único sistema, oferecia a possibilidade de enriquecer e construir uma discreta posição de poder. E ele tirava proveito disso, com inteligência e sabedoria. Negócios, crimes e política. A nova máfia tinha feito escola.

Entre seus colaboradores mais próximos, figuravam diversos ex-políticos e administradores públicos que tinham tido problemas com a Operação Mãos Limpas. Estava também o ex-comandante da polícia fiscal, que tinha acabado de cumprir seis anos de reclusão

por peculato e corrupção. Os juízes estavam convencidos de que tinha conseguido guardar uma fortuna considerável. Procuraram por ela durante algum tempo, inclusive no exterior, mas acabaram desistindo. Brianese fizera um ótimo trabalho. A maioria militava na centro-direita, sonhando em acertar as contas com os juízes que os investigaram e com as forças políticas que apoiaram esses juízes. Outros ostentavam posições independentes ou autônomas, mas, fora algumas discussões, o ambiente era absolutamente tranquilo. O único episódio desagradável sucedeu não por causa da política, e sim da música. No primeiro aniversário da morte de Lucio Battisti, um grupo de clientes, fãs do cantor falecido, tinha organizado uma noitada para recordá-lo. Chegaram com discos e violões. Coros, algumas lágrimas e muitas palmas. Em certo momento, aproximou-se do balcão um sujeito que passara toda a noite num canto, bebendo. Nunca o tinha notado antes. Era alto, gordo e de olhos azuis. E, sobretudo, estava bêbado. Com um gesto da mão me fez sinal para chegar perto.

– Battisti cantou os lugares comuns da pequena burguesia italiana – disse baixinho.

– Está no lugar errado para se permitir certos comentários – avisei-o.

– As letras não são mais do que banalidades insossas, e as melodias...

– Se ficar quieto, dou-lhe de beber – interrompi-o.

– Brindo a De Andrè – disse em voz alta.

E estourou a confusão. Os fãs de Battisti começaram a insultá-lo. Alguém gritou:

– Comunista de merda!

E todos queriam que eu o colocasse para fora. A senhora Cardin, proprietária de um salão de beleza, tentou agredi-lo. Para resolver o caso, tive que dar dois socos na barriga do sujeito. Então o peguei pelo colarinho e o arrastei para fora. Os clientes aplaudiram e recebi muitos elogios e tapinhas no ombro.

Naquela noite dei a primeira trepada da minha nova vida. Gianna, uma cliente frequente, lançava-me olhares havia tempo. Uma moreninha bonita, na casa dos quarenta. Pelas conversas das

amigas eu tinha ficado sabendo que seu marido andava deixando-a de lado por causa do trabalho. Oficialmente ele era um pequeno artesão com uma empresa individual. Na realidade, era proprietário de uma grande empresa especializada no setor da pavimentação. Absolutamente desconhecida do fisco. Estruturas, finanças e pessoal eram geridos por meio de um caixa 2. Que os negócios andavam de vento em popa podia-se constatar pelas joias e peles que a esposa ostentava com pouca discrição. Ficou conversando comigo no balcão até a hora de fechar. Levei-a para o depósito e enfiei a mão embaixo de sua saia. Mostrou-se uma amante hábil e calorosa. Fizemos aquilo outras vezes e sempre foi prazeroso.

Depois conheci Nicoletta. Loira, alta, magra e com duas tetonas brancas como leite. Grande fumante e apreciadora dos vinhos tintos envelhecidos, trabalhava com moda e vestia sempre roupas elegantes e caras. Hermès ou Chanel. Faziam parte de sua coleção. As peças eram rigorosamente falsas, mas para muitas mulheres da alta sociedade e para alguns negociantes tratava-se de um detalhe pouco importante. Já tinha ido parar uma ou duas vezes no tribunal, mas o advogado sempre conseguira tirá-la das encrencas. Não foi preciso levá-la ao depósito. Era separada e morava numa casinha confortável na periferia. Aparecia duas noites por semana, esperava que eu baixasse a porta metálica e então me levava para sua casa.

Naquele período resolvi deixar a *garçonnière* do advogado. Apresentei-me numa agência imobiliária e, como garantia, foi suficiente o nome da La Nena. Aluguei um apartamento próximo à taverna. Nicoletta me ajudou a decorá-lo. Pela primeira vez, senti que uma casa me pertencia. Escolher móveis e objetos com ela me fez conhecer o prazer de compartilhar alguma coisa com uma mulher. Comecei a desejar uma relação duradoura. Com Gianna e Nicoletta não houvera nada além da atração física e da simpatia. Mas para mim já era uma novidade. Não sentira a necessidade de submetê-las e de controlar suas existências como fizera com Flora ou com a viúva. Ainda que isso não significasse que tivesse alterado minhas preferências sexuais. Experimentava continuamente sensações novas. E estava gostando da coisa. Talvez mudar de vida significasse exatamente aquilo.

Ao termo de um ano exatamente, Brianese veio me pedir o primeiro favor. Bem pago, mas fora do que tinha sido combinado. Uma comerciante da província tinha se deixado enganar por uma vidente e lhe dera 55 milhões para curar sua filha de uma grave anorexia. O advogado queria que eu os recuperasse.

– Mudei de vida – interrompi-o secamente.

– É verdade. E com ótimos resultados. Só que você tem uma bagagem de experiências que nenhum de nós possui. É justo que as coloque a serviço dos amigos. Sabe muito bem que algumas situações não podem ser resolvidas com a intervenção da justiça.

– Isso significa que haverá outros pedidos de favor?

– É possível. Você teve tempo para olhar ao redor e perceber que aqui pode fazer fortuna e viver feliz e tranquilo com os amigos certos. Mas é preciso cultivar os amigos...

– Riscos?

– Mínimos. Trata-se de uma bagatela. E lembre-se de que você tem as costas quentes.

– Quando me falou da reabilitação, disse para eu me manter afastado de certos ambientes e ter uma conduta irrepreensível...

O rábula me interrompeu com um gesto de impaciência.

– Qual é o problema?

– Não quero colocar em risco a reabilitação.

– Isso não vai acontecer. Tem minha palavra.

Fixei-o. Não tinha nenhuma vontade de arriscar tudo aquilo que tinha construído com tanto esforço. Mas devia tudo a Sante Brianese e tinha que fazer o que ele queria. Sempre. Obedecê-lo como um servo.

– Está bem.

O advogado recuperou o sorriso e o bom humor e, entre uma anedota e um dito espirituoso, me contou o caso da vidente. Seu método era simples. Jessica, a quiromante, anunciava seus poderes mágicos numa rede de televisão local. A comerciante, desesperada com a situação da filha, tinha marcado uma consulta. Por duzentas mil liras, Jessica escutara as preocupações da mãe, prometendo interrogar as forças misteriosas do oculto para verificar a

possibilidade de resolver o problema. E marcou uma nova consulta para dali a dez dias. Nesse ínterim, a maga, como costumava fazer, encarregara um investigador particular de coletar o máximo de informações sobre a cliente, sobretudo a respeito de suas condições financeiras. No dia da consulta, Jessica apareceu com um rosto sombrio. Sem preâmbulos, disse para a comerciante que a situação de sua filha estava piorando a cada hora e que só uma intervenção esotérica poderia salvá-la. E assim, em quatro sessões, a cliente gastara uma bela grana. O marido, ao ficar sabendo da coisa, recorrera ao advogado.

Jessica atendia em diversas cidades do nordeste. Marquei uma consulta em Mestre. Não costumava frequentar aquela cidade e ninguém ali me conhecia. Um sujeito com cara de segurança de boate me acompanhou até a sala da vidente. Quando abriu a porta, golpeei-o com uma meia cheia de moedas. Antes que caísse no chão, empurrei-o com toda força para dentro do cômodo. Aterrissou no carpete, bem na frente da escrivaninha de Jessica.

A mulher se levantou de um salto.

– Meu Deus – gritou, aterrorizada.

Calei-a com um tapa. Esperava encontrar uma criatura extravagante. Em vez disso, estava diante de uma mulher normal, na casa dos cinquenta, meio obesa, cabelos crespos, mãos gordas e cheias de anéis e um vestido florido. Agarrei-a pelo pescoço.

– Tem três dias para restituir o dinheiro à comerciante.

A mulher anuiu. Percebi que não a tinha assustado o suficiente e quebrei seu braço, como os dois romenos tinham feito comigo. A quiromante desmaiou. Queria ameaçá-la de novo, mas não havia jeito de fazê-la voltar a si. Pior para ela. Quando se vai cobrar uma dívida, é preciso demonstrar que não se conhece limites para a violência. Golpeei-a diversas vezes no rosto, achatando-lhe o nariz. Depois voltei a cuidar do guarda-costas. Chutes na boca e no saco. De qualquer jeito, nenhum dos dois prestaria queixa. Jessica respeitou o prazo para a restituição e, três dias depois, a comerciante recuperou seus milhões. Brianese me parabenizou e me entregou um envelope com o pagamento. Utilizei-o para comprar um

carro novo. Estava na hora de me livrar do velho Panda. Escolhi outro utilitário. O tempo dos carrões ainda estava distante.

Vieram me pedir outros favores. Mas o advogado respeitou o trato de que fossem sempre coisas pequenas.

– O seu papel é defender nosso grupo de amigos de agressões externas – me disse uma vez. – Restabelecer a legalidade. A nossa, é claro.

Em geral, tinha que usar os músculos. Algumas vezes, sequer precisei recorrer à violência, como no caso de uma cliente de uma agência bancária da província que afirmava que o diretor a tinha feito assinar cauções em branco como garantia de um empréstimo de 300 milhões. Limitei-me a aconselhá-la a retirar a denúncia. Em outras ocasiões, fui obrigado a ser realmente mau. Como no caso de Alexia, uma puta de Trieste que estava chantageando um fiel cliente da La Nena. O sujeito, um rico empreendedor do setor serralheiro, tinha encontrado a garota numa boate. Se deixara levar até a casa dela para uma trepada de meio milhão de liras e, enquanto estavam na cama, uma câmera escondida numa prateleira filmava a transa. Para não enviar um pacote anônimo à mulher do empreendedor e aos dois jornais da cidade, Alexia queria 200 milhões.

Acompanhei o sujeito no encontro para a entrega do dinheiro. Quando a garota espiou pelo olho mágico, viu apenas o cliente, mas quando abriu a porta, deu de cara comigo. Assustada, tentou chamar o empresário, que já estava se afastando pela escada. Meti-lhe um soco na boca do estômago e a empurrei para dentro. Peguei a fita, mas não acreditei quando jurou que não tinha feito outras cópias. Amarrei-a numa cadeira. Na cozinha, peguei um pacote de sal grosso, um funil e uma garrafa d'água. Um verdadeiro interrogatório policial. Durante a segunda garrafa confessou que no armário, entre os lençóis, havia mais duas fitas. Alexia decidira depenar direitinho seu frango. Para o empresário eu disse que existiam ainda duas cópias do vídeo e que era preciso vinte milhões para recuperá-las. Ele pagou sem discutir.

Uma vez, me disseram para cometer um furto. Bem pago e, imagino, patrocinado por alguma indústria farmacêutica. Devia

entrar numa seção do hospital e pegar o prontuário de alguns pacientes. Foi brincadeira de criança.

O advogado tinha razão também quando falou das amizades. Os clientes, quando se deram conta de que podiam confiar em mim, começaram a me tratar de modo diferente. Não como um deles, mas como alguém com quem podiam fazer negócios. Foi assim que entrei em mais dois circuitos de agiotagem. Tornei-me sócio de uma malharia clandestina com mão de obra chinesa. E, sobretudo, investia em negócios rápidos e rentáveis, do vinho aos móveis, dos fogos de artifício aos computadores. O nordeste era assim. Mercadorias e dinheiro corriam velozes. Bastava estar no círculo certo. E aquele o era em todos os sentidos. Entre os amigos, contava com uma série de tiras. De todos os tipos, da polícia federal à guarda municipal. Aqueles que faziam parte da corte de Brianese frequentavam La Nena assiduamente. Os outros vinham tomar o aperitivo de vez em quando. No começo, a presença deles me deixava nervoso. Depois me acostumei. O advogado não perdia uma chance de louvar minha vontade de reinserção. Com o tempo, passaram a me fazer perguntas sobre alguns clientes, o que não me surpreendeu: boa parte dos proprietários de estabelecimentos são informantes. Alguns tiveram problemas graças às minhas informações, mas estas só se referiam a coisas miúdas. Falsos testes cinematográficos, golpes de férias, tráfico de obras de arte. Todas organizadas por criminosos amadores. Gente que tinha pressa de fazer dinheiro e escolhera esse atalho pensando que fosse fácil. Fácil a ponto de poderem se permitir falar demais. De minha parte, estava mais do que feliz de fornecer informações às forças da ordem. Assim preparava a estrada para obter minha reinserção na sociedade. Certa vez, até a Digos apareceu. Logo depois do assassinato de D'Antona². Pediram-me para avisá-los caso algum velho companheiro dos tempos da luta armada aparecesse.

- Nunca virão até mim.
- Quem sabe? Todos fazem besteiras – retorquiu o mais antigo.
- Interessam-nos aqueles dos centros sociais – explicou o outro.
- Não frequentam este estabelecimento.
- É verdade, mas mantenha os ouvidos abertos mesmo assim.

– Ok.

Eu estava seguro de que tinha razão. Na cidade, todos sabiam que o gerente da La Nena era um ex-terrorista. E o pessoal dos centros sociais sabia também de que maneira eu escapara da prisão perpétua. Tinham deixado isso claro escrevendo na porta metálica “Pellegrini infame”. Diversas vezes. Eu mandava pintar por cima e eles voltavam com sprays vermelho fosco. Uma noite, alguém escreveu “Depois de Seattle nada será como antes”. Eu conhecia o slogan. Estava escrito em todos os muros da cidade. Não apaguei. Não me concernia.

Sante Brianese se tornou conselheiro regional. Depois de uma hábil campanha, conseguiu nomear uma assessoria que garantia uma boa quantidade de negócios. Festejou na La Nena. Rios de champanhe, abraços nos velhos amigos e apertos de mão nos novos. Sua corte ficava cada vez mais numerosa. Eu ofereci o coquetel. Estava sinceramente feliz com seu sucesso. Sobretudo, porque assim sentia que minha reabilitação estava ganha. Faltavam quatro meses para os cinco anos se completarem. Então, apresentada a demanda, teria que esperar o tempo técnico da investigação e a marcação do dia da audiência. Oito, dez meses no máximo. Aos 44 anos, voltaria a ser um cidadão em gozo de todos os meus direitos. Naquela noite, Brianese colocou o braço sobre meu ombro.

– Está na hora de você arranjar uma boa mulher – disse em tom paternal. – Há boatos de que você seja um mulherengo, e isso não é bom. Aqui entre nós, primeiro casamos na igreja. Depois, com a benção do padre, comemos todas as xoxotas que dão sopa.

Suas palavras me fizeram pensar pela primeira vez na possibilidade de casar. Era uma boa ideia. Viver com uma mulher podia ser útil e prazeroso. Comecei a olhar ao redor. Logo notei uma mulher na casa dos trinta e cinco anos que vinha almoçar todos os dias. Chamava-se Roberta. Até onde sabia, trabalhava num cartório. Chegava com um par de colegas e sempre pedia refeições leves. Embora fosse um pouco jovem demais para meu gosto, me impressionara por sua timidez. Quando rodava pelas mesas, trocava

ditos espirituosos com os fregueses. E, com as mulheres, era exageradamente galante, como me ensinara o advogado. Ela sempre baixava o olhar e, em sua boca, desenhava-se um sorriso constrangido. Observando-a, convenci-me de que fosse uma mulher submissa por natureza e que não seria necessário forçá-la a esse papel. Fisicamente, atraía-me. Era alta, magra e bem feita. Os seios não eram grandes, mas tampouco inexistentes, e tinha um belo traseiro. Cabelos castanhos, compridos até as costas, emolduravam um rosto gracioso, de traços regulares. Já suas pernas não eram grande coisa. Espiei-as, enquanto as cruzava, e notei que suas canelas não eram finas e que tinha marcas de celulite. Imperfeições que certamente a tornavam vulnerável e carente de elogios. Comecei a cortejá-la. Olhares, sorrisos, pequenas atenções. Não sabia nada dela. Pedi a Nicoletta, minha ex-amante, traficante de falsos Chanel, que obtivesse informações. Fiquei sabendo que havia rompido uma relação de seis anos com um homem que não quis levá-la para o altar. Vivia sozinha num apartamentozinho num grande condomínio da periferia.

- Não é a mulher certa para você – comentou minha informante.
- Ciúmes?

Sacudiu a cabeça.

– Roberta é uma garota à antiga. Casamento, filhos, árvore de Natal.

Sorri satisfeito

- É exatamente a mulher que desejo.

Nicoletta deu um tapinha no meu rosto.

- Boa sorte, então.

A oportunidade para abordá-la foi uma dor de cabeça. Um dia, veio ao balcão e me pediu um comprimido.

Olhei na gaveta.

- Tenho aspirina.
- Não, obrigada, sou alérgica.

– Tinha uma tia com o mesmo problema. Lembro que sempre devia estar atenta a isso. Espere, vou perguntar para o cozinheiro. Sofre de enxaqueca e tem sempre um arsenal de analgésicos.

Voltei da cozinha com um comprimido.

- Ele disse que este deve servir.
 - Ela verificou o nome do remédio.
 - Perfeito, obrigada.
 - Quarta-feira La Nena fecha. Gostaria de sair comigo?
- Ela me fixou.
- Para ir aonde? – perguntou cautelosa.
 - Cinema e pizza?
- Fingiu hesitar.
- Combinado.

O filme era um melodrama com Richard Gere. Ela morria na prisão e ele se tornava um homem melhor. Nunca tinha visto um filme tão entediante, mas Roberta chorou o tempo inteiro e adorou.

- Belíssimo. Uma grande história de amor. Você gostou?
- Muito.

Na pizzaria, aproveitei seu estado de ânimo para lhe contar uma historinha inventada sob medida.

– Sou um homem que estragou uma boa parte de sua vida – comecei. – Agora estou tentando reparar meus erros e o mal que fiz. Sobretudo à minha família. Meu pai e minha mãe morreram de desgosto. Minhas irmãs moram longe e não tenho coragem de procurá-las.

Ela colocou sua mão sobre a minha. Conte-lhe como as más companhias e as forças obscuras da subversão tinham extraviado minha jovem mente. Paris. A América Central. A volta para a Itália. A prisão. Uma massa incoerente de mentiras, sustentada apenas pelo tom sofrido de minha voz.

- É a primeira vez que me abro para alguém – disse no final.

– Fico feliz que tenha me escolhido. Tinha escutado rumores sobre seu passado, mas não imaginava que tivesse sofrido tanto.

Ela então também sentiu necessidade de se abrir comigo. Falou do trabalho, da família e, sobretudo, de Alfio. Ele havia sido o amor de sua vida, mas, na hora de encarar o casamento, tinha dado no pé. Ela se reerguera a muito custo e não estava certa de querer se arriscar com outro homem. Mostrei-me compreensivo e tentei tranquilizá-la com palavras banais sobre a sinceridade dos

sentimentos. Para terminar, lancei-lhe uma clara mensagem confiando-lhe meus sonhos e meus projetos. O retrato de minha mulher ideal parecia uma fotografia dela. Acompanhei-a até a porta de sua casa e me despedi com um casto beijo no rosto. Ela, como sempre, sorriu constrangida e baixou o olhar.

A partir daquele dia, saímos todas as quartas. No primeiro mês, apenas cinema, teatros e restaurantes. Então, uma noite, ela veio até minha casa. Depois do jantar, acuei-a no sofá e a beijei. Deixou que eu acariciasse seu seio, mas quando abri o zíper de sua calça, disse que aquilo lhe parecia prematuro. Quando estava colocando seu casaco, decidi arriscar. Era chegado o momento de verificar se a julgara corretamente.

– Assim vai me perder. Para sempre – disse com um fiapo de voz.

Ela estancou, petrificada. Então tirou o casaco e voltou para o sofá.

– Coloque uma música, por favor.

Em casa não tinha grande coisa. CDs que comprava no supermercado por nove mil e novecentas reais. Na maioria, reedições de velhos discos. Músicas que escutava quando ia às festas de sábado à tarde e dançava lento tentando roçar as tetas de minhas colegas. Peguei o primeiro que me caiu nas mãos. Os sucessos de Caterina Caselli.

Roberta era uma péssima amante. O máximo que sabia era abrir as pernas. Apesar da vontade de lhe fazer um serviço completo, comportei-me como um verdadeiro cavalheiro, cobrindo-a de atenções. Escutei nove músicas antes de fazê-la gozar. Lançou o primeiro gemidinho no momento em que Caselli cantava "*Arrivederci amore, ciao, le nubi sono già più lontani*"³. Quando me levantei para jogar fora o preservativo, pediu para escutar de novo a canção.

– Chama-se "*Insieme a te no ci sto più*"⁴.

– Eu sei. É triste, mas sempre gostei muito.

Contentei-a. E entre várias outras tolices de amantes, tornou-se a "nossa" canção. Utilizava-a como senha quando queria levá-la para a cama. O que não acontecia com muita frequência. Com uma mulher que não pretendia me chupar nem me deixar comer seu cu, realmente não sabia o que fazer. Mas tinha muitas outras

qualidades, e, como queria esposá-la, não fazia disso um problema. Era doce, atenciosa e não me enchia o saco. E em casa era ótima. Gostava da sua companhia. Preenchia os buracos de minha vida. De noite. O tempo livre. Em casal era mais divertido. Compreendi finalmente por que as pessoas se casavam e não perdi mais tempo falando em matrimônio. Para coroar seus sonhos de fotonovela, uma quarta-feira levei-a para Veneza. Restaurante chique, volta de gôndola com serenata. Na praça San Marco, coloquei em sua mão um porta-joias.

– Quer casar comigo? – perguntei no exato momento em que ela fixava um anel de 15 milhões de liras. Obviamente não pagara esse preço, mas aquele era seu valor.

Roberta se derramou em lágrimas de felicidade. Me abraçou e me cobriu de beijos. Naquela noite, apertei em meus braços uma mulher apaixonada e compreendi que ela só precisava ser tranquilizada quanto a minhas reais intenções. Queria estar segura de que iria para o altar. Decidimos marcar a data para depois da reabilitação. Festejamos o noivado na La Nena. Brianese ergueu o cálice e brindou a nossa felicidade.

A partir daquele momento, comecei a frequentar a família de minha prometida esposa. E suas amigas. Saíamos frequentemente com outro casal, Luciano e Martina. Bastou uma olhada para eu perceber que ela não era como a minha Roberta. Volta e meia cruzava seu olhar, carregado de alusões. Seu homem, molenga e antipático, justificava plenamente tanto ardor. A coisa não escapou à minha noiva. Uma vez em casa, fez a primeira cena. Senti vontade de bater nela para fazê-la se calar, mas me limitei a tranquilizá-la. Era uma daquelas mulheres que se dedicam de corpo e alma a um homem, mas que não conseguem controlar o estresse da insegurança. Adotei uma estratégia de ataque e fiz de tudo para que acreditasse que ela era a pessoa mais importante da minha vida. Fazê-la feliz não era muito difícil. Era tão previsível em seus desejos que bastava prestar um pouco de atenção. Volta e meia a surpreendia. Com o luxo. Quando fazia um negócio ou chegava minha parte dos círculos de agiotagem, dava-lhe presentes caros. De

grande senhora. Ela não sabia que eu era rico e pensava que aqueles objetos tinham me custado suor e cansaço.

Quando se acalmou, levei Martina para a cama. Sexo de verdade, finalmente. Mas paguei caro. Ela contou a escapadela a uma amiga e, de boca em boca, a notícia chegou aos ouvidos de Roberta. Neguei resolutamente. Ela, no final, fingiu acreditar em mim, mas sua confiança havia se abalado. Logo descobri que estava sob vigilância. Minha noiva vasculhava meus bolsos, minha carteira e meu celular em busca de rastros de outras mulheres. Fiz de conta que não percebia. No futuro, teria que ficar mais atento.

Sante Brianese me chamou em seu escritório. A solicitação de reabilitação fora feita. O juiz de vigilância pediria às forças da ordem um relatório sobre minha conduta e sobre minha situação patrimonial.

– Já mexi meus pauzinhos – disse. – Não temos nada com que nos preocupar.

Como de costume, tinha razão. Os relatórios foram todos positivos. O juiz marcou a audiência para o mês seguinte. Trinta dias me separavam de minha nova vida. Poderia votar, fazer mil outras coisas e, sobretudo, parar de ter medo de ser detido numa blitz. Propus a Roberta desposá-la logo em seguida. Apenas o tempo de preparar uma cerimônia de sonho. Ela já pensara naquilo e demonstrou ter ideias muito claras a respeito. Inclusive sobre a viagem de lua de mel. Ilhas Maldivas. Não me parecia um grande lugar, mas preferi deixar quieto. Os preparativos a manteriam ocupada e ela pararia de se torturar com a dúvida quanto a eu tê-la traído com Martina.

Pela primeira vez me sentia realmente bem. E inatacável. O passado não representaria mais uma ameaça.

[2](#) Massimo D'Antona, conselheiro econômico do governo de centro-esquerda assassinado em Roma no dia 20 de maio de 1999 pelas "novas" Brigadas Vermelhas. [N.T.]

[3](#) Até à vista, amor, tchau, as nuvens já vão longe. [N.T.]

[4](#) Com você, nunca mais. [N.T.]

Roberta

Eu me sentira seguro demais. E foi um erro imperdoável. Só pode se sentir seguro na vida quem nunca fez nada fora das regras. Alguém como eu só podia confiar nas probabilidades. No máximo, poderia ter me sentido “razoavelmente” seguro. Aquela seria a maneira certa para não baixar a guarda. Mas o que aconteceu foi que um erro, um dos tantos, ressurgiu do passado e me pegou de calças curtas. Anedda. Levantei os olhos e o vi diante de mim. A primeira coisa que pensei foi que devia tê-lo matado para que nunca pudesse reaparecer em minha vida. A sua, por certo, não era uma visita de cortesia. Ferruccio, o tira, estava com problemas. E grandes. Bastava olhar para ele para compreender que se tratava de um homem desesperado. A roupa amassada, a barba por fazer, os olhos vermelhos e febris, os cabelos desordenados. Na minha frente estava o fantasma do homem que eu conhecera. Seu olhar dizia que eu era sua última esperança. Servi-lhe um brandy. Barato. Aquele que usava para corrigir o café. Bebeu-o de um só gole.

– Preciso falar com você – disse com voz rouca. A tensão entre nós era quase tão palpável quanto a fumaça de seu cigarro.

– Já eu não tenho nada a lhe dizer.

– Nos vemos esta noite em sua casa.

– Acho que não estamos nos entendendo.

– Você não entendeu – sibilou com seu costumeiro tom arrogante. – Faça o que estou dizendo e não discuta.

Enquanto se afastava, fixei suas costas com ódio. Olhei os clientes para ver se algum deles tinha percebido nossa conversa. A situação parecia tranquila. Servi-me de dois dedos de Lagavullin. O calor do uísque anulou por um instante o gelo que me consumia o estômago. Também eu estava agora desesperado. O tira queria certamente envolver-me em alguma história suja que colocaria em

perigo tudo aquilo que eu construía. A dezoito dias da audiência de reabilitação. Eu não merecia essa afronta do destino.

Fechei a porta de metal da taverna e me apressei para casa. O tira não me perguntara o endereço. Já devia ter pego todas as informações sobre mim. Enquanto abria o portão, vi, com o rabo do olho, Anedda descer de um Alfa Romeo preto como a noite. Acompanhou-me em silêncio e se jogou no sofá.

– Que cansada– exclamou.

Pegou um cigarro de uma carteira amassada como sua roupa.

– O que quer de mim?

Foi direto ao ponto.

– Tem que acabar com um sujeito.

– Nem pensar – rebati. – Não matarei ninguém para você. Mudei de vida.

– Sei. Tornou-se um bom rapaz. Mas se não me fizer esse favor, acabarei na merda. E para reduzir os danos, serei obrigado a colaborar. Vou arrastá-lo para o fundo comigo.

Parabéns, tira. Eu estava encurralado. Servi-me de algo para beber.

– Quem terei que eliminar?

– Um informante meu. Um merda de um argelino infiltrado no FIS. Fizemos alguns negócios juntos. Depois ele desapareceu. Soube que começou a trabalhar para os *carabinieri*. Se não calá-lo logo, vai me foder pra valer. Os da *benemerita*⁵ sempre conseguem que lhes contem tudo.

– Onde ele está?

– Em Bolonha. Levei três dias e três noites para localizar seu esconderijo. Tive que mover mares e montanhas.

– E por que você mesmo não faz o trabalhinho?

Caiu na gargalhada.

– Eu o faria com prazer. Mas no momento em que o imbecil passar dessa para melhor, estarei no meu escritório em Milão. Preciso de um álibi incontestável.

– Já suspeitam de você?

– Sim. Mas ainda não têm nada de preciso na mão. Estão me investigando porque eu era o responsável direto pelo argelino.

– O que aconteceu?

– Nada que lhe diga respeito.

– Não vou arriscar a prisão perpétua às cegas. Quero saber em que merda se meteu.

– Um traficante vindo do Irã. Uma maleta cheia de dólares. Precisa saber mais do que isso?

Balancei a cabeça.

– Como ele deve morrer?

– Uma bala na cabeça. Guardou o 22 silenciado?

– Mudei de vida. Não uso mais pistolas.

– Então providenciarei uma.

– Quando devo abatê-lo?

– Depois de amanhã. Torcendo para que ainda não seja tarde demais.

– E depois?

– Depois o quê?

– Vai continuar a recorrer a mim cada vez que estiver na merda e precisar de alguém para tirá-lo dela?

– Fique tranquilo. Resolvido esse problema, não me verá mais.

Compreendi naquele momento que Anedda queria acabar comigo também. Senão teria descarregado sobre mim toda sua arrogância, lembrando-me de que estaria eternamente a seu serviço. A história do argelino ensinara-lhe a lição. Nenhuma testemunha, nenhum risco.

Ouvi a chave girando na fechadura. Roberta. Pensava que ela ficaria na casa dos pais aquela noite. Entrou correndo na sala.

– Amor, tenho uma surpresa! – disse, toda contente. – Um CD de Alessandro Haber com “Insieme a te non ci sto più”.

Quando se deu conta da presença de um desconhecido, calou-se na hora.

– Desculpem – murmurou constrangida. – Pensei que Giorgio estivesse sozinho.

O tira se levantou.

– Estava mesmo indo embora – disse com um sorriso forçado.

- Acompanho-o até a porta.
- Vejo que parou de frequentar as profissionais – comentou o tira em voz baixa.
- Mudei de vida – repeti pela enésima vez.
- Passarei amanhã de manhã na taverna – disse Anedda. Fechei a porta blasfemando entre os dentes.
- Quem é? – perguntou minha noiva. Levantei os ombros.
- O proprietário de uma vinícola – respondi rápido.
- E o que queria?
- Veio me propor um negócio.
- Aqui em casa? Normalmente fazem isso na taverna. Roberta estava fazendo perguntas demais. Abracei-a.
- Não vejo a hora de ouvir a versão de Haber.

Sorriu contente, esquecendo a curiosidade. Alguns segundos depois, a voz quente do ator que se deixara tentar pela música preencheu a sala. Aquela noite era ela que estava com vontade de fazer amor. A última coisa que passava por minha cabeça.

– Agora não – disse em tom seco. Sua presença estava me incomodando. Precisava ficar sozinho para pensar. Nas vinte e quatro horas seguintes teria que matar um homem e cuidar para não ter o mesmo destino.

Não sentia sono. Roberta, ao meu lado, dormia tranquila, com a mão sobre meu peito. O problema não era matar o argelino, mas impedir que Anedda me eliminasse. Ele já devia ter um plano. Não tentaria nada no dia da morte do magrebino. A necessidade de um alibi o obrigaria a ficar na delegacia. Por vários dias. Até que conseguisse varrer as suspeitas de ser um funcionário corrupto. Então, depois de algum tempo, atiraria em mim quando eu fosse entrar em casa. Ou se faria convidar para tomar um copo. Hipótese mais provável. Nesse caso, teria que matar Roberta também. Ela o vira de perto. E em minha companhia. Não sentia medo. Mas estava profundamente angustiado com a imprevisibilidade do destino. Não suportava a ideia de uma vida ao sabor dos acontecimentos. Se sobrevivesse àquela história, o que mais me sucederia? Um tumor? Um acidente de carro? A prisão de Brianese? Uma crise de

taquicardia me obrigou a levantar. Que porra estava me acontecendo? Voltei para a sala e me forcei a assistir televisão. Um filme com Franco Franchi. Fazia o papel de um frade que ia encontrar sua tia, dona de um bordel. Aos poucos, senti que meus batimentos estavam se normalizando. Fui até o quarto para verificar se minha noiva continuava dormindo. Então, com uma chave de fenda, arranquei da parede do corredor um pedaço de rodapé. Um buraco escavado na parede escondia um saquinho de nylon. Mentira para Anedda. Guardara a pistola. Porque nunca se sabe o que pode acontecer. E fora a escolha certa. A Ruger 22, aquela que havia utilizado para matar Ausonio e Ciccio Formaggio, estava desmontada. Cada peça estava envolta num paninho embebido em óleo. Cano, mola, culatra, coronha, carregador. Atarraxei o silenciador e atirei com a arma vazia. Estava pronto para defender minha vida da única maneira que sabia. Voltei para a cama. Roberta me abraçou.

Ferruccio, o tira, apareceu depois do meio-dia. Pediu um café.

– Esta noite vou passar em sua casa. Levarei a foto do sujeito e a arma.

– Não – respondi na mesma hora. – Minha noiva vai estar lá. Vamos nos encontrar no estacionamento da rodoviária.

Ruminou alguns segundos sobre aquela mudança de programa.

– Ok. À uma e meia. Pontualmente.

Março mal começara e o frio da noite era ainda pungente. Vesti um casaco escuro e uma touca de lã. Presentes de minha prometida esposa. As luvas de pele eu tinha comprado naquela mesma tarde. Peguei a bicicleta do depósito e me dirigi ao encontro. Era uma Bianchi dos anos 1950, restaurada e repintada. Foi um bocado cara, mas não resisti porque era idêntica à do meu *nonno*. Quando era pequeno e ia encontrá-lo, ele me colocava em cima do cano e me levava para passear. Eu a usava todos os dias para andar no centro, interdito para os carros. O estacionamento não estava exatamente deserto. Aqui e ali paravam carros com putas nigerianas e albanesas e seus clientes. O Alfa Romeo preto estava parado no meio da esplanada. Ferruccio, o tira, queria estar seguro de ver bem quem

estava se aproximando. Parei do lado da porta do carona. Ele me fez sinal para entrar. Abaixei o pezinho da Bianchi e abri a porta apenas o suficiente para enfiar a pistola. Apertei o gatilho dez vezes. Todos os projéteis do carregador. O silenciador amorteceu o barulho dos disparos e escondeu as faíscas que acompanhavam a saída dos projéteis. As pessoas presentes no estacionamento poderiam ter notado no escuro aquela longa série de flashes. Mas não viram nem ouviram absolutamente nada. O imbecil estava morto. Com a cabeça apoiada no volante. Os olhos arregalados. Um fio de sangue corria de sua boca. Fechei delicadamente a porta, subi na bicicleta e saí pedalando tranquilamente. Me liberei das luvas e da pistola jogando-as numa lixeira. Foi triste dizer adeus à Ruger. Tinha me servido fielmente, mas agora estava queimada. No carro e no corpo de Anedda tinham ficado balas e cartuchos. Conservá-la seria suicídio. Estava satisfeito. Mas não tranquilo. Para poder pegá-lo de surpresa, tivera que renunciar a um plano mais seguro. Preferia ter atirado nele num lugar tranquilo, em pleno campo, para poder queimar o carro e o cadáver. Mas ele era esperto demais para cair numa armadilha tão manjada. Descoberto o cadáver, os investigadores encontrariam o material que ele ia me entregar. A pistola e a fotografia do argelino. O risco era de que houvesse alguma coisa que pudesse associá-lo a mim. Alguma anotação. Um endereço. Um número de telefone. Uma sábia precaução seria a de ficar ilocalizável por algum tempo. Mas não podia fazer isso. Teria que dar explicações demais a pessoas demais. Só podia esperar. E correr o risco de ser preso.

Em casa, encontrei Roberta. Estava me esperando, lendo na poltrona.

- Onde você estava?
- Fui beber um copo com Brianese em outro bar.
- Conversaram sobre a audiência?
- Sim. Agora falta pouco.
- Por acaso não esteve com uma mulher?
- Por favor, amor. Não recomece.

Jogou na mesinha a revista de decoração. Abriu os braços para me acolher.

– Venha.

Me deixei acariciar. Precisava relaxar. Fechei os olhos e revi a cena da morte de Anedda. Fora necessário matá-lo. E prazeroso. Sempre gostei de matar. Desde o dia em que atirei na nuca de meu amigo Luca naquela porra de selva centro-americana. Também gostaria de ter atirado na nuca de Ferruccio, o tira. E não o carregador inteiro como fora obrigado a fazer por não saber se atingira logo os centros vitais. Ferido, mesmo gravemente, poderia sacar sua calibre nove e me pagar na mesma moeda. Os investigadores certamente pensariam num matador apressado e despreparado. Preferia que se deparassem com a obra de um profissional. O tiro na nuca é solene como a sentença de um tribunal. É justiça.

Dois dias depois apareceram nos jornais os artigos sobre a descoberta do cadáver de Anedda. Só se falava daquilo na cidade. Chegaram tropas das emissoras nacionais. Os jornalistas assumiram a tese de um crime ligado ao terrorismo internacional. Mas o interesse da mídia em manter viva a notícia não correspondia ao dos investigadores. Tiras e juízes sabiam muito bem não estar diante de um servidor do estado que se sacrificara no cumprimento do dever. Além disso, não tinham nas mãos nenhum indício concreto sobre o autor do homicídio. Os frequentadores habituais do lugar não tinham contado nada de interessante. A atenção sobre o caso durou uns dois dias, então se esvaneceu, suplantada por outros acontecimentos. Esvaneceu-se também minha tensão. Naquele ponto, convenci-me de que as investigações não tinham feito emergir nada que me dissesse respeito. Meu plano funcionara.

Naquela noite, voltei para casa um pouco mais tarde. Ao lado do telefone, notei a bolsa de Roberta. Uma visita inesperada. Andara gripada e preferia ficar na casa de seus pais. Encontrei-a na sala, no escuro.

– Está se sentindo mal, amor? – perguntei, atencioso.

Não respondeu. Acendi a luz. Tinha os olhos inchados de chorar e uma edição do jornal da cidade na mão. Estendeu-o para que eu visse bem a foto de Ferruccio, o tira. O mundo desabou sob meus pés. O destino continuava se encarniçando contra mim. Primeiro Anedda. E agora, minha prometida esposa que se transformava em outra perigosa ameaça.

– É o homem que encontrei nesta sala há uma semana – disse em tom de acusação.

– Está errada. As fotos do jornal enganam.

– Na televisão, vi imagens de arquivo. Era ele mesmo. Além disso, na noite em que foi morto você não estava em casa.

– Está me acusando do crime? – perguntei incrédulo.

Começou a choramingar.

– Não sei o que pensar. Tenho certeza de que encontrei esta pessoa aqui.

Assumi um tom indignado.

– Já lhe disse que não era ele. E eu estava com Brianese quando atiraram nele. Se não acredita, pergunte para ele.

Sabia que nunca ousaria se aproximar do advogado para fazer uma pergunta do gênero. Minha resposta devia tê-la tranquilizado, mas ela continuava devastada pela dúvida.

Abracei-a.

– Como pode pensar que eu seja um assassino? Quer me fazer morrer de dor?

Apertou-me contra ela.

– Não posso acreditar que seja um monstro, mas conhecia aquele policial e tem o dever de contar na delegacia aquilo que sabe.

O sangue gelou em minhas veias. A história estava ficando complicada. Tinha que inventar alguma outra coisa, senão ela iria à delegacia dizer que vira Anedda em minha casa 48 horas antes do assassinato.

Peguei seu rosto em minhas mãos.

– Sim, eu o conhecia – admiti. – Era um de seus informantes. Os terroristas estão se reorganizando e minha experiência lhe era útil. Não contei nada para você antes porque se trata de investigações

delicadas e secretas. Mas não fui eu que o matei. Coloque isso na cabeça de uma vez por todas.

– Uma razão a mais para esclarecer sua posição – insistiu teimosamente. – Suas informações podem servir para capturar o assassino e seus cúmplices.

– Não creio. Mas mesmo que pudesse ser verdade, isso significaria me expor, transformar-me num alvo. Teria que me esconder, abandonar meu trabalho, renunciar a viver com você.

O argumento pôs em crise seu senso cívico. Era o momento de dobrar a dose.

– Em poucos dias, terei a possibilidade de me lavar da mácula de condenado. Uma nova vida me espera. Com você. Se for à polícia, meu processo será suspenso e vai saber quanto tempo terei que esperar. Não me obrigue a renunciar a você. Quero casar com você. E quero ter um filho.

Minha réplica de telenovela funcionou. Roberta chorou como uma fonte e se libertou de qualquer dúvida. Escolhi o CD de Caterina Caselli. Seleccionei “Insieme a te no ci sto più”. Peguei-a no colo e levei-a para a cama. Sussurrei em seu ouvido doces palavras de amor. Quando dormiu, soltei um suspiro de alívio. Por ora estava seguro. Mas e no futuro? Pego de surpresa, usara a mentira errada. Devia ter lhe dito que já falara com os investigadores, mantendo minha cobertura de informante. Agora era tarde demais para remediar. A única esperança era o casamento. Ligá-la a mim de maneira indissolúvel. Até então, opusera-me tenazmente ao rito religioso. Assim que acordasse, lhe diria que havia mudado de ideia e que nos casaríamos em sua paróquia. E não perderíamos um encontro do curso pré-matrimonial. A nossa seria uma união abençoada. Absolvida de todos os pecados.

Foi um golpe de mestre. Minha noiva se tranquilizou e não tocou mais no assunto Anedda. Voltou a se ocupar com os preparativos do casamento. E eu travei conhecimento com seu confessor, Dom Agostino, que nos guiaria no caminho do sacramento do matrimônio. Um velho padre amargo e escrupuloso. A antipatia foi recíproca desde o primeiro encontro. Mas eu estava disposto a suportar o que

quer que fosse para conduzi-la ao altar. Chegou o dia da audiência de reabilitação. O juiz de vigilância leu um longo relatório. Fez algumas perguntas. Então deu a palavra ao procurador geral.

Este se limitou a dizer:

– Não me oponho à concessão do benefício.

Brianese falou por cinco minutos. Descreveu minha vontade de reinserção com palavras pausadas e eficazes.

– Como foi? – perguntou Roberta ao advogado quando saímos do tribunal.

– Bem. Agora é só esperar a decisão. Como Giorgio deve ter lhe explicado, o tribunal de vigilância a comunicará por escrito. Terão que ter paciência ainda por alguns dias.

Festejamos na La Nena depois do fechamento. Por razões de comodidade. Uma dezena de amigos e o advogado. Champanhe, torradinhas com *foie gras* e uma torta. Sante Brianese começou a contar anedotas divertidas do ambiente dos tribunais. De repente, ouvi a voz de Roberta perguntando:

– O que dizem nos tribunais sobre o policial morto no estacionamento?

O advogado levantou os ombros.

– Pouco ou nada. Quem está investigando é o pessoal da Digos, e eles têm a boca fechada. Para dizer a verdade, é um caso que não acompanhei. No dia do homicídio, estava em Roma para um processo de cassação e, quando voltei, já não se falava mais nele.

Fodido. Eis como me senti naquele momento. Estava festejando a reabilitação e minha noiva cavava minha cova com suas perguntas de merda. Roberta estava pálida e olhava para mim desvairada. Ficou daquele jeito até o final da festinha. Voltamos para casa sem trocar uma palavra. Trancou-se no banheiro para chorar. Pela segunda vez em poucos dias, mergulhei num estado de desespero absoluto. Quando se acalmasse, exigiria respostas. E não havia mentira no mundo capaz de me tirar daquela saia justa. Podia apenas tentar limitar os danos.

De repente, ela estava diante de mim. Com o rosto borrado de rímel.

– Onde esteve aquela noite?

– Brianese se enganou. É um homem cheio de compromissos. Confundi-se.

– Onde esteve? – gritou.

– Talvez tenha me enganado. Não lembro bem. Talvez tenha dado um passeio.

– Onde? – gritou com toda a força.

Restava-me uma última versão para tentar desviar suas suspeitas.

– Está bem, você é que quis – gritei por minha vez. – Estive com uma mulher.

– Bastardo!

Então me agrediu tentando acertar meu rosto.

– Foi para a cama com aquela puta da Martina, foi isso?

– Não. Peguei uma na rua.

Abracei-a com força.

– Foi só uma trepada. É você que eu amo. Só você.

Soltou-se e correu para chorar no banheiro. Dez minutos depois, abriu a porta. Tinha lavado o rosto e se penteado.

– Não quero mais casar com você.

– O que está dizendo?

– Pensei que fosse diferente, mas não passa de um grande mentiroso.

– Está transtornada agora. Tem razão para estar, mas não é este o momento de tomar decisões que podem comprometer nosso futuro.

Foi embora sem me escutar. Me joguei no divã. Sentia vontade de atacar a garrafa de uísque, mas tinha que pensar. A perda de Roberta era um mal menor. Nossa história estava completamente comprometida e continuar no projeto do casamento seria pura loucura. Eu podia colocar em circulação boatos pouco lisonjeiros a seu respeito. Em pouco tempo, as fofocas sobre o assunto cessariam. Substituí-la não seria difícil. O verdadeiro problema era outro. Ela se calaria sobre o homicídio de Anedda, ou falaria com sua mãe, as amigas e Dom Agostino? A conclusão era óbvia. Seria obrigada a dar longas explicações por ter desistido do casamento e certamente contaria como me obrigara a confessar a traição. E

naquele momento viria à tona o encontro com Anedda em minha casa. Alguém a convenceria a falar com os tiras. Mas isso sequer seria necessário para colocar a polícia no meu rastro. Uma história desse tipo teria gerado tantas fofocas que estas logo chegariam às orelhas erradas. Por mais que Anedda fosse um policial podre, seus colegas deviam estar ansiosos para saber quem o enchera de chumbo.

Considerarei a hipótese de fugir. Dispunha de um pé de meia suficiente para me levar longe. Mas teria que começar tudo do zero outra vez. Não era justo. De repente, me dei conta de que teria que matar Roberta. Não queria chegar a esse ponto, mas a regra “sem testemunha, sem risco” impunha-se com toda sua evidência. No entanto, também era evidente que se tratava de um problema de difícil solução. Sua morte violenta teria atraído todas as atenções para seu noivo, recém-reabilitado mas sempre com um passado discutível. Era uma boa moça, conscienciosa no trabalho, com um profundo senso religioso da vida. Em seu mundo, o homicídio não era considerado um acontecimento provável. E sim tão extraordinário que obrigaria as forças da ordem a extensas investigações. Se fosse uma puta, uma viciada, uma mendiga, uma estrangeira, ou simplesmente a mulher de um marginal qualquer, a notícia do homicídio teria ocupado meia coluna nos jornais e meia página num processo verbal da polícia. Passei em revista diversas hipóteses. A mais convincente era a de mascarar o crime como obra de um maníaco. Mas, no final, os tiras sempre acabariam batendo em minha porta. De qualquer ângulo que examinasse o caso eu permanecia como o principal suspeito. Fechei os olhos. Tornei a pensar sobre ela desde o primeiro momento em que a notara na taverna. A lembrança de um diálogo fez alguma coisa piscar em minha mente. De início, não entendi o que era. De tanto pensar, aquilo foi se tornando cada vez mais nítido e se concretizou numa ideia. Depois, num plano.

Levantei antes do costume. Esperei que Dom Agostino terminasse de rezar a missa das sete. Interceptei-o quando se dirigia ao presbitério, seguido de dois coroinhas.

– Preciso falar com o senhor. É importante.

– Não tenho tempo esta manhã – respondeu ríspido.
– Aconteceu algo grave entre Roberta e eu. Conceda-me alguns minutos, por favor.

Ergueu os olhos para o céu.

– Espere em minha sala, o tempo de me trocar e então o ouvirei.

Apareceu meia hora depois. Por alguns farelos de pão sobre sua batina, deduzi que aproveitara para fazer um lanche.

– Então, conte-me o que aconteceu.

– Padre, fiz uma coisa muito feia. Traí Roberta – disse logo para atrair sua atenção. Queria que ele recordasse cada palavra daquela conversa. – Uma noite, não resisti e comprei o corpo de uma prostituta. Percebi que tinha errado quando encontrei minha noiva a me esperar. De início, não tive coragem de confessar o que tinha feito e menti para justificar minha saída noturna. Depois, por uma série de acontecimentos, minha mentira foi descoberta e fui obrigado a lhe dizer a verdade.

– As mentiras têm a perna curta – comentou satisfeito. – E agora, o que quer de mim?

– Roberta não quer mais casar comigo. O senhor deve convencê-la a reconsiderar sua decisão. Ela não quer nem falar comigo.

– Talvez não seja o homem certo para ela. Os pais dela sempre estiveram convencidos disso. No passado, você cometeu graves erros e, mesmo agora, a poucos meses do casamento, continua a ter uma conduta imoral.

– Foi um momento de fraqueza. Não acontecerá mais. Estou profundamente apaixonado por Roberta. Sei que posso fazê-la feliz.

– Tentarei falar com ela. Mas não lhe prometo nada. Mentir e andar com prostitutas são pecados graves. Aquela menina não merece tanta dor.

Mostrei uma expressão contrita e fui embora em silêncio.

Meu segundo passo foi ir a uma biblioteca de bairro. Àquela hora da manhã era frequentada sobretudo por aposentados. Encontrei o volume que me interessava. Verifiquei a exatidão de minhas recordações e fui trabalhar. O dia transcorreu tranquilo. Um cliente veio me pedir um empréstimo. Cinco milhões. Pagaria na semana

seguinte. Emprestei. Já tinha acontecido de alguns fregueses me pedirem pequenas somas em dinheiro. Até então, eu os encaminhara a algum dos agiotas com que negociava. Mas, pensando bem, eu podia organizar um pequeno banco de créditos na própria taverna. O segredo para não despertar o interesse das forças da ordem era limitar-se a pequenas somas. Mostrei-me alegre o dia todo. Falei no casamento com várias pessoas. Pedindo conselhos sobre flores e fotógrafos. Pouco antes do fechamento, recebi um telefonema de Roberta.

– Preciso falar com você.

– Dom Agostino?

– Sim. Ele me convenceu. Devemos perscrutar o fundo de nosso coração e avaliar a sinceridade de nossos sentimentos.

– Espero você em casa.

Estava com o rosto murcho. E um ar de cansada. Sentou na poltrona.

– Dói-me vê-la sofrer assim.

– A culpa é toda sua.

– O que sua mãe e suas amigas disseram? – perguntei para sondar o terreno.

Balançou a cabeça.

– Ainda não disse nada. Tenho vergonha demais de contar o que você fez.

– Fez bem em não falar com ninguém. Tenho certeza de que vamos nos entender. E tudo voltará a ser como antes.

Tirou um lenço da bolsa e começou a choramingar.

– Não chore, por favor. Assim fica difícil falar.

Enxugou os olhos e assoou o nariz.

– Nunca me senti tão mal em toda minha vida.

Acaricieei seu rosto.

– Jantou?

Sacudiu a cabeça.

– Não consigo botar nada pra dentro.

– Mas assim vai ficar doente – exclamei preocupado.

– Comerei algo em casa.

– Trouxe duas porções de canelone com ricota da taverna. Ia mesmo comer. Vamos, faça-me companhia.

Pus mais um prato. Ofereci-lhe um copo de vinho enquanto a comida esquentava no micro-ondas. Deixei que ela mesma se servisse. Pegou só um. Passei-lhe o queijo ralado. Comemos em silêncio.

– Dom Agostino acha que você não é um homem adequado para o casamento. Está convencido de que você é uma pessoa amoral.

– Está enganado.

– Então, por que esteve com aquela prostituta?

– Por sua culpa. Sexualmente, deixa muito a desejar.

Ela corou de vergonha.

– Eu preciso de tempo. Você tem muito mais experiência e, de qualquer jeito, não gosto dessas coisas que quer fazer comigo. Parecem-me sujas, antinaturais entre duas pessoas que querem se casar.

– É o que você pensa ou o que Dom Agostino diz?

– Ele é o meu confessor.

– Mas não tem nenhuma experiência nesse campo. E está aconselhando-a mal. Por exemplo, em que pensa quando se masturba?

– Cale-se. Não quero falar dessas coisas.

– Em vez de levar as fantasias para o confessionário, deve levá-las para a cama. Nós nos divertiríamos e eu não sentiria necessidade de trepar com uma prostituta.

– Não use esses termos. Me enjoam.

– Por que Alfio a deixou?

– Isso não lhe diz respeito.

– Porque você não conseguia satisfazê-lo. Eis a verdade. Ele rompeu o noivado, eu fui buscar prazer em outra mulher. E o próximo, como acha que vai se comportar?

Caiu no choro. Decidi abrandar o tom da conversa. Ela já devia estar convencida de que minha saída noturna fora motivada pelas necessidades da carne.

Abracei-a forte.

– Eu amo você, Roberta. Não quero perdê-la. Juro pela memória de meu pai e de minha mãe que não ficarei com mais nenhuma mulher. Só farei amor com você. Sem forçá-la e respeitando sua sensibilidade.

Segurou meu rosto. Olhou bem nos meus olhos.

– Jura mesmo?

– Juro. Dom Agostino me fez compreender que o sexo é apenas um dos aspectos da vida em casal.

– Como gostaria de acreditar em você.

– Acredite e será feliz.

– Estou confusa. Primeiro a história do policial morto. Depois a humilhação de ser traída com uma mulher da rua.

– Não pense mais nisso. Pense em nosso futuro.

– Não consigo – respondeu desconsolada.

– Era mais bonita do que eu?

Sorri.

– Isso é impossível.

– Era uma negra?

– Não.

– Beijou-a na boca?

– Não.

– Usou preservativo?

– Sim.

– Quero saber o que fizeram.

– Aí já é demais. Seria humilhante para nós dois.

Mergulhou num silêncio carregado de tensão. Deixei-a em paz por algum tempo. Ofereci-lhe um cigarro e um copo. Liguei a televisão. Sintonizei na edição noturna de *Striscia la notizia*. O Gabibbo⁶ a deixava de bom humor. Servi-lhe uma fatia de *tiramisù*. Era seu doce preferido. E o cozinheiro da La Nena o preparava muito bem.

– Quer me fisgar pelo estômago? – brincou.

– Por todos os lados. Tudo para reconquistar seu coração.

Comeu duas fatias. Acompanhadas de marsala envelhecido. Então levantou.

– Vou pra casa.

– Fique aqui, por favor. Estar perto ajudará a nos reencontrarmos.

– Está bem. Estou mesmo cansada demais para dirigir até em casa.

Quando acordou, levei seu café na cama. Um *macchiato* e biscoitos Mulino Bianco.

– Quero tratá-la como uma princesa.

Sorriu para mim.

– Tenho que me apressar, senão chegarei atrasada no trabalho.

– Espero você para o almoço.

Servi-lhe *linguine al pesto*. Com muito parmesão. Seu humor tinha melhorado. Ainda que continuasse a se sentir cansada. E incomodada por uma persistente coceira no rosto e nas mãos.

– Está somatizando o estresse desses últimos dias, comentei. Logo vai passar.

Quando voltou, à noite, a coceira tinha piorado. E se estendido ao seio e à virilha.

– Vá para minha casa. Chegarei assim que possível. E não coma muito. Talvez seja uma intoxicação. Na geladeira tem iogurtes.

Esperei uma horinha. Então disse aos garçons que estava preocupado com minha noiva que não estava se sentindo bem. Pedi ao mais antigo que cuidasse do fechamento da taverna.

Quando entrei em casa, notei o copinho de iogurte no braço da poltrona. Peguei-o na mão. Vazio. Fui até o quarto. Roberta estava deitada na cama. De camisola. O rosto transfigurado pelos edemas rosa de uma grave erupção cutânea.

– Estou me sentindo mal, chame um médico.

– Não acho que seja o caso – disse.

Tocou no rosto.

– Meu Deus – gemeu. – O que está acontecendo comigo?

Sentei na beira da cama.

– Está morrendo, Roberta. Ingeriu uma quantidade excessiva de aspirina. E sabe o quanto o ácido acetilsalicílico é nocivo à sua saúde.

– O que está dizendo?

– Coloquei aspirina pulverizada em todos os alimentos que comi nas últimas 24 horas. Nos canelones, no leite, no parmesão...

– expliquei, enquanto colocava em sua bolsa a caixinha de comprimidos que utilizara.

– Você me envenenou.

– Sim. Lembrei que uma vez me disse ser alérgica a aspirina. Eu tinha uma tia com o mesmo problema. A coisa me impressionou na época, porque não conseguia acreditar que um remédio pudesse matar uma pessoa.

– Chame um médico, eu lhe imploro.

– Não é necessário. Meu diagnóstico está correto.

– Por que está me matando?

– Não posso permitir que saia por aí contando que viu Anedda aqui em casa. E que na noite em que ele morreu eu estava passeando pela cidade.

– Foi você?

– Sim. E não me pergunte por quê. Reze, isso sim. Como pude verificar hoje na biblioteca, segundo a literatura médica internacional, você vai bater as botas daqui a no máximo duas horas.

Pôs a mão no pescoço.

– Socorro, estou sem ar.

– É a crise respiratória. Está indo embora, minha bela.

Roberta se aferrou com unhas e dentes à vida. Começou a me maldizer. Sua voz estava afônica. E insuportável. Fui até a sala e liguei o som. A voz de Caterina Caselli encheu a casa

Bisognerebbe avere un cuore talmente puro

In questo fango vedere nascosto il cielo

Bisognerebbe amare davvero

*Non avere paura*²

Roberta, enquanto isso, ficara cianótica. Lábios e unhas azuis. Pelos movimentos dos lábios, percebi que estava encomendando sua alma ao Senhor. Olhei o relógio. Podia morrer por insuficiência respiratória ou por colapso cardiovascular. O importante era que

morresse. Assim que ficou inconsciente, chamei a ambulância. Apareci de pijama.

– Acordei e ela estava desse jeito.

Quando a carregaram na maca, ainda estava viva. Mas não resistiria. Tarde demais. Soltei um suspiro de alívio. Não aguentava mais bancar o apaixonado. Todas aquelas bobagens de novela que era obrigado a dizer me reviravam o estômago.

A autópsia revelou a causa da morte. Insuficiência respiratória. Os exames toxicológicos identificaram a substância que a provocara. Os pais afirmaram que nunca, jamais, em tempo algum, sua Roberta teria tomado ácido acetilsalicílico. Foram tão convincentes que uma dupla de policiais à paisana veio bater em minha casa. A taverna estava fechada por luto.

Representei o papel de homem destruído, mas não consegui impressioná-los.

– Sabia que sua noiva era alérgica a aspirina? – perguntou o sargento.

– Não, não sabia.

– Como não? – perguntou o cabo.

– Como não o quê?

– Como não sabia – explicou o outro.

– Ela nunca tinha me dito.

– O médico legista nos disse que ela levou um bom tempo para morrer. Você não notou nada?

– Roberta apareceu na taverna e disse que não estava se sentindo bem...

– Isso já sabemos. Interrogamos os empregados. A pergunta é outra.

– Quando voltei para casa, Roberta estava na cama. Estava dormindo...

– Não estava dormindo. Estava em plena agonia...

– Parecia estar dormindo. Coloquei o pijama e deitei também.

– E não percebeu nada?

– Não.

– Não lhe deu nem um beijo de boa noite?

- Não.
- Estranho. Os noivos e recém-casados sempre se dão o beijo de boa noite.
- Aquela noite não rolou.
- E como se deu conta de que sua noiva estava mal?
- Precisei ir ao banheiro. Acendi a luz. Percebi que Roberta estava com o rosto inchado e os lábios roxos. Chamei a ambulância imediatamente.
- Mas quando deitou não percebeu que ela estava com o rosto inchado.
- Não, ela estava deitada de lado.
- Ficaram calados por algum tempo, olhando-me com expressão perplexa.
- Como andava o relacionamento? – perguntou o sargento.
- Tivemos uns probleminhas, mas tudo tinha se ajustado.
- E de que tipo eram esses probleminhas?
- Não creio que possa lhes interessar.
- Sim, nos interessa.
- Não banque o idiota, Pellegrini – interveio o cabo. – Mesmo que estejam limpando sua ficha, para nós permanece sempre um criminoso. E, de criminosos, não temos piedade.
- Façam como quiserem.
- Dom Agostino nos contou uma história interessante.
- Está bem. Eu estive com uma puta.
- Lembra com qual?
- Não.
- Lembra ao menos onde?
- Na avenida periférica da zona industrial.
- Que dia foi isso?
- Levantei os ombros.
- Não lembro. Mas o que isso importa?
- Somos pagos para fazer perguntas. Mesmo aquelas pouco importantes.
- Quer ouvir uma importante?
- Abri os braços.
- Mandem.

- Foi você que deu aspirina para sua noiva?
- Não.
- Então onde ela a achou?
- Numa farmácia, imagino.
- Os pais dizem que isso é impossível. Ela sabia que a mataria.
- Então não sei.
- Nos dias anteriores à sua morte ela se queixou de dor de cabeça, cólicas, febre ou coisa assim?
- Ela me disse apenas que estava incomodada com uma coceira chata.

- Mais nada?
- Mais nada.

O sargento fechou sua caderneta e se dirigiu à porta, sendo prontamente imitado por seu colega.

Pôs a mão na maçaneta, então se virou para mim.

– Sobre a morte de Roberta, só se podem formular três hipóteses: acidente, homicídio ou suicídio. O acidente pode ser tranquilamente excluído. Ou decidiu morrer por causa da dor e da humilhação que lhe causou, ou foi você que a matou.

– Por que mataria Roberta? Eu a amava, queria casar com ela.

– Sim, o motivo – disse pensativo. – Se dependesse de mim, ficaria preso até o final das investigações, mas nenhum juiz assinaria um mandado de prisão baseado apenas em algumas suspeitas, sem um motivo preciso.

– Nos veremos em breve – acrescentou o cabo. – Quem sabe na prisão.

Fui para a cozinha preparar um café. Acendi um cigarro e o degustei com calma. Tinha me saído bem. Os tiras não tinham nada na mão. A investigação seria arquivada. Era só uma questão de tempo. Tinha certeza. Mas, pelo sim pelo não, liguei para Brianese.

– Não se preocupe, Giorgio – disse ele em tom compreensivo. – Falarei com o procurador. E pedirei para nossos amigos fardados intervirem. Garanto que esses dois não o incomodarão mais.

Sim, os amigos. No funeral estavam todos. Até os agiotas. Só os pais e os parentes de Roberta não olharam para mim na igreja. De

certa forma, culpavam-me por sua morte. Sante Brianese veio se sentar ao meu lado.

Apertou meu braço.

– Chegou a notificação do tribunal de vigilância. Você foi reabilitado.

Caí no choro. De felicidade. Conseguira. O pesadelo acabara. Podia finalmente ser alguém como os outros. Um entre outros. Enxuguei os olhos. Não via a hora de terminar aquele suplício. Alguém pegou minha mão. Era Martina. No seu olhar li a determinação de tomar o lugar de Roberta. Correspondi. Casaria com ela. E não mataria mais ninguém. Não precisaria. Finalmente, conseguira cortar todos os laços com o passado. O presente e o futuro eram representados por uma comunidade que tinha o senso da amizade e da solidariedade. E dos negócios. Eu seria considerado um estimado e honesto cidadão, comprometido apenas em ganhar seu pão. E em gozar seu dinheiro.

O cemitério estava iluminado por um belo sol quente. O triste cortejo seguia o carro fúnebre em absoluto silêncio. Ouvia-se apenas o rumor dos passos no cascalho das alamedas.

A minha coroa de flores era a maior. Na fita, mandei escrever “Arrivederci amore, ciao”. Não consegui pensar em outra coisa.

5 Designação dada à Arma dos carabinieri. [N.T.]

6 Gabibbo é um mascote do Canal 5 da TV italiana, criado em 1990 por Antonio Ricci. [N.R.]

7 Seria preciso ter um coração tão puro / Nesta lama ver escondido o sol / Seria preciso amar de verdade / Não ter medo. [N.T.]

Nota sobre o autor

Massimo Carlotto nasceu em Pádua, em 1956, e mora na Sardenha. Descoberto pela escritora e crítica Grazia Cherchi, estreou em 1995 com o romance *Il fuggiasco* [O fugitivo], publicado pelas Edições E/O e vencedor do prêmio do *Giovedì* 1996. Pela mesma editora publicou, além de *Arrivederci amore, ciao*, os seguintes romances: *La verità dell'Alligatore* [A verdade do jacaré], *Il mistero di Mangiabarche* [O mistério de Mangiabarche], *Le irregolari* [Os irregulares], *Nessuna cortesia all'uscita* [Nenhuma cortesia na saída] (prêmio *Dessi* 1999 e menção especial do júri do prêmio Scerbanenco 1999), *Il corriere colombiano* [O correio colombiano], *Il maestro di nodi* [O mestre dos nós] (Prêmio Scerbanenco 2002), *Niente, più niente al mondo* [Nada, mais nada no mundo], *L'oscura immensità della morte* [A escura imensidão da morte] e, com Marco Videtta, *Nordest* [Nordeste]. *Alla fine di un giorno noioso* (2012) é a continuação deste *Arrivederci amore, ciao*.

Seus livros foram publicados em vários países.

Massimo Carlotto também é dramaturgo, roteirista e colabora em jornais, revistas e com músicos.

Títulos da Vestígio



SETE DIAS EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque

Algumas garotas escondem terríveis segredos...

O mundo de Sarah transforma-se num pesadelo quando suas duas melhores amigas do passado, Amy e Lucy, são encontradas mutiladas no fundo de um lago. Sarah parece esconder um terrível segredo. É como se um laço misterioso ainda a ligasse a elas...

MEU PRIMEIRO ASSASSINATO | Leena Lehtolainen

Uma estreia de tirar o fôlego para Maria Kallio...

Em sua primeira investigação criminal, a policial finlandesa Maria Kallio tem um grande desafio: desvendar o misterioso assassinato de um jovem que passava um fim de semana na casa de seus pais em companhia de sete outros membros de um coral. Ele foi encontrado morto, afogado. Todos são suspeitos, mas apenas um é o culpado...

OS SETE CRIMES DE ROMA | Guillaume Prévost

Roma, 1514. Leonardo da Vinci conduz a investigação...

Na Roma do século XVI, são cometidos assassinatos tão violentos quanto estranhos. Encabeçam a investigação um jovem estudante de Medicina, Guido Sinibaldi, e nada menos que o gênio do Renascimento, Leonardo da Vinci. Um romance policial diabólico que, dos mistérios da biblioteca do Vaticano aos segredos das ruínas antigas, nos arrasta num jogo de pistas eletrizante, erudito e macabro.

A FERA INTERIOR | Lotte & Søren Hammer

Podemos fazer justiça com as próprias mãos?

Cinco corpos masculinos mutilados – castrados – e um rico empreendedor que denuncia na mídia a falta de firmeza da justiça dinamarquesa para com os pedófilos. O inspetor Simonsen, que tem experiência demais para não desconfiar das coincidências, logo compreende que está diante de um plano de grandes dimensões, cujos pormenores ainda desconhece...

ESTAVA ESCRITO | Gunnar Staalesen

O que realmente sabemos sobre nossos filhos?

As aventuras do detetive Varg Veum o levam a um mundo obscuro onde adolescentes privilegiados são atraídos para as drogas e a prostituição. E a situação fica ainda pior quando o juiz local é encontrado morto em um hotel de luxo, usando lingerie, e pais desesperados imploram para que Veum encontre uma garota desaparecida.

NA MENTE, O VENENO | Andrea H. Japp

Diane Silver inicia sua caça ao serial killer...

Diane Silver é uma das melhores profilers do mundo e trabalha na base de Quantico do FBI. Caçar serial killers é para ela uma questão pessoal: sua filha, Leonor, foi torturada e morta. Apesar de ser perita em traçar o perfil de um criminoso, Diane não consegue até hoje entender como Leonor, tão desconfiada, aceitou seguir aquele que seria seu assassino.

VESTIDO DE NOIVO | Pierre Lemaitre

Ninguém está a salvo da loucura...

Sophie, uma jovem mulher que leva uma vida pacata, começa a cair lentamente na loucura: milhares de pequenos e inquietantes sinais se acumulam e, de repente, tudo se acelera. Seria ela a responsável pela morte de sua sogra e de seu marido enfermo?

ASSASSINATO NA TORRE EIFFEL | Claude Izner

Crimes em série transformam livreiro em detetive

Paris, 1889, a cidade está em polvorosa com a Exposição Universal. Victor Legris, seu sócio Kenji Mori e seu amigo Marius Bonnet têm seu encontro na recém-inaugurada torre Eiffel subitamente interrompido: uma mulher acaba de morrer, vítima de uma estranha picada. A partir daí, tem lugar uma série de mortes inexplicadas que vão marcar a vida de Victor como investigador.

UM OUTONO EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque

Alguns garotos nunca perdoam...

Dois assassinatos perturbam a relativa tranquilidade de River Falls, que começava a se restabelecer dos sórdidos crimes de alguns meses antes. O que poderiam ter em comum um advogado brilhante, encontrado eletrocutado em sua banheira, e o cadáver de um mendigo, coberto de hematomas, resgatado do rio? É isso que o xerife Mike Logan, com a ajuda da célebre profiler Jessica Hurley, tentará descobrir.

MULHER DE NEVE | Leena Lehtolainen

Tensão e ameaças na nova investigação de Maria Kallio
No coração de uma floresta selvagem do sul da Finlândia, Elina Rosberg fundou seu centro de terapia destinado para mulheres com problemas ou vítimas de agressões. No dia seguinte ao Natal, seu corpo é encontrado na neve, com o rosto coberto pela geada. Acidente? Assassinato? A inspetora Maria Kallio, mesmo sofrendo ameaças, não se deixa abater e continua, com determinação, de um interrogatório a outro.

INDESEJADAS | Kristina Ohlsson

Crimes brutais marcam um verão sueco

Em meados de um verão chuvoso na Suécia, uma garotinha é sequestrada de um trem lotado. O inspetor Alex Recht e sua equipe, auxiliada pela analista criminal Fredrika Bergman, começam a investigar o que parece ser um caso clássico de disputa familiar pela guarda de uma criança. No entanto, quando a menina é encontrada morta no extremo norte da Suécia com a palavra "indesejada"

escrita na testa, o caso se transforma rapidamente no pior pesadelo dos investigadores: a caça a um assassino genial e brutal. E a pequena Lilian é a primeira de uma longa lista...

AMARGA VINGANÇA | Andrea H. Japp

Não há trégua para Diane Silver...

Diane Silver continua sua caça aos serial killers. A profiler do FBI se associou a Rupert Teelaney – também conhecido como Nathan Hunter –,

um dos homens mais ricos do planeta, para eliminar aqueles carrascos. Mas ela deseja, acima de tudo, encontrar a “cúmplice” que conduziu sua filha Leonor, de onze anos, até seu torturador... Enquanto isso, em Paris, Yves Guéguen tenta proteger a mãe de uma satanista assassinada por Nathan nos Estados Unidos. Diane agora tem uma nova presa, um novo predador para caçar.

APOSTA FATAL | Jean-François Parot

Nicolas Le Floch em trama sinistra na Paris do século XVIII

Em 1761, Nicolas Le Floch chega a Paris contratado como investigador pelo superintendente-geral da polícia do rei Louis XV e logo descobre a crueldade dos homens e a brutalidade das conspirações: em Paris, no mundo do crime, tudo gira em torno do jogo, da devassidão e do roubo, que se interligam por incontáveis labirintos. Um assassinato levará a uma investigação cheia de reviravoltas e revelações surpreendentes, que faz reviver a atmosfera, as ruas, os nobres e os mendigos, os ritos, os crimes e os mistérios da Paris do século XVIII.

ARRIVEDERCI AMORE, CIAO | Massimo Carlotto

Diário de um crápula

Giorgio Pellegrini, ex-militante de extrema-esquerda, traiu todos os seus antigos camaradas para fugir da prisão e lança mão de seu charme para seduzir as mulheres e roubá-las. Ele acaba pegando

gosto pelo crime ao tentar forjar um recomeço político que lhe permitiria entrar na alta sociedade.

O ASSASSINO E O PROFETA | Guillaume Prévost

Um thriller bíblico no coração da Palestina

Jerusalém, ano 6 d.C. As legiões romanas estão na Cidade Santa. O chefe dos fariseus é assassinado a sete dias da Páscoa e, costurado em sua boca, um pergaminho anuncia uma terrível punição divina contra Israel. Em seguida, o chefe dos saduceus também é assassinado. Em sua boca, a continuação da profecia: a vinda do Salvador ou o caos. Fílon de Alexandria, jovem filósofo judeu, tem apenas sete dias para impedir o impensável: um crime que poderia mudar a História.

RECURSOS DESUMANOS | Pierre Lemaitre

Ele só queria seu emprego de volta

Alain Delambre é um homem de 57 anos completamente desgastado e ressentido pelos quatro anos de desemprego que vem amargando. Ex-diretor de RH, ele encontra apenas subempregos. Quando um empregador finalmente resolve considerar sua candidatura para um cargo em uma grande empresa, Alain Delambre se vê pronto para qualquer coisa. Neste alucinante jogo em busca da cobiçada posição e do resgate de sua dignidade, Delambre percorre caminhos inesperados, que poderão levá-lo longe demais...

Copyright © 2000 Edizioni e/o
Publicado mediante acordo com The Ella Sher Literary Agency
Copyright © 2015 Editora Nemo/Vestígio

Título original: *Arrivederci amore, ciao*

DIRETOR DA COLEÇÃO
Arnaud Vin

PREPARAÇÃO
Cristina Antunes

REVISÃO
Eduardo Soares

CAPA
Carol Oliveira
(sobre imagem de Irina Munteanu www.flickr.com/skippedheartbeats)

DIAGRAMAÇÃO
Jairo Alvarenga Fonseca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Carlotto, Massimo

Arrivederci amore, ciao : diário de um crápula / Massimo Carlotto ;
tradução Fernando Scheibe. -- 1. ed. -- São Paulo :
Vestígio, 2015.

Título original: Arrivederci amore, ciao
ISBN 978-85-8286-090-8

1. Ficção policial e de mistério (Literatura italiana) I. Título.

14-09422

CDD-853

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério (Literatura italiana) 853

A **vestígio** é uma editora do **Grupo Autêntica**



São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034-4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214-5700

Teleendas: 0800 283 13 22
www.editoravestigio.com.br